

he Le na

ano 1

nº1 outubro 2012

uma publicação da
Secretaria de Estado da

Cultura



EDITÓRIA

Um mestre do velho e bom Colégio Estadual do Paraná, diante da persistente dúvida dos seus pupilos, eu entre eles, sentenciava com sua voz de barítono: começa-se sempre pelo começo. Eis uma lição que não deve ser esquecida – e que pode nos livrar de muitas enrascadas na vida.

Para produzir esta edição nº. 1 de Helena – que viaja ao Norte do Paraná – começamos pelo começo, passamos pelo cerne das questões, mas não chegamos a um fim. E essa é a parte boa de tudo isso, afinal seria triste se concluíssemos que no Norte não há nada a ser feito, que tudo está pronto. Não, definitivamente não! O Norte está em permanente construção.

Imaginamos que poderíamos, com o perdão da ousadia, (re)descobrir o Norte paranaense em tempo presente e com a mesma intensidade de antes. Inútil. A emoção está lá, mas desbravar o Norte é tarefa que não se conclui, é caminho só de ida; apenas adicionamos novos capítulos aos volumes de sua jovem mas densa história.

Contamos algumas novas e – muitas – velhas histórias a partir do olhar daqueles que delas fizeram parte – como agentes ativos ou apressados observadores da vida quotidiana. Escalamos 26 colaboradores – escritores, acadêmicos, jornalistas, fotógrafos, artistas – que têm em comum sua vivência pé-vermelha, o que nos garante, no mínimo, uma Helena apaixonada. Porque nada se compara ao prazer de viver histórias. E contá-las depois.

A edição traz narrativas sobre a influência britânica na colonização do Norte do Paraná, a importância do transporte ferroviário para o desenvolvimento da região, os fundamentos que permitiram a criação de suas cidades e a onda de prosperidade proporcionada pelo ciclo do café. Ao mesmo tempo em que nasciam forças políticas e uma cultura de resistência únicas no Paraná.

É provável que não haja, nos tempos modernos, um pedaço do globo que tenha oferecido, em tão pouco tempo, tantos exemplos de talento, rebeldia e maturidade. É emocionante ver como a poeira aspirada pelos pioneiros permitiu que, hoje, seus milhões de habitantes respirem o ar metropolitano que por ali se espalha. Afinal, se a terra é roxa e o ouro verde, há um sentido poético para além da realidade factual. É o que nos fascina e gratifica.

Começamos pelo começo, mas você pode desfrutar de Helena na ordem que melhor lhe convier. O que importa é que a leitura dessas histórias seja tão agradável para você quanto foi para nós produzi-las.

Boa leitura.

PAULINO VIAPIANA
Secretário de Cultura do Paraná



foto | João Urban



Da cor da emoção

Nasci pé-vermelho e tenho orgulho disso. Nesta terra rubra que gruda em tudo e em todos dei meus primeiros passos, colhi lições de vida e formei a base cultural e política que sustenta minha carreira e, por extensão, meu papel como cidadão. Não tenho dúvida de que a origem distingue tanto os homens quanto suas realizações – o que confere aos habitantes desta região valor histórico muitas vezes negligenciado.

A cultura pé-vermelha para a qual Helena fixou seu olhar, depois de sua estreia maravilhosa no número de lançamento, tem todas as cores misturadas em uma só cor, viva, pulsante, roxa – origem dos termos terra-roxa e sua derivação pé-vermelho, carinhoso sobrenome que agregamos aos nossos nomes como diferencial de identidade. E o assumimos porque sabemos que as águas do Tibagi proporcionaram o plantio deste mundo novo e dele veio o broto, chamado de Norte do Paraná, que encantou e encanta o mundo.

O Norte do Paraná é instigante e a sua cultura, em todos os seus aspectos, igualmente. É a cultura que assume identidade própria, democrática, diversa, diversificada, distinguível. Única e provocante, como o jeito alegre, extrovertido e trabalhador das pessoas deste pedaço que tem a terra mais fértil do planeta. Um pedaço do Paraná que nos distingue e alimenta.

Esta edição de Helena mostra um pouco da história do Norte paranaense. O desafio e o encanto do movimento colonizador e migratório na região, que espalhou visgo aos pés dos pioneiros, que incorporaram para sempre no dicionário regional palavras como coragem, ousadia, criatividade, inteligência, companheirismo.

Sou muito feliz por nascer e ter me criado em uma região que preserva hábitos, gostos, modos, vontades, dores, dificuldades e alegrias de uma gente com visão de futuro, em um colar de cidades, pérolas modernas alinhadas próximas umas das outras, que orgulham a humanidade por sua magia.

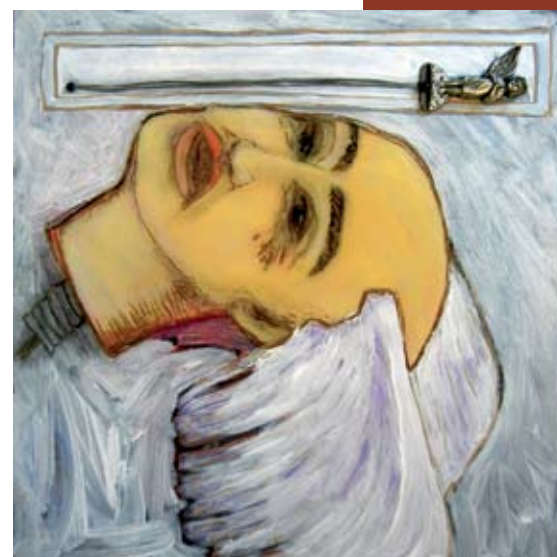
E eu, como autêntico pé-vermelho, só posso admirar esse desafio que a Revista Helena propõe de abordar a história, a gastronomia, a economia, a geografia, a vida de nossa gente, sua diversidade e riqueza cultural, que compõem o perfil múltiplo e progressista do paranaense.

BETO RICHA

Governador do Estado do Paraná

ÍNDICE

3	EDITORIAL Paulino Viapiana
5	ABERTURA Beto Richa
8	ZEBUS, PEROBAS, FIGUEIRAS e outras referências Domingos Pellegrini
12	MISSÃO MONTAGU Rogério Recco
20	NOS TRILHOS BRITÂNICOS, rumo ao interior do Paraná Renato Leão Rego
24	LEMBRANÇAS DO NORTE Laurentino Gomes
28	A FILHA DE LONDRES Paulo Briguet
34	UM ESTADO DE ESPÍRITO José Antonio Pedriali
38	A MAIOR CIDADE DO MUNDO Miguel Sanches Neto
42	ENSAIO FOTOGRÁFICO Haruo Ohara

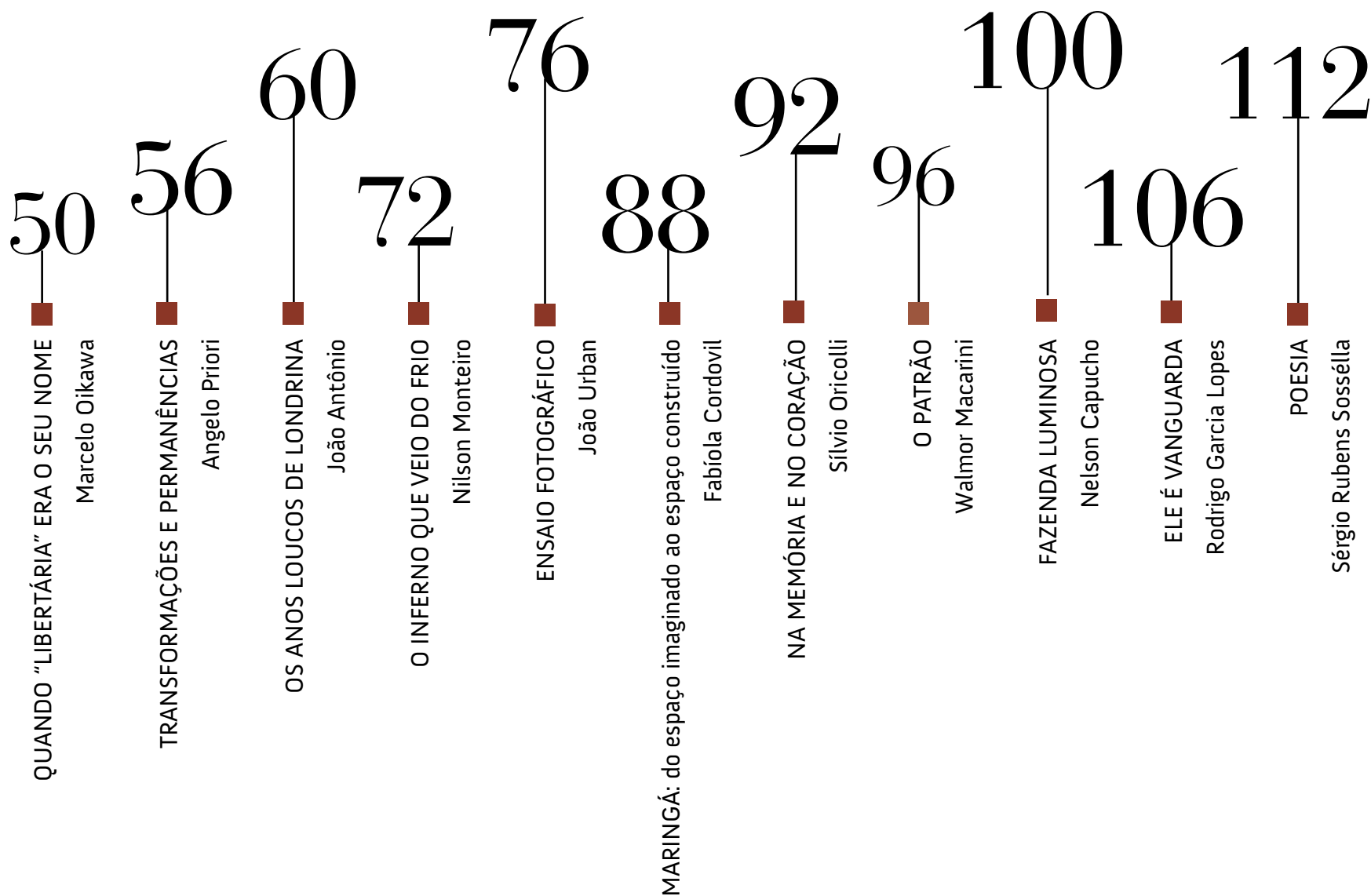




Letícia Marquez

da Série Híbridos - 2012

Letícia Marquez é artista plástica. Participou de exposições individuais e coletivas no Brasil e em países como França, Suíça e Japão. É autora de várias obras públicas em Londrina, entre elas a Torre do Sino da Igreja São Vicente de Paulo e a Capela do Juvenato Marcelino Champagnat.





Zebus, perobas, figueiras e outras referências

O ROMANCISTA **DOMINGOS PELLEGRINI**

RELEMBRA PERSONAGENS E INSTITUIÇÕES

ICÔNICAS DA COLONIZAÇÃO DE LONDRINA

O Norte do Paraná foi chamado Sertão de Tibagi nos mapas, durante dois ou três séculos, antes da colonização começar para valer nos anos 1930. O então chefe da primeira caravana, que abriu a clareira para Londrina, George Craig Smith, tinha apenas 22 anos, comandando mateiros experientes! Isso simbolizou nossa vocação para a precocidade. Depois da letargia, a pressa.

Doutor Clímaco, médico negro formado na Bahia, veio clinicar aqui quando Londrina ainda era cercada de mata e as serrarias uivavam noite e dia. Era o tempo da medicina ambulante: os médicos atendiam a pé, de carroça, a cavalo. Nos sítios, partos eram feitos sobre mesas escaldadas com água fervente. Mas, um dia, as freiras conseguiram abrir a Santa Casa, e o doutor negro, que chegaria a ser padrinho de batismo de 800 crianças, tinha duas malas médicas, preciosidades naquele tempo. Uma mala era usada, outra novinha, e ele doou uma delas para o pronto-socorro da Santa Casa. A mala nova. Símbolo da nossa generosidade e do nosso espírito social.

A figueira-branca era árvore indicativa de fertilidade: os colonos sabiam que, onde havia figueiras, a terra era boa. Mas é árvore de madeira inútil para tábuas, para móveis, até para lenha. Então, para abrir terras para a cafeicultura, as figueiras-brancas foram todas queimadas, junto com a mata derrubada, da qual só se tiravam as melhores madeiras. No bosque central de Londrina ainda há uma figueira, a simbolizar a cegueira ecológica dos nossos pioneiros.

“A figueira-branca era árvore indicativa de fertilidade: os colonos sabiam que, onde havia figueiras, a terra era boa.”

Mas, há alguns anos, a peroba-rosa, símbolo da nossa floresta intertropical, foi redescoberta e revalorizada, reciclada em móveis e decorações. Dela foram feitas as balsas, com que os pioneiros cruzaram os rios antes da ferrovia e das pontes. Também de peroba foram as primeiras casas, os primeiros postes, as primeiras porteiras, as primeiras pontes para as primeiras glebas. O campus da Universidade de Londrina é no chamado Perobal, porque ali se erguiam seis dezenas de perobas, agora menos de vinte, derrubadas pelos ventos — pois a peroba é nenê gigante, a mais recente espécie da floresta, no entanto a mais alta, com sistema radicular ainda pequeno para tamanho porte; daí a gigante, sem a proteção da floresta, cai nas ventanias. Agora, cada tombo causa um trauma. A peroba simboliza nosso aprendizado com o ambiente.

No Estado Novo, em 1943, o interventor Manoel Ribas veio a Londrina no Ford Bigode do governo estadual, apenas com motorista e um auxiliar, simbolizando a simplicidade oficial daqueles tempos. Inaugurou o Cadeião, que quase foi demolido há alguns anos, salvo por um grupinho de professores e estudantes que se botaram na frente do trator, e agora virará centro cultural. Mané Facão também inaugurou um órgão de tubos na Catedral, depois desmontado, remontado, rejeitado, agora sumido. Inaugurou ainda o Altar da Pátria, que o artesão Lauro Vargas esculpiu em diabásio bruto acampado na Praça Floriano Peixoto durante dois meses, e hoje está abandonado, riscado, pichado, esperando para se tornar pedestal daquela que poderá ser a primeira escultura monumental em local público em Londrina.

Não satisfeito, Mané Facão ainda foi inaugurar um bebedouro para cavalos, que seria demolido para construção de um posto de saúde odontológica, mas que, mesmo assim, poderia receber torneira e se tornar bebedouro público e histórico. O bebedouro foi usado durante décadas pelos cavalos do mais duradouro e último ponto de carroças em Londrina — mas, na inauguração, não havia fita inaugural e, então, Maneco Facão bebeu na concha da mão, dizendo “pronto, tá inaugurado”.

Quando Herbert Bartz começou com o plantio direto de soja/trigo em Rolândia, nos anos 1970, os vizinhos diziam que era louco, mas ele insistiu, plantando sobre a palhada da plantação anterior, sem gradear a terra. Os vizinhos riam, aquele tal plantio direto era muito esquisito... Décadas depois, a terra de Bartz, enriquecida pela matéria orgânica e quase sem mato, portanto sem precisar de herbicida, produz muito mais com custo muito menor. Mas hoje ninguém ri mais do Bartz, a maioria planta direto, porque no fim das contas, além de produzir bem mais, custa bem menos e não degrada o ambiente. Bartz simboliza a evolução de nossa agricultura.

Quando Celso Garcia Cid foi buscar zebus na Índia, mesmo sabendo que era proibido, disseram que era louco. Ele dizia que não, que não havia risco de trazer de lá doenças bovinas, e que o choque genético revolucionaria nossa pecuária. Gastou fortuna, viveu epopeia, arriscou ser preso e ver a boiada morta na praia e enterrada na areia, como queria o ministro da Guerra — é, até ministro da Guerra entrou na história. E, depois de vitorioso, quando “Seo” Celso botou os bois na sua Fazenda Cachoeira, pensaram que ele ia vender a preço de ouro, mas ele deu, vendeu barato, doou sêmen para todos os países tropicais — além de renovar totalmente a pecuária do Paraná com seu plano “troca-troca”, para que milhares de criadores trocassem, orelha por orelha, seus touros pelo duro por tourinhos nelore. Seu lema era: “Quando as coisas parecem difíceis, é só sinal de que devemos lutar mais”. Chamavam de teimosia sua persistência, mas seu nome hoje é símbolo de nossa tenacidade.

Quando Hosken de Novaes tornou-se governador por um ano, a imprensa da época, acostumada a receber subvenções do Estado, na forma de anúncios com preços altos, ameaçou uma sublevação, em reunião tensa no Palácio. Hosken reiterou que não ia gastar um centavo com propaganda, como também o governo não ia mais querer tratamento ameno do jornalismo, por conta dos anúncios bem pagos. E pediu licença, tinha de ir ao supermercado fazer as compras da semana, que levava para seu apartamento carregando nos braços e a pé. Hosken simboliza nosso melhor passado e nosso melhor futuro. ■



Missão Montagu

por ROGÉRIO RECCO

A VIAGEM CHEIA DE MISTÉRIOS DA CARAVANA BRITÂNICA AO BRASIL QUE, EM 1924, CULMINOU EM UM INTENSO E RENTÁVEL PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO NORTE E NOROESTE DO ESTADO

No apagar das luzes de 1923, o navio britânico Araguaya zarpava da Inglaterra em direção ao Brasil. Era o começo da viagem que ficaria conhecida como a Missão Montagu e acabaria interferindo no futuro de uma região brasileira ainda praticamente inexplorada: o Norte e o Noroeste do Paraná.

Os historiadores divergem sobre seus objetivos. A versão mais conhecida dá conta de que, em razão da enorme dívida brasileira para com os ingleses, o presidente da República, Arthur Bernardes, teria convidado financistas daquele país para estudarem a nossa debilitada economia, sempre dependente de empréstimos. Dizem também que, pressionado, Bernardes contava com a ajuda do grupo para alinhar caminhos que levassem a uma perspectiva de pagamento dos débitos e, de quebra, reformular o arcaico sistema tributário nacional, viabilizar um aporte de mais 25 milhões de libras e, quem sabe, animar os britânicos a fazerem novos investimentos aqui.

Há, no entanto, quem defenda que a missão tenha vindo não por vontade do governo brasileiro e, sim, para atender interesses de banqueiros alarmados com a nossa inadimplência, a má administração das finanças públicas e o fato de o Brasil estar pleiteando mais recursos. Entre os principais credores estava o influente grupo financeiro inglês N. M. Rothschild & Sons, que teria arquitetado a Missão Montagu em 1919 com o propósito de levantar riquezas em território brasileiro.

Lord Edwin Montagu, o comandante da delegação, era um homem preparado. Havia sido secretário de estado para as Índias e secretário financeiro do tesouro da Grã-Bretanha. Estava acompanhado, entre outros, do diretor do Banco da Inglaterra e presidente do Hong-Kong and Shanghai Banking, Charles Addis, do conde de Londres, Hartley Withers, e de Simon Joseph Fraser, o Lord Lovat, diretor da Sudan Plantations Syndicate.

O controvertido Lord Lovat não era de brincar em serviço e, na condição de típico aventureiro inglês, topava qualquer parada. A serviço de seu país, implantou cultivos de algodão no Sudão, foi membro do exército britânico e participou de diversas expedições pelo mundo, sem contar uma de suas maiores predileções – os safáris na África. Como era técnico em agricultura, foi convidado a compor a missão. Correntes assinalam que Lovat tinha a incumbência de analisar a possibilidade de a Sudan Plantations Syndicate fazer investimentos no Brasil. Contudo, essa afirmativa é contestada por alguns, justificando que a política econômica inglesa, naquele momento, não era simpática à concessão de créditos ao exterior e almejava apenas extrair o máximo possível de recursos em suas áreas de influência imperialista.

De qualquer forma, o navio trazendo a caravana atracou em 1º de janeiro de 1924 no Rio de Janeiro, onde a trupe deu início a seu trabalho, permanecendo duas semanas em meio a uma série de reuniões com empresários. No dia 15, se deslocou para São Paulo e a notícia ganhou espaço na imprensa, sabendo-se que Lord Lovat estaria de partida para o Paraná, onde estudaria a exploração de madeira. Como se percebe, o Lord e os britânicos já estavam de olho nas terras paranaenses.



Retrato de Simon Joseph Fraser, o Lord Lovat
Autor desconhecido | Acervo Museu Histórico da UEL

A surpresa

Preparando-se para a viagem, Lovat também foi atraído por uma matéria paga em um dos principais jornais paulistanos, propositalmente publicada para despertar o interesse do grupo visitante. O assunto era a construção, por particulares, da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná – na verdade, ainda um ramal da Estrada de Ferro Sorocabana, ligando Ourinhos (SP) e Cambará (PR). A ferrovia, cuja obra enfrentava dificuldades financeiras, teria importância fundamental para escoar o café produzido por fazendeiros da região.

Os jornais chegaram a publicar que Lovat considerava mesmo a possibilidade de investir capital britânico no país. Tanto que, sem perda de tempo, ele manifestou o desejo de avistar-se com os proprietários da ferrovia, e um encontro foi organizado por Gastão de Mesquita Filho, engenheiro responsável pela obra.

Um jantar foi preparado na Fazenda Água do Bugre, em Cambará, pertencente a Antonio Barbosa Ferraz Júnior, o Tônico Barbosa, dono de mais de um milhão de pés de café. Na oportunidade, o Lord foi recebido por Tônico, que estava acompanhado do prefeito de Jacarezinho, Willie Davids, e dos produtores Antônio Ribeiro dos Santos, Gabriel Ribeiro dos Santos e Manoel da Silveira Corrêa.

O diretor da Sudan Plantations Syndicate teria se encantado com as terras férteis e a grande produtividade da lavoura. Perspicaz, acabou ouvindo de Gastão de Mesquita Filho o que mais lhe interessava saber: o governo do Paraná oferecia enorme quantidade de terras esquecidas a quem chegasse primeiro. Além do grande volume de madeira, havia terras vermelhas de alta fertilidade sob a cobertura verde, detalhes que o inquietaram. Até essa época, a ocupação das terras paranaenses se resumia principalmente à região de Curitiba e aos Campos Gerais, ao litoral e a uma pequena parte do Norte Pioneiro.

O Lord convenceu-se quando o engenheiro, na condição de responsável pela estrada de ferro, garantiu-lhe o escoamento das madeiras e de outros produtos agrícolas pelo porto de Santos à Inglaterra. Sem esquecer que a referida linha valorizaria rapidamente as terras em seu entorno. Por fim, ao analisar mais detidamente o mapa do Paraná, ele observou o futuro traçado da ferrovia, passando por terras de preço muito baixo, de fácil aquisição e valorização explosiva. Era a certeza de lucros exorbitantes.

Um telegrama urgente foi transmitido ao gerente da Sudan Plantations, Arthur Huge Miller Thomas. O Lord desejava encontrá-lo em Londres com o objetivo de apresentar-lhe o achado e debater o assunto. O futuro de uma imensidão de terras, onde nasceriam muitas cidades, estava definido.

No mês de setembro de 1925, era fundada na Inglaterra a Parana Plantations Limited, que tinha como subsidiária no Brasil a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), uma das maiores corporações de capital privado instaladas em território brasileiro até então.

Lord Lovat acompanharia à distância o sucesso do empreendimento e retornaria ao Paraná apenas em 1931, dois anos antes de sua morte, para organizar a visita do Príncipe de Gales, Albert, que em 1936 se tornaria o rei Eduardo VIII – e no mesmo ano renunciaria à coroa para não perder o amor de uma plebeia. Tio da atual rainha Elizabeth II, consta que era um grande acionista da Parana Plantations.

Por alguns anos, a CTNP adquiriu propriedades para produzir algodão no estado de São Paulo. Mas desistiu da empreitada para se dedicar exclusivamente ao projeto de colonização em terras paranaenses. No dia 30 de junho de 1928, as ações da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná foram transferidas para a companhia. A ferrovia era um passo fundamental para a colonização.

Comprando muita terra a preço de banana

Sobre a Missão Montagu, historiadores afirmam ser lícito pensar que as terras adquiridas pela CTNP no Paraná deveriam lastrear supletivamente os débitos brasileiros com os capitalistas britânicos.

Seja como for, em depoimento ao livro *Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná*, escrito pelo jornalista Rubens Rodrigues dos Santos, em 1975, quando dos 50 anos da companhia, o advogado Hermann Moraes Barros, filho do primeiro presidente da CTNP, Antônio Moraes Barros, explicou como foi feita a aquisição de uma grande área de terras junto ao governo do Estado.

Segundo ele, os estudos preliminares, elaborados ainda em 1925, quando seu pai examinava a legitimidade dos títulos das terras oferecidas à companhia, demonstraram que a empresa deveria fixar seu campo de ação numa área situada entre os rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí. Essa região, pontuou Barros, era disputada ferozmente por grupos antagônicos constituídos por posseiros e por possuidores de concessões outorgadas pelo governo do Paraná.

A contenda era um desafio a ser superado pelos colonizadores britânicos. “Se não se eliminassem essas dúvidas, ninguém teria coragem de aplicar dinheiro na compra de terras que a companhia pretendia lotear”, disse Barros. O plano posto em prática buscando o apaziguamento foi dispendioso, mas seguro, como ele esclarece: com a aprovação prévia do governo do Estado, a companhia adquiriu títulos de concessões inseguros e posses referentes a uma área de 415 mil alqueires. Em seguida, fez uma proposta às autoridades: se o governo vender à empresa essas mesmas terras pelos preços estabelecidos em lei, os papéis discutíveis seriam rasgados, acabando de uma vez por todas com o litígio.

“Assim, embora pagando duas ou até três vezes mais pelas terras, a companhia assegurou a si o direito líquido e inquestionável sobre a terra negociada”, citou Barros. Entre 1925 e 1927, foram feitas mais algumas compras, totalizando 515 mil alqueires de mata.

A CTNP adquiriu a maior parte das terras – 450 mil alqueires – em 1925, pela quantia de 8.712 contos de réis, diretamente do governo do Paraná. A falta de vias de acesso na região contribuiu para que o preço das terras

Vista da primeira derrubada de 10 alqueires feita pela Cia.
no Patrimônio Três Bocas (Londrina). Agosto de 1929.
Autor | George Craig Smith | Acervo Museu Histórico da UEL



fosse fixado por lei “em níveis aparentemente muito baixos”, como o próprio livro destaca: cerca de 20 mil réis por alqueire.

As terras seriam depois vendidas aos colonos a 400 mil réis o alqueire, sendo que as despesas com demarcações, bem como construção de estradas e ferrovia, ficariam por conta da companhia.

Os planos iniciais definiam, portanto, que haveria uma única estrada de ferro, a qual deixaria núcleos de colonização. Por sua vez, os lotes rurais deveriam ter, no máximo, 15 alqueires paulistas. Como eram terras com muitos rios e ramificações de afluentes, os lotes poderiam ser divididos todos com acesso à água numa ponta e estrada na outra. Seriam finos e compridos.

Para alavancar o empreendimento, uma grande campanha publicitária foi desfechada em praticamente todo o território nacional e também na Europa. Vendia-se a região como uma espécie de novo eldorado, um lugar onde se poderia comprar uma propriedade rural em condições facilitadas e fazer a vida em poucos anos. Se a opção fosse pelas cidades, era o momento de abrir um estabelecimento comercial e atender ao intenso movimento de famílias, com muitas mudanças chegando todos os dias.

Fragmentação

Como se disse antes, Lovat havia acatado a sugestão dada por Gastão de Mesquita Filho: fragmentar toda a área em pequenos pedaços, de modo a oferecer oportunidade para que milhares de pessoas, provenientes de todas as partes do país e até do exterior, pudessem adquirir terras e viver da agricultura. Do cafeicultor Tonico Barbosa partiu a ideia, também acolhida, de que o café, então um produto de grande valor econômico, servisse como uma espécie de âncora para as propriedades que iam sendo abertas.

Ou seja, criaram-se condições para que inúmeras pessoas pudessem vislumbrar prosperidade: as terras eram vendidas diretamente pela companhia e pagas ao longo de vários anos com recursos provenientes do próprio cafezal. Fez-se o mesmo nos núcleos urbanos, com a comercialização em larga escala de dezenas de milhares de terrenos comerciais e residenciais.

“Vivemos aqui uma segunda corrida à Califórnia”, garante o ex-empresário Osvaldo Chiuchetta, de Maringá, dando ideia da dimensão e da intensidade com que as pessoas iam chegando nas décadas de 1930, 40 e 50, movidas pela expectativa de acumular riqueza. Eram em sua maioria paulistas, mineiros, nordestinos, paranaenses de outras regiões e povos de diversas nacionalidades, entre os quais portugueses, alemães, japoneses, espanhóis, italianos e libaneses. Por pouco, a Companhia não atraiu uma leva de iraquianos – proposta combatida por lideranças, que alertavam para seu espírito bélico.

No dia 20 de agosto de 1929, deu-se o primeiro passo para o reconhecimento da região ainda virgem, balizada pelo curso dos rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí. Integrando o grupo pioneiro, estavam, entre outros, o jovem paulista descendente de ingleses George Craig Smith, o agrimensor russo Alexandre Razgulaeff, o alemão Kurt Jacovatz e peões contratados para o trabalho de campo.

Em 2006, aos 96 anos, poucos meses antes de morrer em Apucarana, amargurado pela perda da esposa, Kurt Jacovatz falou com exclusividade sobre aquela aventura. “Em Ourinhos, já nos esperavam o encarregado da Companhia, senhor Smith, e um caminhão Ford 29, prevenido para viajar naquele imenso sertão. Conforme informações, as terras estavam a uma hora de viagem adiante de Cambará, mas viajamos um dia e uma noite. Pernoitamos na Serra Morena num pequeno rancho feito com lascas de coqueiro. À noite, no meio da selva, percebemos que havia índios

ali. Dormimos todos juntos, mais apertados que sardinha. A viagem continuou num picadão meio largo, cheio de buracos e banhados. O Rio das Cinzas e o Rio Laranjinhas eram atravessados por pontes improvisadas. Chegamos a Jatahy e, por uma clareira no meio do mato, avistamos o Rio Tibagi. Por uma balsa que a Companhia construiu, chegamos ao outro lado. Seguimos a viagem em lombo de burro até um acampamento com abertura de 10 alqueires. Ali foi construído o primeiro hotel campestre da colonização. Alguém falou: ‘O povo não vem morar num lugar desses com a família’. Estava enganado. Prosseguimos por uma picada até o primeiro córrego, de nome Quati, e atravessamos pelo lugar onde estava o terreno reservado para a futura cidade de Londrina.”

Jacovatz trabalhou durante vários anos como auxiliar de Alexandre Razgulaeff e Carlos Rotemann, que estavam entre os primeiros engenheiros e topógrafos. Em 1933, eles fundaram o Patrimônio de Rolândia, que teve Oswaldo Nixdorf como o seu primeiro colono, vindo de Bremen, Alemanha. Pouco tempo depois, em 1936, chega ao lugar uma das primeiras famílias de judeus alemães: os Kaphan.

O menino Klaus tinha apenas 9 anos quando ele e duas irmãs, trazidas pelos pais agricultores, deixaram seu país, onde a família se sentia ameaçada pelo nazismo. Com o dinheiro da venda de uma pequena propriedade, os Kaphan recorreram ao escritório da Parana Plantations Syndicate na Alemanha, e negociaram a aquisição de terras. Na época, praticava-se uma espécie de “operação triangular”, como era chamada a transação que permitia às famílias saírem da Alemanha: o interessado em emigrar pagava pelo lote de terra e recebia um título de posse. Com o dinheiro, a empresa comprava material ferroviário junto ao governo alemão, que seria destinado à construção da ferrovia em terras paranaenses. O lote seria entregue quando a família chegasse a Rolândia.

Nascido em 1926, Klaus – cujo nome no Brasil ficou sendo Cláudio – tem atualmente 86 anos. A chegada de sua família ao Brasil, pelo porto de Santos e com passagem por São Paulo, está viva em sua memória. “O trem partia da Estação Júlio Prestes às 20 horas e chegava a Ourinhos pela manhã, onde a gente fazia baldeação para o trem da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná, uma linha de bitola estreita por onde, quando tudo dava certo, se chegava a Rolândia às 18 horas do dia seguinte. Durante toda a viagem, nós, as crianças, tivemos que usar guardapós e luvas brancas, por causa da sujeira. Antes de cruzar a ponte do Rio Tibagi, fomos aconselhados a tomar água tônica de

quinino para evitar malária. Chegamos a Rolândia com a roupa perfurada pelas fagulhas expelidas pela locomotiva do trem.”

Em Rolândia, segundo Cláudio, a casa que usavam provisoriamente, em 1936, era bastante primitiva. “As janelas não tinham vidros e as únicas vidraças eram em cima das portas. Também não havia forro nos quartos. Ainda eram poucas casas, todas de madeira, sem água encanada e eletricidade, com os sanitários no fundo do quintal. Em vez de papel higiênico, usava-se o *Manchester Guardian*, jornal inglês trazido na viagem, e, mais tarde, o *Estadão* – devidamente cortados em pedaços quadrados, enfiados num barbante para pendurá-los na parede. A água vinha de um poço perfurado há poucos metros da fossa do banheiro e era puxada num balde preso a uma corda. Como chuveiro, havia um outro balde pendurado no banheiro, com uma torneira e ducha adaptados ao fundo. Dentro de casa, tínhamos móveis simples, bancos de tábuas apoiadas em caixas de madeira, nas quais vinham latas de querosene, algumas cadeiras, fogão a lenha, camas e caixões de madeira feitos na Alemanha que, colocados de pé, serviam de armários. Logo na chegada, meus pais compraram uma geladeira a querosene para poder conservar alguns alimentos.”

Britânicos até 1943; depois, brasileiros

A colonização empreendida pelos britânicos durou até 1943, quando, por causa da Segunda Guerra Mundial, a Inglaterra determinou que todos os ativos no exterior fossem vendidos para repatriamento compulsório do capital. Em lugar da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), surge a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), agora pertencente ao engenheiro Gastão de Mesquita Filho e ao banqueiro Gastão Vidigal. Por sua vez, a Estrada de Ferro São Paulo-Paraná seria absorvida no mesmo ano pelo governo federal.

Os planos para a empresa, agora controlada por brasileiros, não apenas seriam mantidos como ampliados. Depois de Londrina e região, colonizados na década de 1930, começava a “Marcha para o Oeste”, que previa abrir uma nova fronteira de negócios em Maringá nos anos 1940, outra em Cianorte na década seguinte e a última em Umuarama, nos anos 1960.

Maringá foi concebida para ser a “menina dos olhos” da CMNP e, para tanto, projetou-se para ela o desenho de uma cidade jardim, devotada ao verde e à qualidade de vida da população. Deveria, igualmente, ter ruas e calçadas largas, evitando repetir erros urbanísticos cometidos em Londrina.

A empresa manteve inclusive a fórmula de investir pesado em propaganda pelo Brasil e, por muito tempo, as terras de Maringá foram cobiçadas por famílias que sonhavam fazer fortuna. Em 1949, dois anos depois da fundação da cidade, o paulista Joaquim Romero Fontes comprou uma pequena fazenda de café nas imediações, acertou uma grande safra e teve a sorte de o preço do produto disparar, o que se repete no ano seguinte.

Assim, ao cabo de apenas duas safras, estava estruturado financeiramente, passando a investir em novas terras. Chegou a ter mais de 400 mil pés de café em municípios do Norte e Noroeste do Estado, empregando cerca de 2 mil trabalhadores. Rico, tornou-se uma figura proeminente na cidade e, em 1951, integrou um grupo que foi ao governador Moysés Lupion reivindicar a autonomia do município, desvinculando-o de Mandaguari.

A história de Fontes, que completou 96 anos em junho, guarda similaridade com a de muitos outros produtores que chegaram pobres e fizeram fortuna rapidamente com café. “A Companhia foi uma mãe para muita gente”, diz ele, explicando que os lotes de terras eram vendidos a prazo. “Se o comprador se apertasse por causa de uma geadas, eles davam mais tempo”, acrescenta.

Mas nem todo mundo se deu bem na lavoura. O próprio Fontes afirma ter visto gente empobrecer. “Muitos anoiteciam ricos e amanheciam pobres quando vinha uma geadas forte, era de dar pena”, recorda-se. Segundo ele, como grande parte dos cafeicultores que se instalava na região não tinha tradição na cultura, desesperava-se diante do infortúnio, vendia o que podia e retornava para o lugar de onde tinha vindo, passando a falar mal do Paraná. Já os produtores de verdade sobreviviam às geadas porque mantinham cultivos de subsistência e conseguiam tocar a vida. Para estes, a geadas fazia parte da rotina.

Apesar de ter concebido Maringá em berço de ouro e com todos os mimos, a CTNP virou adversária política dos primeiros prefeitos do município e não conseguiu emplacar nenhum de seus candidatos. Estopim curto, o prefeito Inocente Villanova Júnior (1952-1956) não era de aguentar desaforo. Quem conta é o primeiro funcionário público da cidade, Antonio Mário Manicardi, de 87 anos.

Eleito pela comunidade humilde da Vila Operária, onde residia, o PTB de Villanova suplantara a poderosa UDN do candidato Valdemar Gomes da Cunha, representante da elite, incluindo os próceres da Companhia Melhoramentos. Com os diretores da empresa, portanto, não havia diálogo. E, muito embora o diretor-geral Hermann Moraes Barros tivesse prestigiado a sua posse, Villanova não o engolia.

Logo nos primeiros dias da administração, Barros solicitou uma audiência ao prefeito e foi recebido por este sob as vistas de Manicardi, cuja presença na sala havia sido uma determinação do chefe do Executivo. Segundo Manicardi, foi um encontro explosivo.

Barros tentava, em nome da Companhia, permutar a cobrança do IPTU dos imóveis da empresa por serviços de manutenção das ruas. O prefeito reagiu furioso: “Ele deu um chute na mesa e, em alto e bom som, disse que a Companhia teria que pagar os impostos como qualquer um”. Fim de papo, na hora.

Agora, o esquecimento

Durante décadas, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) e depois a sua sucessora Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) tiveram papel preponderante no desenvolvimento das regiões Norte e Noroeste do Estado, abrindo estradas, implantando ferrovia, fundando dezenas de municípios e realizando um modelo de colonização semelhante a uma reforma agrária, baseada em pequenas propriedades rurais.

A CMNP continua operando, mas converteu sua atenção, exclusivamente, às dezenas de fazendas em que se dedica à pecuária de corte e à produção de cana-de-açúcar (para duas usinas de sua propriedade nos municípios de Jussara e Jacarezinho), grãos e seringueiras. É a maior produtora de látex do Estado e, possivelmente, uma das maiores proprietárias rurais, com área total de 16 mil hectares.

Nas regiões colonizadas pela empresa não se tem notícia de conflitos por terras como os que aconteceram em municípios próximos ao Paranapanema, marcados por grilagens, ação de jagunços e os temíveis “quebra milhos”.

A passagem dos britânicos pelo Norte do Paraná, apesar de ter durado apenas 18 anos, deixou marcas que hoje diferenciam positivamente a região e serviu de escola para que a CMNP, sucessora da CTNP, aprimorasse o projeto de colonização.

Excetuando a denominação Londrina e algumas ruas nas cidades que receberam o nome de poucos desbravadores ingleses, como o diretor-geral da CTNP, Arthur Thomas, pode-se dizer que pouca coisa restou da presença britânica por aqui. Até mesmo Lovat, cujo nome identificou o atual município de Mandaguari em seus primeiros anos, é quase um ilustre desconhecido. ■

Rogério Recco é jornalista e autor de dez livros, a maioria sobre temas relacionados ao desbravamento do Norte do Paraná.

Nos trilhos britânicos, rumo ao interior do Paraná

por RENATO LEÃO REGO

A CONSTRUÇÃO DA FERROVIA SÃO PAULO-PARANÁ
FOI ACOMPANHADA POR UM FLUXO DE TRANSFORMAÇÕES
DECISIVAS PARA A COLONIZAÇÃO DO NORTE DO ESTADO



Ponte ferroviária sobre o Rio Tibagi. Década de 1930.
Autor | José Juliani | Acervo do Museu Histórico da UEL

O trem trouxe os britânicos para o Norte do Paraná e os levou embora. A exploração do transporte ferroviário era o seu principal interesse comercial naquela região, e o empreendimento prosperou na medida em que se prolongava a Estrada de Ferro São Paulo-Paraná e crescia o transporte de passageiros e grãos – especialmente o “ouro verde”. Mas, com a iminência da nacionalização das ferrovias – que o governo federal acabou por levar a cabo –, os empreendedores britânicos decidiram liquidar o negócio norte-paranaense e encerrar suas atividades no Brasil em 1944.

Eles haviam chegado na segunda metade dos anos 1920, entusiasmados com o potencial da terra fértil, ainda inexplorada. Vieram para o Norte do Paraná com o mesmo propósito que os levou a empreender em outras partes do globo: especulação fundiária e exploração de serviços públicos. Constituíram a empresa Parana Plantations Ltd no coração financeiro de Londres e lá reuniram investidores que, motivados por interesses privados, almejavam promover benfeitorias e levar a prosperidade a inúmeros brasileiros. E isso implicava na construção da infraestrutura atraente para o assentamento de colonos e necessária para o desenvolvimento regional. Em outras palavras: cidades e ferrovia.

Com efeito, os novos centros urbanos, a pronta acessibilidade e um grande número de agricultores fizeram o sucesso do empreendimento britânico no Norte do Paraná. Nesse negócio, a urbanização estimulava o interesse dos colonos e, para levá-la adiante, o ganho obtido com a venda sistematizada de sítios foi frequentemente reaplicado no próprio desenvolvimento da região – em particular na fundação de cidades, que ofereciam serviços, produtos, entretenimento. Em contrapartida, a zona rural oferecia trabalho e prosperidade, e o transporte da colheita e dos passageiros garantia a rentabilidade do negócio ferroviário e os dividendos dos acionistas.

Os trilhos da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná, implantados pelos britânicos, ainda cruzam boa parte dos 500 mil alqueires que conformavam a sua antiga propriedade. Originalmente, a Parana Plantations pretendeu comprar a Estrada de Ferro Sorocabana e construir um pequeno ramal que conectasse suas terras com a ferrovia paulista ao norte. Como a negociação não se viabilizou, a conexão teve de ser feita em Ourinhos. De lá, a São Paulo-Paraná percorreu um trajeto mais longo, rumando a sudoeste até Cianorte, onde acabou interceptada. Ainda assim, as 14 locomotivas, 18 carros de passageiros, 73 vagões cobertos, 10 gôndolas com borda, 80 gôndolas simples e 22 gaiolas atestam o intenso movimento da ferrovia no norte-paranaense no começo dos anos 1940.

Ao longo da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná, a Parana Plantations fez fundar, em sequência, as cidades de Londrina, Nova Dantzig, Araçongas, Itambé, Apucarana, Pirapó, Jandaia, Lovat; assim também viriam a ser fundadas Marialva, Sarandi, Maringá e tantas outras, mesmo depois da partida dos britânicos. Acompanhando os interflúvios, a linha do trem estabeleceu um cordão de cidades novas planejadas, todas elas plantadas nas partes altas do terreno e bastante próximas uma da outra. E este planejamento em rede das cidades, da zona rural e do transporte ferroviário continua sendo uma lição válida para o atual planejamento urbano e regional.

A maioria destas cidades foi projetada com traçado ortogonal e bastante regular – um método prático, barato e eficiente de se parcelar o solo. Mas este traçado geométrico acabou sempre ajustado às condições do terreno, evitando a padronização das áreas urbanas e dando à planta de cada uma delas uma forma distinta.

A chegada do trem a estas cidades aconteceu quando elas já contavam com uma população considerável e uma vida urbana estabelecida. Ou seja, as cidades novas do Norte do Paraná foram construídas antes da construção da via férrea. Mas foram planejadas a partir da ferrovia, pois a parada do trem foi, na origem, o ponto de partida de cada projeto urbano. Com isso, a estação ferroviária se tornou a porta de entrada de cada cidade.

A praça diante da estação recebia o visitante, o imigrante e o inglês diretor da companhia. Dali ao centro da cidade, onde os principais edifícios públicos se reuniam em torno da praça central, era apenas uma pequena caminhada. As primeiras construções, de madeira, logo deram lugar a edificações de alvenaria e a outras benfeitorias. Em Londrina, por exemplo, podia-se notar, em 1932, 40 habitações, lojas e o hotel construído com tijolos produzidos ali mesmo; dois anos depois, a cidade somava 600 casas e, em 1939, a população urbana atingiu 7 mil habitantes, que contavam com serviço de energia, abastecimento de água, escolas e fábricas.

A mata derrubada aos poucos ia dando lugar à geometria das ruas, quadras e lotes diligentemente riscados no chão de terra vermelha por topógrafos e agrimensores. Muitos deles eram imigrantes, recém-chegados ao Norte do Paraná graças à propaganda britânica nos trens da Sorocabana, em cidades europeias e através de cartões postais publicados em português, inglês e japonês. Esta propaganda fazia o sonho do imigrante, tal como relata Domingos Pellegrini em seu livro *Terra vermelha*: “À noite, enrolado na manta, dormiria olhando as estrelas e pensando na tal terra-vermelha depois do Tibagi, conforme tinha contado o inglês”.

Ao promover este grande empreendimento de colonização norte-paranaense na Europa Central, os diretores da companhia inglesa chegaram a montar um esquema conhecido como “trem por terra” para facilitar a imigração de alemães. De acordo com este esquema, alemães interessados em imigrar adquiriam uma carta da terra provisória ao depositar uma certa quantia em dinheiro nas contas da Parana Plantations na Alemanha. Desse modo, a empresa capitalizada podia comprar trens alemães e os novos colonos imigrantes, sem dinheiro graúdo, podiam deixar seu país de origem mais facilmente, sabendo que no seu destino já seriam donos de uma área rural.

Em 1931, o Lord Lovat, idealizador do empreendimento no norte-paranaense e diretor da Parana Plantations, chegou a trazer o então Príncipe de Gales, futuro rei da Grã-Bretanha, e seu irmão, o duque de York, para conhecer as transformações que ocorriam no Norte do Paraná. Um portal adornado com as três plumas brancas – símbolo do príncipe – e encimado pelas bandeiras do Paraná e do Reino Unido foi construído em Cornélio Procópio para dar as boas-vindas aos visitantes ilustres.

Eles não chegaram a visitar Londrina, recém-fundada, nem cruzaram o Tibagi pela ponte metálica que seria construída pelos britânicos um par de anos mais tarde. Mas viram o avanço da ferrovia. Como Lovat, cada diretor da empresa inglesa que visitava o Norte do Paraná reportava aos acionistas o sucesso do empreendimento, o progresso local e a extensão da estrada de ferro.

Em geral, a história dos britânicos no Brasil envolveu aventura, comércio e engenharia e, no Norte do Paraná, ela não foi diferente. A ferrovia que construíram foi acompanhada por um fluxo de transformações. Junto com a construção de cidades novas planejadas, a ferrovia fez parte do espetáculo do progresso no interior do Estado. ■



Marcom

N Lembranças do Norte

LAURENTINO GOMES REFLETE SOBRE OS IMPASSES
DA ECONOMIA PARANAENSE DA DÉCADA DE 1960
A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE SUA PRÓPRIA FAMÍLIA



Eu me lembro de uma noite gelada e do ronco monótono do motor de um caminhão no distante ano da graça de 1966. Na carroceria, cinco homens – eu, meu pai e meus três irmãos menores. A mãe viajava na cabine, lugar mais confortável para uma mulher vencer o incessante sacolejo de uma estrada de terra esburacada e traiçoeira do interior do Paraná. Fazíamos a mudança de Água Boa, distrito rural de Paiçandu, na região de Maringá, para Pérola do Oeste, entre Umuarama e Guaíra.

Para trás ficavam os nossos primeiros anos de infância, o barro e a poeira da terra roxa. Pela frente, muita areia e o futuro incerto em uma região nova, recém-desbravada. Antes de partir, nosso pai organizara em cima do caminhão um abrigo de colchões de palha, lençóis de algodão cru, cobertas de lã e travesseiros de pena. Vestíamos pijamas de flanela e viajávamos acomodados entre a mobília amarrada por cordas, sob o toldo de uma lona encardida pelos muitos anos de uso no terreirão de café. Apesar da noite fria lá fora, ali debaixo da lona era quente e aconchegante.

Mais velho de quatro irmãos, eu acabara de fazer dez anos. Depois vinham Sérgio, com oito, Jaime, com seis, e Edno, o mais novo, com apenas quatro. Nosso pai, João Inácio, era mineiro de Brasópolis. Chegara ao Paraná com a família na década de 1940, morando primeiro em Cambará, no chamado Norte Pioneiro, depois em Mandaguari e Maringá, cidades de cuja fundação participara meu avô, Inácio Tertuliano. Nossa mãe, Maria Ascensão, paulista de Presidente Prudente, era neta de imigrantes italianos trazidos ao Brasil no final do século 19 para substituir a mão de obra escrava nas fazendas de café do interior de São Paulo.

A mudança naquela madrugada de 1966 era para mim e meus irmãos uma grande aventura. Nunca tínhamos ido tão longe em nossos ainda escassos anos de vida. Iríamos percorrer pouco mais de duzentos quilômetros de estrada, mas parecia que viajávamos para a Lua. Com exceção de algumas poucas e rápidas visitas à casa dos avós maternos, em Mandaguari, jamais tínhamos atravessado uma noite fora de casa – menos ainda na carroceria de um caminhão.

De repente, um posto de gasolina. Lugar ermo e desabitado, na beira de um grande rio, o Ivaí. O pipocar fantasmagórico de um motor a diesel alimentava uma lâmpada indecisa, a única existente num raio de muitos quilômetros. Em volta, tudo breu, escuridão absoluta. O motorista parou para reabastecer e tomar um café requentado.

— Quem quer fazer xixi?, perguntou nosso pai.

Queríamos, sim, mas como sair daquele ninho provisório e confortável? Como enfrentar o frio lá fora descalços, sem lanterna para mostrar o caminho? Em silêncio, nosso pai levantou-se, foi até a amurada da carroceria e dali mesmo começou a urinar na areia fofa da estrada deserta. Seguimos seu exemplo de imediato. Foi a nossa primeira demonstração coletiva de virilidade em família: cinco Gomes fazendo xixi de cima de um caminhão numa noite escura do norte paranaense no ano de 1966.

Lembro-me de ter erguido a cabeça e visto o céu estrelado. Uma infinidade de pontos luminosos preenchia o firmamento acompanhando os contornos da Via Láctea. Bem no meio do rastro luminoso, Vênus, a Estrela da Manhã, brilhava com todo o seu fulgor de uma madrugada de inverno no hemisfério sul.

A mudança de Água Boa para Pérola era parte de um fenômeno que afetava milhões de paranaenses do Norte naqueles anos. A fronteira agrícola se movia para o oeste. O café, que fizera a prosperidade de Londrina e Maringá nas décadas anteriores, começava a dar lugar à soja. Não haveria terras suficientes para todos. Era preciso ir adiante.

Nasci em Maringá, na casa do meu avô paterno, mas passei toda a infância em Água Boa. Vida simples, distante de tudo, pautada pelo trabalho árduo na roça e pelas missas, terços e procissões aos domingos e dias santos. As notícias chegavam pelo rádio à pilha na voz de Heron Domingues, o *Repórter Esso*, minutos antes de começar *A Voz do Brasil*. Foi pelo *Repórter Esso* que soubemos do lançamento do satélite artificial Sputnik, em 1957, cujo formato serviria de inspiração para a catedral de Maringá, idealizada pelo bispo Dom Jaime Luiz Coelho e projetada pelo arquiteto José Augusto Bellucci. Quatro anos mais tarde, Yuri Gagarin, primeiro ser humano a entrar em órbita, anunciaria que a terra, vista do espaço, era azul. Também pelo *Repórter Esso* tomamos conhecimento da conquista

**“Meu pai sequer tinha terra.
Cultivava um pequeno sítio
de propriedade do meu avô.”**

dos primeiros títulos mundiais pela seleção brasileira de futebol, em 1958 e 1962, da renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República, em 1961, e do assassinato de John Kennedy, em 1963.

Meu pai, congregado mariano, carregara na lapela a vassourinha prateada da campanha eleitoral de Jânio cujo jingle dizia:

“Varre, varre, varre, varre vassourinha!

Varre, varre a bandalheira!

Que o povo já tá cansado

De sofrer dessa maneira!”

A renúncia de Jânio, menos de sete meses depois da posse, deixara meu pai abatido. Ao pé do rádio o vi muitas vezes,

noite adentro, acompanhando a Rede da Legalidade de Leonel Brizola. João Goulart, o vice-presidente, voltava de uma visita à China comunista. Os militares queriam impedir que assumisse a presidência. Temia-se que o seu avião fosse derrubado ao entrar em território nacional. Graças à Rede da Legalidade, Jango tomou posse, mas nos três anos seguintes o Brasil seria varrido não pela vassourinha moralista da campanha de Jânio, mas pelo furacão que levaria ao golpe de 1964.

“Não haveria terras suficientes para todos. Era preciso ir adiante.”

Em Água Boa, povoado de apenas 3 mil habitantes, quase todos católicos e conservadores até a medula, havia um agente do Partidão, o Partido Comunista Brasileiro. Chamava-se Pedro Riguette e pregava a reforma agrária e a distribuição das terras para agricultores pobres. Riguette repetia um discurso que faria todo sentido em outras regiões do país dominadas pelo latifúndio, como a Zona da Mata pernambucana, nessa mesma época agitada pelas Ligas Camponesas de Francisco Julião. Era, no entanto, uma ideia difícil de entender naquele pedaço do Norte do Paraná, área de pequenos agricultores, cujas terras haviam sido compradas com imensos sacrifícios.

Meu pai sequer tinha terra. Cultivava um pequeno sítio de propriedade do meu avô. Ainda assim, assustava-se com o que dizia ser a ameaça comunista. Nos sermões, bispos e padres convocavam os católicos para a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Afirmavam que, caso o Brasil se tornasse comunista, não só as terras seriam tomadas dos agricultores, mas também seus filhos, levados para serem reeducados em escolas do Estado.

Ao amanhecer de 1º de abril de 1964, Pedro Riguette foi preso pelo delegado local. Nunca mais se teve notícia dele, mas um boato dizia que, na cadeia, haviam-lhe enchido a boca de terra como paga pela reforma agrária que tanto defendera.

Nos anos seguintes, a reforma agrária viria às avessas e por outros meios. A substituição da cafeicultura pela soja levaria a uma acelerada e brutal concentração da propriedade.

Milhões de pequenos agricultores deixariam suas lavouras no maior fluxo migratório de toda a história brasileira. Era esse o fenômeno que nos lançara na estrada naquela escura e fria madrugada de 1966.

Em Pérola, meu pai conseguira, finalmente, comprar uma pequena propriedade, de dez hectares, onde plantou café. As geadas e a terra arenosa, pouco produtiva, o fizeram voltar para trás quatro anos mais tarde, desta vez para Maringá, onde fui jardineiro, sapateiro, office-boy, mecânico, cartorário e bancário – sempre estudando à noite, em escola pública, e trabalhando durante o dia para ajudar nas despesas da casa. Dos nossos vizinhos e colegas de infância em Água Boa, muitos foram ainda mais longe, para Mato Grosso e Rondônia. Alguns por lá ficaram, vítimas da malária e da violência endêmica que assolava colonos e posseiros na nova fronteira agrícola. Outros acabaram no cinturão de pobreza de São Paulo, Curitiba e outras metrópoles inchadas pelo êxodo rural.

“Em Maringá fui jardineiro, sapateiro, officeboy, mecânico, cartorário e bancário.”

Hoje, como muitas pequenas cidades do interior paranaense, Água Boa é um vilarejo despovoado e congelado no tempo. O trem de passageiros, que até lá chegava na época do café, deixou de circular há muitos anos. Trilhos e estações de embarque foram tomados pelo matagal. Onde antes havia festas e procissões, casas de comércio, pomares, colônias de agricultores e escolas rurais, agora predomina a paisagem monótona da soja. Algum tempo atrás, descobriu-se na região um aquífero subterrâneo, profundo e de propriedades químicas raras. A água mineral ali produzida é uma das melhores do Brasil, fazendo justiça ao nome do lugar. A nova riqueza, no entanto, não precisa de gente para ser engarrafa. Máquinas fazem tudo sozinhas.

O mineiro Carlos Drummond de Andrade dizia que a Itabira de sua infância era apenas uma fotografia na parede. “Mas como dói!”, queixava-se o poeta. No meu caso, nem retrato há na parede. E, ainda assim, dói. ■

Laurentino Gomes é autor dos livros *1808* e *1822*. Ganhou quatro vezes o Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. É membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Academia Paranaense de Letras.

A filha de Londres

por PAULO BRIGUET

COM SEUS PERSONAGENS E DRAMAS, CORRENTES MIGRATÓRIAS FORMARAM A MAIOR CIDADE DO NORTE PARANAENSE

O escocês Arthur caminhava pelas ruas de Londres quando encontrou Lord Lovat, com quem já havia trabalhado em empreendimentos no Sudão. O nobre financista perguntou ao amigo se ele estaria interessado em desenvolver projetos de colonização na América do Sul. Arthur aceitou o convite na hora – e a filha de Londres começava a nascer naquele momento.

George, um jovem paulista filho de ingleses, liderou a primeira caravana de pioneiros. Atravessaram o Rio Tibagi numa canoa e seguiram dentro da mata, usando uma trilha aberta pelos caboclos, talvez ainda no tempo dos aldeamentos católicos. Um guia caingangue estava junto com eles. George, sempre observador, percebeu que o índio conversava com os animais da floresta em voz baixa, chamando-os pelo nome. No final da tarde, o engenheiro russo Alexander gritou: “É aqui!”. Imediatamente, o português Alberto, mestre da carpintaria, deu a ordem para que os camaradas abrissem uma clareira. As árvores de palmito tinham duas utilidades: alimento e abrigo. As primeiras habitações do povoado, inicialmente chamado Três Bocas, eram todas de palmito. Era final de tarde, via-se um pôr-do-sol rubro. Aquele lugar hoje é chamado de Marco Zero.

Na estrada para Neu Danzig (Cambé), hoje atual Jardim Bandeirantes (Londrina), aparece Hikoma Udihara, de chapéu, com compradores de terras japoneses, 1937. Autor | José Juliani



Andrei e Natasha eram compatriotas de Alexander. No momento em que o engenheiro gritou “É aqui!”, eles estavam do outro lado do mundo – e só pensavam em fugir. A aflição do casal não era tanto o frio siberiano de 40 graus negativos, mas a crueldade do governo comunista. Foram embora a pé. Meses depois, chegaram às montanhas do Afeganistão. Para atravessar um rio, Natasha entregou ao barqueiro o único bem material da família: uma velha máquina de costura. Feitos prisioneiros por bandidos, foram obrigados a trabalhar como escravos numa jazida de ferro. Fugiram de novo. Guiados por uma força de vontade inexplicável, chegaram ao território de Bangladesh, na época uma possessão britânica. Trabalharam para a família de um coronel inglês, e por ele souberam de uma companhia que estava arregimentando colonos para tentar a vida na América do Sul. Depois de uma longa viagem de navio, Andrei e Natasha tomaram um trem e conheceram a “Filha de Londres”. “É aqui!” O primeiro filho brasileiro do casal nasceu em um rancho de palmito.

David tinha nove anos quando um tio, monsenhor da igreja cristã maronita, foi buscá-lo na aldeia libanesa de El Houssoun e levou-o para estudar em Nazaré, na Palestina. Ali, na cidade em que Jesus foi criado, David aprendeu comércio, filosofia, história, geografia, teologia, mitologia, aramaico, francês. Do tio, ganhou uma libra de ouro; do avô, um anel com o nome David. Trouxe esses dois objetos na bagagem quando veio para o Brasil. Em Jataí, cidade conhecida como Boca do Sertão, conheceu o escocês Arthur, que lhe fez uma proposta: montar um armazém de secos e molhados na nova cidade que estava sendo construída na outra margem do rio. David aceitou. Na casa do comerciante libanês foi celebrada a primeira missa da “Filha de Londres”. O anel e a libra de ouro estão até hoje com a família de David.

O alemão Alberto também abriu um pequeno ponto de comércio, abrigado em rancho de palmito. Numa viagem a São Paulo, encontrou o amigo Friedrich, gerente da empresa Siemens, deprimido por ter de fazer tantas demissões após a crise de 1929. Alberto disse ao amigo: “Vá para o mato, é melhor do que passar fome na cidade”. E Friedrich foi, trazendo a mulher Helena e a filha de dois anos, Freya. A beleza da mata fez Helena recordar as florestas alemãs de sua infância. Ela escreveu: “Nem cem cavalos me arrastam daqui, aqui eu quero morrer, em tanta beleza”. Certo dia começou a chover forte e as goteiras tomaram o rancho de palmito; Helena abriu um guarda-chuva sobre o berço de Freya. Jamile, a mulher de David, também se negava a desistir. Quando os irmãos

lhe disseram que uma mulher jovem e educada não poderia viver em lugar tão inóspito, onde nem havia móveis dentro de casa, ela respondeu: “Se não houver móveis, a gente senta nos caixotes de querosene!”.

Quando os alemães se reuniram para escolher o nome do novo distrito que haviam criado, houve muita discussão. De repente, um negro chamado Arlindo, que convivia com os alemães e aprendera a falar o idioma deles, tomou a palavra: “Nós, alemães, precisamos ficar unidos. Por isso, este lugar se chamará Vale do Lar (Heimtal)”. E assim foi feito.

Também tinha pele escura a santa venerada pelos poloneses que formaram o Distrito da Warta, ao norte da “Filha de Londres”. Certa noite choveu tanto que até as caixas de fósforos ficaram molhadas. Eduardo teve que andar quilômetros a pé, por uma picada, até uma vendinha no Heimtal. Ao chegar em casa, acendeu o lampião – e uma vela para Nossa Senhora de Czestochowa, a Madona Negra. A escuridão da noite era quebrada pelas pequenas luzes da casa polonesa.

Celso nasceu no povoado de Tamaguelos e veio da Espanha com 18 anos. Em Santos, trabalhou como garçom no Parque Balneário Hotel. Enquanto servia, ouviu os clientes comentando sobre o Norte do Paraná e a “Filha de Londres”. Em 1930, veio para a região. Trabalhou duro e juntou dinheiro para comprar um caminhão Ford 1929, que depois transformou em um ônibus, apelidado de “Jardineira”. Era o início de uma grande companhia rodoviária. Nos anos 1960, viajou à Índia para trazer ao país matrizes da raça bovina zebu, numa luta obstinada para qualificar a pecuária nacional. Celso hoje dá nome a uma das rodovias que levam à “Filha de Londres”. A Jardineira virou um símbolo da cidade.

Tomi hoje é nome de praça. Com dois anos, ela chegou ao Porto de Santos com a família, a bordo do Kasato Maru. Foi a última remanescente do navio que trouxe os primeiros imigrantes japoneses ao país. Era o dia 18 de junho de 1908. Os japoneses viram os fogos da festa de São João e pensaram que os brasileiros estavam saudando a sua chegada. A maior parte daqueles imigrantes nipônicos foi para o interior de São Paulo e enfrentou condições terríveis nos primeiros tempos. Mas um homem chamado Hikoma, encantado com a qualidade das terras vermelhas do Norte do Paraná, começou a semear novas esperanças entre a colônia japonesa. Hikoma vestia terno e gravata e usava óculos de aros redondos. Um capacete sárfari o protegia do sol; as botas de cano alto, da lama e da poeira.

Na lataria de seu furgão, com o qual se locomovia para vender lotes da Companhia de Terras, ele se identificava como “o maior propagandista do Norte do Paraná”. Tornou-se um profeta da colonização japonesa. Muitos imigrantes acreditaram nele – e vieram para a “Filha de Londres”. Nunca se decepcionaram com Hikoma, mas aqui também viveram períodos difíceis, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, quando foram considerados inimigos pelo governo de Getúlio Vargas. O professor Shigheru Watanabe, fundador da escola japonesa local, chegou a ficar preso por três dias e teve a casa queimada por compatriotas que não aceitavam a derrota do Japão no conflito. O Kasato Maru, transformado em navio de guerra, naufragou no Mar de Bering em 9 de agosto de 1945. A colônia japonesa comemorou os 100 anos da imigração em 2008; houve uma grande festa na Praça Tomi.

José, de origem italiana, possuía grande habilidade com ferramentas de todos os tipos, mas sua grande paixão era a máquina fotográfica. Contratado pelos ingleses da Companhia de Terras, ele documentou todos os momentos importantes da cidade nos anos 1930 e 1940: inaugurações, festas, desfiles, construções, casamentos, encontros sociais, cenas urbanas, até derrubadas de árvores. Seu estúdio era de chão batido. A primeira foto para a Companhia de Terras mostra o salto do Rio Cambezinho, onde os ingleses pretendiam construir uma usina hidrelétrica. Nos anos 1950, José foi para a praça. Construiu a sua própria câmera e durante mais de duas décadas atuou como lambe-lambe, fazendo milhares de fotos de cidadãos comuns na mesma esquina próxima ao bosque. Ali será sempre o lugar de José.

Assim como a casa da Rua Hugo Cabral será sempre o endereço de Dr. Clímaco. Filho de um carpinteiro e uma dona de casa, ele nasceu em Santo Amaro da Purificação e formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia. Veio para Londrina a convite de um amigo, o advogado Milton Menezes. O mineiro Menezes só queria caçar macucos na “Filha de Londres” – acabou ficando e sendo prefeito duas vezes. Também envolvido com política (elegeu-se deputado estadual com grande votação), o “Doutor Preto”, como era carinhosamente chamado pelos pacientes mais humildes, atendeu mais de 30 mil pacientes (a maioria de graça), foi padrinho de centenas de crianças e ainda encontrava tempo para recitar clássicos gregos, poemas de Camões e sermões do Padre Vieira.

“Quereis fazer vossa independência em pouco tempo?”, perguntava o anúncio da Companhia de Terras, nos anos 1930. A propaganda do Novo Eldorado foi traduzida para diversas línguas e atraiu gente de todo o planeta. A esperança de vida nova oferecida por anúncios como aquele funcionou como linguagem universal e convenceu milhares de homens e mulheres a fazer o que parecia impossível: construir um lugar civilizado no meio do sertão. A floresta foi derrubada, o café teve a sua ascensão e queda, o êxodo rural provocou uma nova corrente migratória, mas a cidade encontrou forças para se reinventar naqueles que vieram de longe e se apaixonaram para sempre pela “Filha de Londres”. É como diz a letra do hino: “Londrina, cidade de braços abertos”.



Chegada de um grupo de imigrantes de Danzig, Alemanha, em maio de 1932.
Autor | Theodor Preising | Acervo Museu Histórico de Londrina

Os nomes do Norte

Uma viagem pelo globo terrestre nas cidades da região

O caboclo Tião, derrubador de mato, triste com a morte da mulher, ninava o filho pequeno numa rede amarrada nas árvores. Cantava um sucesso do rádio dos anos 1930: “Maringá, Maringá / Depois que tu partiste/ Tudo aqui ficou tão triste/ Que eu *garrei* a imaginar/ Maringá, Maringá/ Pra haver felicidade/ É preciso que a saudade/ Vá bater noutro lugar...”

Ali perto havia um córrego, que foi batizado com o título da canção. Em geral, cidades dão nome a canções; no Norte do Paraná, foi a canção que deu nome à cidade. Curioso é que a música composta por Joubert de Carvalho conta a história de uma migrante nordestina, a cabocla Maringá, que veio para o Sul fugindo da seca e da miséria. O desenvolvimento da bela Maringá é a sequência feliz de uma canção triste.

O russo Vladimir, agrimensor da Companhia de Terras, procurava um nome para um povoado que começava a se formar. Girou um globo terrestre e parou-o com o dedo indicador sobre a cidade espanhola de Astorga. O nome estava escolhido.

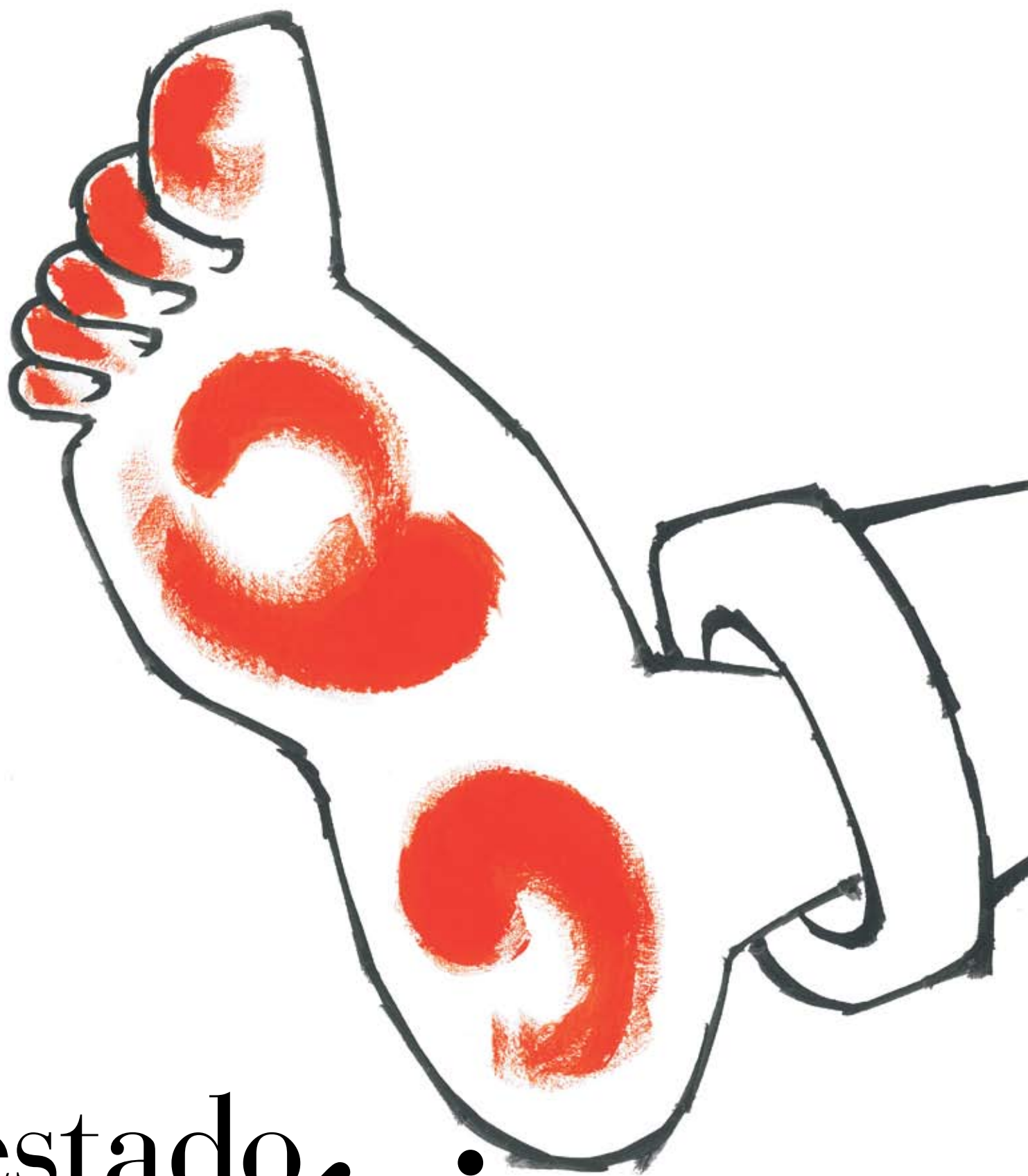
De fato, os nomes do Norte são um passeio pelo globo terrestre. Uraí e Assaí reúnem grandes colônias de origem japonesa. Apesar de parecidos, os nomes não têm a mesma origem. Uraí vem do tupi “uirá-Y”, que significa rio dos pássaros. Embora açaí seja uma fruta de palmeira tropical, o termo “assahi” quer dizer sol nascente em japonês.

Com Rolândia, os imigrantes alemães homenagearam o herói medieval Roland, um dos Doze Pares de França e sobrinho de Carlos Magno. Rancho Alegre começou à margem de uma estrada boiadeira que cortava a região; ali os moradores se reuniam para promover festas e danças muito apreciadas pelos tropeiros. Cambará, no Norte Pioneiro, é o nome de uma árvore que os índios usavam para construir canoas.

Arapongas é a cidade dos pássaros. Iporã quer dizer terra bonita. Jaguapitã representa um temor dos colonizadores: a onça pintada. Jacarezinho, uma das cidades mais antigas da região, desbravada no final do século 19, faz referência ao animal que até hoje habita os rios e lagos do lugar.

Em Ribeirão Claro, uma antiga fazenda preserva as tulhas de café. Turistas visitam o local para conhecer a história do ouro verde que deu fama ao Norte do Paraná nos anos 1940, 1950 e 1960. Nenhuma outra região do planeta ostentou uma área contínua tão grande do mesmo produto. Apesar disso, como a colonização se deu nos anos 1930, o café não aparece nos nomes das cidades do Norte paranaense. Talvez com a exceção de Cafeara. Em latim, o sufixo “ara” significa abundância, ajuntamento, aglomeração, riqueza.

Riqueza que veio das pessoas. Um álbum de 1938 mostra que a região, desde o início, era um pequeno globo terrestre, um reflexo do mundo, uma Torre de Babel no sertão paranaense, com a presença de 1.823 brasileiros (na maioria vindos de São Paulo e Minas Gerais), 611 italianos, 533 japoneses, 510 alemães, 303 espanhóis, 218 portugueses, 193 poloneses, 172 ucranianos, 138 húngaros, 51 checoslovacos, 44 russos, 34 suíços, 29 austríacos, 21 lituanos, 15 iugoslavos, 12 romenos, 7 ingleses, 5 sírios, 5 argentinos, 3 dinamarqueses, 2 australianos, 2 norte-americanos, 2 suecos, 2 franceses, 2 búlgaros, 2 belgas, 2 liechtensteinianos, 2 letões, 1 norueguês, 1 indiano e 1 estoniano. Mesmo esse painel tão heterogêneo ainda não esgota a variedade de etnias atraídas para a região: depois viria mais gente de dentro e fora do Brasil, como os libaneses, os gaúchos e os nordestinos. Talvez até a cabocla Maringá...



um estado, de espírito

por JOSÉ ANTONIO PEDRIALI



Ilustração | Jota

A ORIGEM DA EXPRESSÃO PÉ-VERMELHO DIZ RESPEITO
À CORDIALIDADE, FORÇA DE TRABALHO, COSMOPOLITANISMO
E INQUIETAÇÃO CULTURAL DO POVO DO NORTE DO PARANÁ

A família toma distância do fotógrafo, alinha-se, apruma o porte, obedece à ordem para sorrir, e o clique surpreende a mulher da direita ajustando o cinto e olhando para fora do enquadramento.

O médico mineiro Jonas de Faria Castro, de jaleco, eternizou assim sua família diante do hospital que abriu em Londrina, em 1938, e que levava seu nome, localizado a cem metros da igreja matriz. A foto é posterior, pois inclui o filho, atrás do menino, que seguiu a profissão do pai. Jonas Filho só veio para Londrina depois de se formar pela Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, em 1940.

A foto eterniza também – está em primeiro plano – o “raspapé”, equipamento indispensável a todo estabelecimento comercial ou residência para retirar o barro da sola dos sapatos. As ruas não tinham revestimento. O termo está entre aspas porque os dicionários o ignoram. Era chamado também de “chora paulista”, em alusão ao grande número de migrantes originários de São Paulo que, acostumados ao solo arenoso, estranhavam a terra vermelha, grudenta quando molhada, extremamente volátil quando seca, que caracteriza boa parte do Norte do Paraná.

A terra vermelha, ou roxa, corruptela do “rossa” (vermelha), como os imigrantes italianos a chamavam, tem origem basáltica, é responsável, por causa de sua fertilidade, pela rápida expansão comercial e demográfica da região e moldou a personalidade de seus moradores a ponto de gerar o gentílico pés-vermelhos.

“Modo pejorativo de designar um caipira ou pessoa proveniente do interior dos estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso ou Goiás”, diz o verbete pé-vermelho do *Dicionário Informal*, que estende geograficamente a designação a outras regiões do país com características semelhantes às do Norte do Paraná. E completa: “O termo também é utilizado para demonstrar brio quando proferido em primeira pessoa, geralmente na variação ‘pé- vermeio’”.

Pé vermeio, com ou sem hífen, brinca com o sotaque acaipirado do pé-vermelho, que se manifesta principalmente na pronúncia arrastada do erre.

Outro dicionário virtual, a *Desciclopédia*, também contém o verbete, mas no estilo sarcástico que o caracteriza: “Pé vermelho (*Paranaensis vermelhopodes*) é a denominação dada aos nativos do norte do estado do Paraná. Tal denominação foi conferida em face da grande incidência de um minério chamado barronite e que apresenta uma forte coloração vermelha (...) É uma espécie misteriosa e carregada de mitos. Os poucos que se atreveram estudar estes seres tiveram perda total da memória ou simplesmente desapareceram sem deixar vestígios”.

Referências – sérias ou irônicas – à parte, a personalidade de um pé-vermelho do Norte do Paraná se expressa na cordialidade, força de trabalho, cosmopolitanismo, inquietação cultural e – característica hoje menos intensa – rebeldia. Seja em relação ao governo estadual, seja em relação ao governo federal.

Pé-vermelho é mais do que um comportamento e uma cultura. É um estado de espírito: o orgulho de pertencer a uma coletividade que se expandiu e consolidou em função do trabalho, com pouco ou quase nenhum estímulo dos governos estadual e federal.

O Norte do Paraná necessitou de décadas para vergar-se ao poder político emanado de Curitiba, rejeição derivada da origem dos migrantes – os brasileiros eram em maioria paulistas e mineiros –, da ausência da ligação rodoviária com a capital em contraposição com as facilidades de acesso a São Paulo e ao descaso, quando não hostilidade, do governo estadual com a região em seus primórdios, apesar de ela ser a segunda maior geradora de rendas.

Descaso ou hostilidade derivado em parte de a região ter sido colonizada por uma empresa privada, de capital inglês, a Companhia de Terras Norte do Paraná, adquirida, no final da Segunda Guerra Mundial, por investidores paulistas.

José Bonifácio e Silva, provedor da Irmandade da Santa Casa, recepcionou Manoel Ribas em Londrina com um artigo de capa do *Paraná Norte*. O título do artigo – “O que os londrinenses jamais esquecerão” – remetia a esta recusa, que, segundo Bonifácio e Silva, era coerente com o comportamento do interventor, pois Ribas “sempre procurou espezinhar e diminuir a gente do Norte do Paraná e nunca deu guarida às suas justas reivindicações”.

Os tempos são outros. Os pés-vermelhos se adaptaram a eles, sem, no entanto, renunciar ao legado cultural e comportamental de seus ancestrais pioneiros. E continuam de *póóórrrtas* abertas a quem queira se juntar a nós – ops, me denunciei! – ou somente visitar-nos.

Seja bem-vindo, *cumpádi!*

• José Antonio Pedriali é jornalista e escritor.
• Autor, entre outros livros, de *Fuga dos Andes*
• (2009) e *A santa luta da nossa casa* (2012).



ripis
5

a maior cidade do mundo

CENÁRIO DE SEU ROMANCE DE ESTREIA, *CHOVE SOBRE MINHA INFÂNCIA*, PEABIRU AINDA ESTÁ PRESENTE NA VIDA E NA LITERATURA DE **MIGUEL SANCHES NETO**

Alguém de lá então me diz: você não tem voltado a Peabiru. Por delicadeza, concordo, logo me explicando: apenas uma vez por ano, para ver meus pais. E isso cria um constrangimento qualquer entre nós. Falamos dos que se foram. Cada um cuidando de sua vida em outras latitudes. E, por uns instantes, embora sejamos apenas dois sobreviventes, vemos desfilar diante de nossos olhos embaçados todos os amigos perdidos.

Não tenho coragem de dizer a esse interlocutor que não posso voltar a Peabiru porque, quase 30 anos depois, eu ainda não deixei a cidade. Todos os dias eu penso nas coisas passadas lá. A cidade de nossa infância e adolescência é onde experimentamos pela primeira vez o mundo. Por isso ela é maior do que tudo. Um labirinto continuamente sem fim.

A cordo à noite depois de um sonho e me lembro vagamente que estava conversando com alguém na cerealista de meu pai, a Máquina Bandeirante, na esquina da Avenida Vila Rica com a Rua Papa João XXIII (antiga Guadalajara), na saída para o Saltinho. Nos momentos em que não havia fregueses para o comércio no varejo, nós nos sentávamos sobre as sacas abertas de mantimentos (eles ficavam bem na porta de entrada) e mascávamos os feijões, sentindo o gosto amargo de sua casca. Assim, podíamos olhar quem chegava à cidade e quem voltava para os sítios, acompanhando o erguer e o assentar da poeira vermelha.

Recentemente, o barracão de madeira da cerealista foi desmontado e meu pai vendeu o terreno. Quando, no entanto, passo pela cozinha aqui de casa e vejo feijões sendo lavados ou escolhidos, coloco involuntariamente na boca um deles e o lasco para repetir o antigo rito.

Havia também os pequenos rios. Excursões de domingo nos levavam às suas margens. Um pão caseiro, meia bola de mortadela, uma tubaína – a melhor era a Balan, feita em Londrina. Brincar naquelas águas ainda minimamente claras, depois da longa caminhada, comer aquele pão com mortadela, tomar goles de tubaína e deitar no campo, como se estivéssemos em outro mundo. Éramos os exploradores da África, tal como começávamos a sonhar pelos programas de tevê.

Quando viajo de carro, sem querer sempre cumprimento solenemente, em nome daqueles tempos, os rios que encontro: Rio Tietê, o Rio da Várzea te saúda.

Mas Peabiru tinha também as meninas que timidamente amamos ou apenas desejamos. Eu poderia desfiar o nome de todas, localizando no meu arquivo interior a melhor imagem de cada uma delas, como se eu guardasse comigo um arquivo de fotos 3 x 4 dessas beldades do final dos anos 1970 e começo dos anos 1980.

E é como um detetive encarregado de identificar pessoas desaparecidas que fico sempre procurando nas multidões de agora aqueles rostos que não existem mais. Se vislumbro um deles, mostro para minha mulher, que vem do mesmo vazio, dizendo: essa moça lembra muito fulana.

Sim, minha mulher também é de Peabiru. E depois de tantos anos juntos, em um ou outro momento, quando trocamos um beijo meramente protocolar, quando ela me deixa, por exemplo, no trabalho, nós percebemos ao mesmo tempo que aquele beijo tem um gosto diferente, e comentamos isso um com o outro; é o beijo de quando, ainda namorados, eu tinha que ir embora da casa dela e nós então nos despedíamos. Neste beijo de outro tempo, quando tínhamos os corpos e os lábios que nos roubaram, ainda estamos em Peabiru.

Lá eu desenvolvi um hábito: andar por todas as ruas, a pé ou de bicicleta. Não queria apenas o centro, a casa dos amigos, mas conhecer cada lugar, olhar todos

os endereços, como um aprendiz de carteiro, levando nos olhos sonhadores postais sem destinatários. Interessavam-me tanto os barracos mais pobres e os barracões mais distantes quanto as melhores casas. Não podia conhecer por enquanto o mundo, então queria ao menos dominar aquela mínima parcela.

Quando comecei a namorar esta que um dia será minha viúva, fazíamos excursões minuciosas por aquele tabuleiro urbano coberto de poeira. Sonhávamos com casas que nunca seriam nossas, mas que mesmo assim acabaram sendo.

E nunca perdemos a mania de andar pelas cidades, grandes ou pequenas, feias ou bonitas, alegres ou tristes, vendo construções onde gostaríamos de morar para sempre. Caminhar por uma cidade é ainda, para nós, inventar um endereço para o nosso começo de vida. Continuamos os dois adolescentes em Peabiru, em busca de uma casinha.

Em verdade, é Peabiru que me busca. Sempre encontro pessoas que moraram lá ou que visitavam parentes e amigos. É que ela foi, durante algumas décadas, um local que atraía muita gente com as promessas de enriquecimento com madeira, com terras férteis ou com o comércio. A maioria acabou partindo, mas aguarda apenas o momento de compartilhar com alguém a memória daqueles dias infinitos.

Objetivamente, a cidade que foi próspera hoje tem uma população pequena – algo em torno de 13 mil habitantes. Mas as estatísticas mentem, mentem mesmo. Pois não levam em conta aqueles que agora moram em outros lugares sem nunca deixar a cidade. Nem levam em conta aqueles que se fizeram seus habitantes imaginários.

Vendo a sua população decrescer, vinha-me um sentimento de culpa: ajudei a esvaziar um pouco a cidade. Quando comecei a escrever ficção, achei que podia corrigir minimamente isso. Passei a colocar meus personagens fictícios vivendo em Peabiru ou voltando a ela. Por meio deles, a cidade ficou um tantico maior.

É provável que, em boa medida, eu escreva para repovoá-la com esses seres que são só meus. Mas como também uso personagens tirados de lá, ou batizo seres inventados com nomes de amigos de outrora, talvez eu esteja mesmo é querendo manter intacta a cidade que experimentei na carne.

Com isso, crio, menos involuntariamente do que eu pensava, uma sociedade de amigos de Peabiru, que são os leitores de meus livros, que podem ser considerados meus conterrâneos.

Escrevo como uma forma de pensar todos os dias naquele lugar que, não sendo grande, é, para mim, a maior cidade do mundo, porque nunca paro de percorrê-la.

a.



Haruo

Lama - Rua Brasil, 1950 | Londrina - PR
Haruo Ohara | Acervo Instituto Moreira Salles



Ohara



Pôr-do-sol – Tomoko e Ciro, filhos de Haruo, 1949 | Chácara Arara, Londrina – PR
Haruo Ohara | Acervo Instituto Moreira Salles

Haruo Ohara (1909-1999) chegou ao Brasil em 1927 e foi trabalhar na lavoura de café no interior de São Paulo. No início da década de 1930, adquiriu terras no Paraná, onde também passou a plantar frutas e flores. Aos 29 anos, começou a fotografar seu cotidiano e não parou mais. Alinhada com a fotografia humanista e moderna da primeira metade do Século 20, sua obra é um importante documento sobre a colonização do Norte do Paraná e a imigração japonesa na região. Em 2008, o acervo de Haruo Ohara (composto por cerca de 20 mil negativos, álbuns e fotografias) foi doado pela família ao Instituto Moreira Salles (IMS).



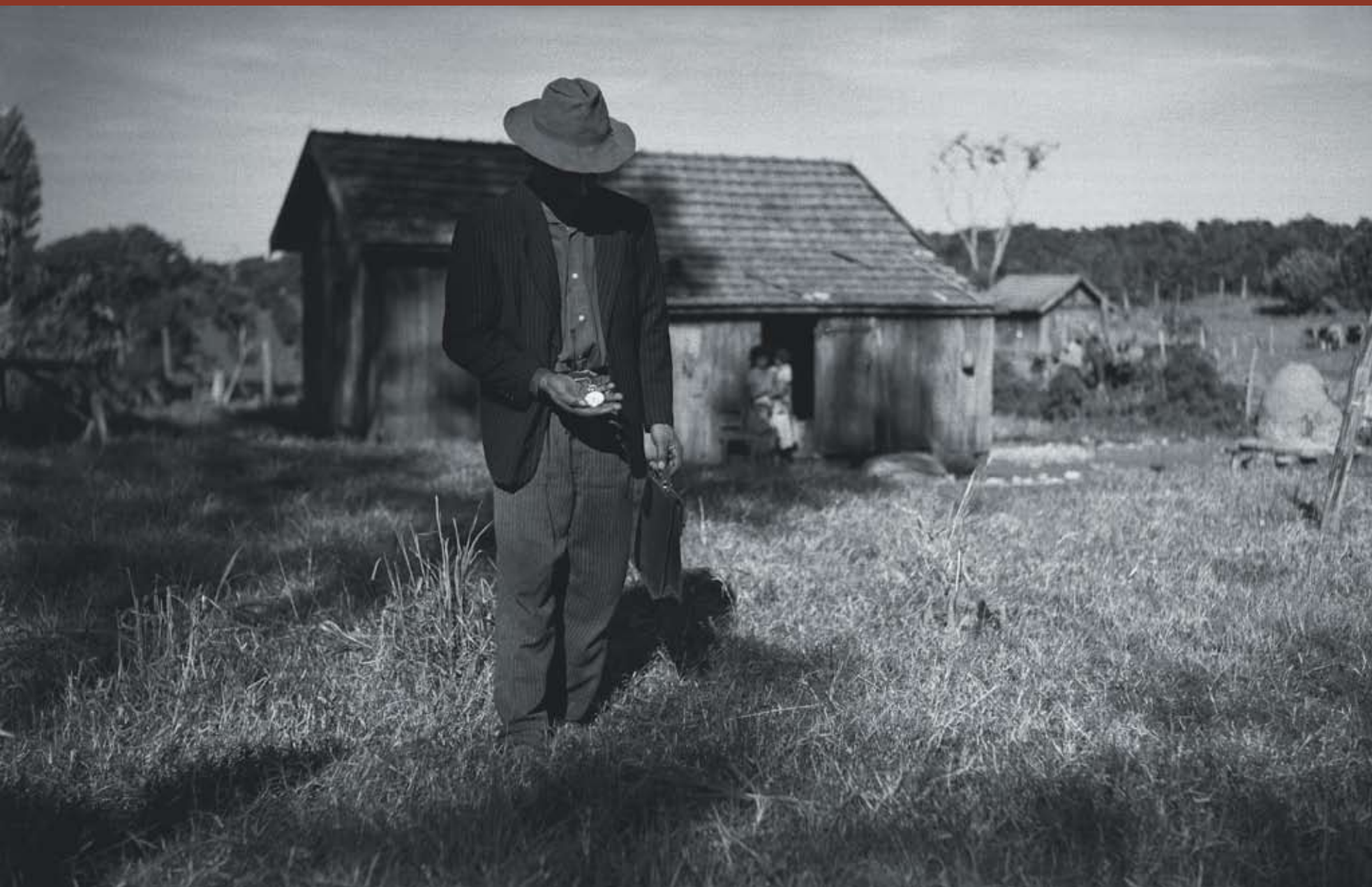
Piquenique – represa da usina Três Bocas, 1958 | Londrina – PR
Haruo Ohara | Acervo Instituto Moreira Salles



Sítio de Hitoshi Sanada, 1955 | Londrina – PR
Haruo Ohara | Acervo Instituto Moreira Salles

Cafezal após geada, c. 1940 | Londrina – PR
Haruo Ohara | Acervo Instituto Moreira Salles





Hora marcada – aguardando a jardineira na zona rural, 1958
Três Bocas, Londrina – PR
Haruo Ohara/ Acervo Instituto Moreira Salles

Contra-luz – Autorretrato de Haruo e Kô, às vésperas
das bodas de prata, 1959 | Londrina – PR
Haruo Ohara | Acervo Instituto Moreira Salles









Quando “Libertária” era o seu nome

por MARCELO OIKAWA

COMO A LUTA DOS POSSEIROS PELA LEGALIZAÇÃO
DE TERRA EM PORECATU, ENTRE 1994 E 1951, FORMOU
A CONSCIÊNCIA POLÍTICA DE TODA UMA GERAÇÃO

Ela sempre se dizia assim: livre. E progressista. Quando plantava café, distribuía riquezas e colhia a vanguarda no jornalismo, na literatura e no teatro. Ela sempre se viu assim: igualitária. Por muitos anos, uma placa na entrada da cidade sinalizou: aqui, iguais a você tem cem mil. Antiautoritária: não se submetia. A cidade ficou contra a ditadura de Vargas. E, na ditadura militar imposta em 1964, a oposição no MDB/PMDB venceu todas as eleições até a redemocratização. Esse ufanismo soa provinciano. Mas tem raízes históricas?

Esse bordado rubro começou com dois episódios emblemáticos: a colonização inglesa no Norte do Paraná, às avessas da sesmaria portuguesa, e a luta dos posseiros pela legalização das terras devolutas na região de Porecatu. O primeiro garantiu à região a maior renda per capita do país por muitos anos. O segundo derramou sua influência por todo o Norte, formando consciências críticas que amalgamaram o que um dia passou a ser denominada libertária Londrina. E até libertário Norte do Paraná, assim, maiúsculo, como se fosse um enclave.

Os méritos e deméritos da colonização inglesa são sobejamente conhecidos. Dos acontecimentos épicos de Porecatu, pouco ou nada se sabe. Buscando atingir uma importância política maior à sua resistência armada, os posseiros fundaram as duas primeiras Associações de Lavradores do Brasil, em 1944. A de Porecatu reuniu 270 famílias e a de Guaraci, 268. Até o final da guerrilha, que durou de 1944 a 1951, chegou a 12 em toda a região, já com o nome de Ligas Camponesas, alcançando a cidade de Cornélio Procopio. Foram fundadas também em Maringá, Centenário do Sul, Andirá, Bandeirantes, Cambará. As Ligas foram o elemento fundador das consciências críticas do Norte do Paraná.

Seus propósitos: travar a luta política pela legalização de suas terras e angariar a simpatia da sociedade. Elas promoviam muitas atividades recreativas, cursos de técnicas agrícolas, grupos de estudos e trabalho em mutirão. Eram sociedades de ajuda mútua. Tiveram apoio em toda a região.

A fundação do diretório regional do PCB, em dia 21 de junho de 1945, em Londrina, foi um exemplo da galvanização da opinião pública a favor dessa luta, com grande participação. Seis dias depois, o partido comunista instalou o primeiro Comitê pela redemocratização do país. O clima de euforia transformou o evento num acontecimento social, com a participação de metade da cidade de Londrina, de acordo com registros da imprensa, do Dops e da direção do PCB.



Ato Público dos estudantes liderados pelo jornal Poeira, na Concha Acústica de Londrina, na década de 1970.



Encontro das Ligas Camponesas do Norte do Paraná
em 1949, na cidade de Cornélio Procopio.



O Norte do Paraná tinha a certeza de que semeava o paraíso na terra. O Eldorado, como passou a ser denominado. A palavra camponês foi usada ali pela primeira vez no Brasil, causando estranheza na imprensa e nas cidades, mas serviu para unificar os posseiros aos colonos, parceiros, arrendatários, meeiros e pequenos proprietários. Eram todos camponeses.

Ao tomar posse em janeiro de 1951, o governador Bento Munhoz da Rocha criou uma Comissão Especial para colocar posseiros e fazendeiros frente a frente para negociar a paz e assinou o primeiro decreto brasileiro de desapropriação de terras para fins sociais. Mas o Partido Comunista do Brasil, que liderava a resistência, recusou. O desfecho foi a repressão, em junho de 1951, e o assentamento de apenas 380 famílias.

O PCB via em Porecatu “a centelha que iria incendiar a pradaria”. Para a luta armada, mobilizou todas as suas energias, aproveitando-se de seu Comitê Regional em Londrina. A sua importância para o partido era tão grande que o Paraná foi o único estado brasileiro a ter dois diretórios regionais do PCB: em Londrina e Curitiba. Londrina tinha apenas 10 anos e já mostrava as suas garras.

Se não foi a fagulha que incendiaria o campo, a luta de Porecatu foi o ponto de partida de um importante trabalho de organização camponesa. Com o aprendizado das Ligas Camponesas, os comunistas fundaram o primeiro Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Paraná, o segundo e o terceiro Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Brasil. Às vésperas do Golpe de 1964, haviam criado 67 sindicatos em todo o Estado.

Um sindicalista alcançou grande projeção: José Rodrigues dos Santos, um dos fundadores da Federação dos Trabalhadores na Lavoura do Estado do Paraná e seu primeiro secretário-geral. Foi a primeira do país e serviu de modelo para a fundação de outras federações sindicais pelo Brasil afora. Dessa atuação saiu também a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

Essa febre acabou influenciando a criação das Cooperativas dos Produtores de Café – nada menos que 33 em todo o Norte do Paraná até o golpe de 1964. Em toda essa história, sobressaem os nomes de três comunistas de Londrina: o pedreiro Manoel Jacinto Correia, o médico Newton Leopoldo Câmara e o advogado Flávio Ribeiro.

O golpe levou a um refluxo das atividades comunistas na cidade, mas por pouco tempo. Manoel Jacinto Correia reapareceu em 1966 e sua influência passou a ser sentida na organização do movimento estudantil em 1968/69. Dois de seus filhos, um sobrinho de um combatente da guerrilha e um enteado de um comerciante de café, que apoiou com recursos materiais a luta dos posseiros, estavam entre os jovens estudantes que iniciaram o trabalho de organização do movimento estudantil.

Eram jovens secundaristas, entre 13 e 16 anos, estudantes dos colégios Vicente Rijo, José de Anchieta, Marcelino Champagnat, Hugo Simas e Instituto de Educação de Londrina. Criaram os GEs e GTs – Grupos de Estudos e Grupos de Trabalho –, em muitos aspectos semelhantes aos métodos das Ligas Camponesas. Temas dos GEs: literatura e realidade brasileira. Tarefa dos GTs: pixar as escolas com frases contra o ensino alienante e a ditadura militar.

Cerco e invasão da sede do DCE da Universidade de Londrina e da Casa do Estudante pela Polícia Militar em 1979.



Quando a ditadura investiu contra os estudantes no final de 1968, alguns desses jovens optaram por se concentrar na sede da União Londrinense dos Estudantes Secundários (Ules). Na libertária Londrina, concluíram que o fim não justificava os meios, diante da onda de assaltos a bancos para financiar a guerrilha urbana ou rural. Ali, fundaram grupos de teatro e literatura, organizaram palestras e debates sobre os temas mais atuais da época e realizaram um curso de jornalismo que revelou os primeiros profissionais de uma geração que se destacou. Ficaram conhecidos como a geração mimeógrafo.

Ao entrarem na Universidade de Londrina, esses jovens encontraram um movimento estudantil desmobilizado em todo o país, com a extinção pela ditadura dos diretórios acadêmicos livres. Em seus lugares, foram criados os diretórios atrelados à administração das reitorias, e em todas as universidades os estudantes se recusavam a participar dessa nova estrutura. Novamente contra a corrente, os jovens de Londrina decidiram participar, com a ideia de que era preciso ocupar todos os espaços possíveis.

Dois jovens, vindos do movimento secundarista, foram eleitos presidentes de diretórios acadêmicos. O movimento fundou o jornal *Levanta, Sacode a Poeira e Dá a Volta Por Cima*. Utilizaram as mesmas táticas das Ligas Camponesas e do movimento secundarista: fundaram o Grupo de Estudos de Imprensa Estudantil, criaram o Grupo Base de Literatura e grupos de pesquisa. O jornal *Poeira* venceu o Premio Parker Pen de jornalismo estudantil. Os dois jovens do movimento estudantil de 1968 foram também os dois primeiros presidentes do Diretório Central dos Estudantes representando o grupo Poeira.

No DCE, o *Poeira* criou a Semana de Atualidades, que anualmente reunia palestrantes e promovia shows musicais. Participaram intelectuais de grande renome nacional e estrelas da música popular brasileira. Com essas atividades, mantiveram a hegemonia na política estudantil universitária de 1974 a 1981, até a invasão dos diretórios por forças policiais. Fizeram as primeiras manifestações estudantis do país, depois da edição do AI-5 pela ditadura; promoveram atos pela redemocratização e pela Constituinte, mobilizando milhares de jovens e, como em Porecatu, derramando influência pelo Norte do Paraná. A partir de meados dos anos 1970, lideraram as primeiras tentativas de reorganização da UNE, dirigindo os encontros nacionais de estudantes.

Alguns desses jovens foram trabalhar, em 1971, no *Novo Jornal*, o primeiro jornal a cores do país; em 1975, uniram-se à equipe do lendário jornal *Panorama*; em 1978, fundaram a Cooperativa de Jornalistas do Paraná e, em 1981, fizeram o jornal alternativo *Fala, Paraná*. A fertilidade das ideias na terra roxa levou à criação do Festival Internacional de Teatro, revelou o escritor Domingos Pellegrini e conduziu a uma greve de bancários na região de Maringá, em 1968. Também levou estudantes, que se tornaram professores, a fundar o jornal *O Atalho*, que iniciou a organização dos professores na Associação dos Professores Licenciados do Paraná (APLP) para deflagrar uma greve geral do magistério em 1978.

A cultura da ajuda mútua, da cooperação, da solidariedade, sempre cultivada na região, levou ao mais emblemático acontecimento: na campanha das eleições diretas, a manifestação de Londrina reuniu uma multidão de 50 mil pessoas em 1984. Em Curitiba, a contagem registrou 40 mil. Foi essa acumulação de capital político que elegeu dois governadores nos anos 1980: José Richa e Alvaro Dias.

Da culminância dessa tradição histórica, a cidade mergulhou numa paródia de Shakespeare, onde quase tudo terminou mal. A cidade ainda mostra momentos aguerridos quando se mobiliza contra os escândalos de corrupção. Mas, no deserto das ideias, como explicar essa Londrina? Sem moinhos de vento, para onde foram os quixotes? ■



Sede do Comitê Regional do Partido Comunista do Brasil, na Vila Casone, em Londrina.



Ilustração da época

Fotos de domínio público, encontradas nos arquivos do antigo DOPS, sem a identificação dos autores.

Marcelo Oikawa é jornalista e escritor. Foi um dos fundadores do jornal *Poeira* e da Cooperativa de Jornalistas do Paraná. Trabalhou nos jornais alternativos *Fala, Paraná* e *Movimento*. Escreveu para os jornais *Panorama* e *O Estado de S. Paulo*, para a revista *Veja* e foi correspondente do *Jornal do Brasil*. É autor do livro *Porecatu: A guerrilha que os comunistas esqueceram*.



Transformações e permanências

por ANGELO PRIORI

RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR E LUTA PELA DEMOCRACIA
SINTETIZAM A POLÍTICA DO NORTE DO PARANÁ

O Norte do Paraná é uma região com uma identidade própria. Fruto da colonização que se iniciou nos anos 1930, galgou importância econômica com a cultura do café nas décadas de 1950 e 1960 e viu seu poder econômico declinar a partir de 1975, com a grande geada que dizimou os cafezais e mudou a paisagem regional.

Mas as agruras climáticas não foram motivo para desestímulo. Pelo contrário, o trabalho árduo e persistente de sua gente possibilitou a transformação da região, com grande sucesso. No lugar dos lindos cafezais floridos surgiram outras culturas, como a soja, o milho, o trigo, que continuam fazendo a pujança regional.

No entanto, o cenário das relações sociais e cotidianas mudou do campo para a cidade. Hoje, Londrina e Maringá (as duas mais importantes cidades da região) se tornaram polos de desenvolvimento regional planejados, com forte influência do setor de serviços e diversas universidades privadas e públicas. A existência das universidades estaduais de Maringá e Londrina é o orgulho de toda a região.

Se a economia pujante, a sociedade organizada e produtiva e o desenvolvimento social equilibrado são referências, o mundo da política também merece o seu destaque.

Sabemos que a política vai além das questões eleitorais e da administração pública – é o cerne da constituição e da mobilidade de toda a sociedade. Os homens e mulheres são seres políticos por natureza, pois convergem socialmente, dialogam sobre problemas e soluções, problematizam necessidades e buscam espaços de participação.

Na política, o Norte do Paraná sempre se destacou: desde os homens e mulheres que conquistaram cargos públicos até o envolvimento de pessoas em ações que mudaram os rumos da sociedade brasileira.

A região sempre se destacou pelo perfil político democrático. Se uma palavra sintetiza a atuação da maioria dos seus representantes políticos, essa palavra é liberdade. Liberdade para sonhar um mundo melhor, liberdade para sonhar uma sociedade justa e mais humana, liberdade para exercer o modelo de governo que é mais adequado ao perfil de sua gente: a democracia.

Os eleitos pelo povo

Desde os anos 1950, a democracia tem sido o elixir da conduta social e política. Uma lembrança que sempre vem à mente é a do antigo prefeito de Londrina, Milton Ribeiro Menezes, que exerceu dois mandatos, nos períodos de 1951-1955 e 1959-1963. Homem de grande capacidade de articulação política, sempre se destacou na defesa dos mais necessitados e dos trabalhadores.

Não é à toa que o temido Dops (Delegacia de Ordem Política e Social – a polícia política) acompanhou a sua vida e sempre o via com desconfiança, procurando mostrar que ele tinha “ligação com os comunistas”, como escreveu certa vez o então Chefe de Polícia do Paraná, Albino Silva. O documento está no arquivo do Dops – para o qual todos aqueles que lutavam por liberdade, igualdade e justiça social eram suspeitos e taxados de “comunistas”.

Mas se há um elemento que está no DNA de Londrina e de toda a região Norte do Paraná é essa busca pela liberdade e democracia. Já durante a ditadura militar (1964-1985), Londrina teve dois prefeitos que se destacaram na resistência à dita cuja: Dalton Fonseca Paranaguá (prefeito no período 1969-1973) e José Richa (1973-1977). O mesmo vale para Maringá, com Silvio Magalhães Barros, que havia sido eleito deputado federal em 1970 e foi o prefeito da cidade entre 1973-1977. Todos os prefeitos foram eleitos pelo MDB, que fazia oposição ao regime militar.

José Richa talvez tenha sido o político do Norte do Paraná mais importante e influente. Richa foi eleito deputado federal em 1962, pelo antigo Partido Democrático Cristão. Após o golpe militar de 1964, filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), tendo sido reeleito deputado em 1966. Em 1972, venceu o pleito para a prefeitura de Londrina, exercendo o mandato entre



1973 e 1977. Foi eleito senador da República em 1978 e, quatro anos mais tarde, em 1982, governador do Estado. Durante o seu mandato como governador, desenvolveu vários projetos sociais e envolveu-se na campanha pelas Diretas Já, movimento político que pedia a volta de eleições diretas e livres para a Presidência da República.

Aliás, quando se trata de resistência aos militares, o Norte do Paraná sempre teve destaque. A primeira eleição que chacoalhou as hostes da ditadura foi em 1974. O resultado foi impactante: dos 30 deputados federais eleitos, 15 eram do MDB, sendo que os três candidatos mais votados do MDB eram da região: Alvaro Fernandes Dias (eleito com 175.434 votos), Antônio Casemiro Belinati (150.698 votos) e José de Alencar Furtado (86.413 votos).

Além disso, o único senador eleito também era do MDB, Francisco Leite Chaves, que venceu o candidato da Arena, João Mansur. Chaves, por sinal, outro político do Norte, foi senador por dois mandatos: 1975-1983 e 1987-1995.

A vitória estrondosa do MDB em 1974 e, por sua vez, os candidatos mais votados serem do Norte do Paraná, mostrava que aqueles jovens políticos, que estavam iniciando suas carreiras políticas, moldaram suas biografias (alguns mais, outros menos) pelo combate à ditadura, à repressão política, às injustiças sociais e à iniquidade do modelo econômico praticado pelo governo militar. Estas foram as principais bandeiras de Leite Chaves, Alvaro Dias, Alencar Furtado e tantos outros.

A eleição de 1974 projetou diversas personagens que ainda hoje continuam marcando a história política paranaense. Alencar Furtado, oriundo da cidade de Paranavaí, foi símbolo da resistência democrática no Congresso Nacional. Antônio Belinati administrou Londrina por três mandatos (terminou a sua vida política cassado do cargo e não podendo exercer o quarto mandato de prefeito, para qual tinha sido eleito em 2008). E Alvaro Dias talvez tenha sido, ao lado de José Richa, o político mais bem-sucedido do Norte.

Dias, formado em História pela Universidade Estadual de Londrina, iniciou sua carreira como vereador em 1968. Foi eleito deputado estadual em 1970, deputado federal em 1974 e 1978, senador em 1982 e governador em 1986. Na primeira eleição presidencial democrática, após o fim da ditadura militar, disputou a convenção do PMDB para a Presidência da República, sendo preterido por Ulisses Guimarães. Em 1998, foi eleito novamente senador pelo PSDB, cargo em que permanece até os dias atuais. Na esteira de sua carreira política, projetou o irmão, Osmar Dias, ex-senador, com domicílio eleitoral em Maringá.

Uma pausa para a repressão

Mas uma vitória como aquela, ocorrida em 1974, não ficaria sem resposta da ditadura. Para os militares, o resultado contundente do MDB nas urnas apresentava um cenário que não coadunava com as estratégias estabelecidas pelo regime. E o contraponto veio através da famosa Operação Marumbi, uma operação policial coordenada pelo Dops que, nos meses de setembro e outubro de 1975, prendeu aproximadamente cem pessoas. O crime? Acusou-se o MDB de contar com membros e simpatizantes alinhados com as ideias de Moscou, ou seja, comunistas.

A Operação Marumbi foi realizada, além de Curitiba e Ponta Grossa, nas mais diversas cidades do Norte do Paraná: Londrina, Maringá, Apucarana, Mandaguari, Cianorte, Paranavaí. Pessoas foram presas acusadas de participar do MDB ou de estar tentando reorganizar o clandestino Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Esquerda, eleições e os movimentos sociais e políticos

É importante destacar que a esquerda (comunistas, trabalhistas, etc.) sempre teve força política no Norte. Desde os anos 1950, marcou presença na organização de sindicatos, associações, partidos e na disputa eleitoral. A história registra que militantes ligados ao Partido Comunista organizaram mais de 150 sindicatos de trabalhadores rurais e urbanos até o golpe militar de 1964.

Militantes como Aldo Fernandes, Antoniel de Souza e Silva, Antônio Lima Sobrinho, Flávio Ribeiro, Genecy Guimarães, Gregório Parandiuk, Ildeu Manso Vieira, João Alberto Eineck, José Rodrigues dos Santos, Moacir Reis Ferraz, Newton Cândido, Newton Câmara, Noel Nascimento, Salim Haddad e Tranquilo Saragiotto foram fundamentais para esse processo. Vale destacar que Antônio Lima Sobrinho foi presidente, por muitos anos, da União dos Trabalhadores de Londrina (UTL, o embrião do movimento sindical na região) e José Rodrigues dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Maringá e secretário-geral da primeira diretoria da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (Contag).

Não se pode deixar de destacar dois políticos que tiveram importância fundamental em Londrina e Maringá, exercendo os cargos de vereadores e transformando as tribunas das casas legislativas municipais em espaços de denúncia contra as mazelas sociais e a ditadura. Tratam-se de Manoel Jacinto Correia e Bonifácio Martins.

A partir dos anos 1980, outros nomes surgiram para a cena política paranaense, como os médicos Abelardo Araújo Moreira (ex-prefeito de Arapongas), Luiz Eduardo Cheida (militante ambiental, prefeito de Londrina e atualmente deputado estadual), Márcio Almeida (secretário da Saúde em Londrina, deputado estadual e com papel destacado na organização e promoção do Sistema Único de Saúde) e os sindicalistas bancários Nedson Micheletti (prefeito de Londrina e deputado federal) e Paulo Bernardo (deputado federal, ministro do Planejamento e atual ministro das Comunicações).

Participação feminina

Falar do DNA político do Norte do Paraná e não falar das mulheres é deixar uma lacuna sem preencher. Da mesma forma que os homens, elas sempre tiveram destaque na política. Não há como não citar as pioneiras Anita Pereira, Helena Pereira da Silva, Lázara de Araújo Paiva e Vera Câmara, que nos anos 1950 e 1960 promoveram campanhas importantes contra a carestia, pela paz mundial e a livre organização política.

Elza Correia foi outra mulher que marcou a política norte-paranaense. Primeiro, na luta contra a ditadura militar, a repressão política e a tortura (ela mesma uma vítima). Depois, como vereadora, deputada estadual e coordenadora da Região Metropolitana de Londrina.

Emília Salles de Belinatti conseguiu reconhecimento político como deputada estadual e vice-governadora. Já Cida Borghetti, de Maringá, atua na política estadual e nacional, antes como deputada estadual e agora como federal. Destaca-se ainda a assistente social Márcia Lopes, que foi vereadora em Londrina e ocupou o cargo de ministra de Desenvolvimento Social e Combate à Fome no Governo Lula.

Na arte, como na política, Nitis Jacon é um nome sempre lembrado. Foi vice-reitora da Universidade Estadual de Londrina e candidatou-se ao Senado em 2002 e à Câmara dos Deputados em 2006. Mas sua grande contribuição foi na fundação e organização do Festival Internacional de Teatro de Londrina (FILO), evento que há mais de 40 anos é reconhecido em âmbito nacional e mundial.

Por fim, não se pode deixar de mencionar a professora Neusa Altoé, a primeira mulher a ocupar o cargo de reitora de uma universidade paranaense, a Universidade Estadual de Maringá, no período de 1998-2002. E as professoras Ligia Puppato e Nádina Moreno, que seguiram os passos de Altoé e também galgaram o cargo de reitoras da Universidade Estadual de Londrina.

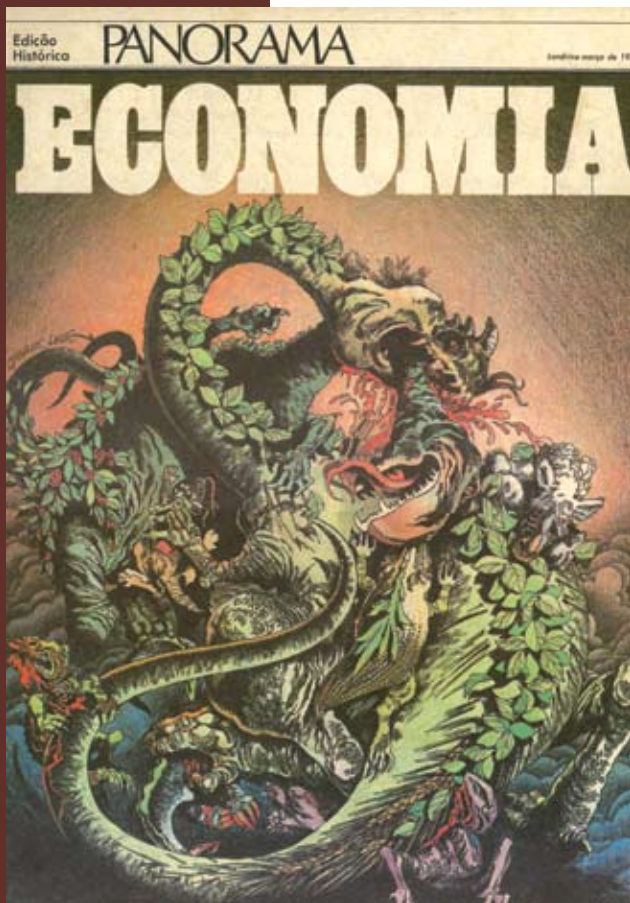
Há muito mais nesse universo. Esse DNA político se ramifica e envolve muitos outros genes, de tonalidades e cores diversas. Haveria necessidade de um espaço muito maior para problematizá-lo. Fizemos uma opção simples: destacar pessoas que colocaram a luta pela liberdade e a democracia como o centro da política. Aliás, esse deveria ser o caminho de todos os políticos!



Os anos loucos de Londrina



UMA VISÃO DO TEMPO EM QUE SE ACENDIA CIGARRO
COM NOTA DE DINHEIRO, PELO ESCRITOR **JOÃO ANTÔNIO**



Panorama Economia
Londrina | março de 1975

O jornal *Panorama* durou apenas 20 meses, mas causou impacto em Londrina. Em 1975, chegou à cidade um grupo anárquico, dito contracultural e especial, vindo das travessas paulistanas e das praias cariocas para fazer um jornal mantido pelo ex-governador Paulo Pimentel. Uma publicação ousada e arriscada para uma cidade que ainda não completara meio século.

Proporcionou-se ao jornal o que havia de mais moderno em equipamentos. Meia dúzia de talentos recrutados na imprensa local se somou a nomes como Narciso Kalili, Georges Bourdokan, Hamilton de Almeida Filho, Mylton Severiano, Ruy Fernando Barbosa, Mário Escobar de Andrade, José Trajano e Ricardo Gontijo.

Entre eles, depois de se despedir das areias e das sinucas de Copacabana, também estava o jornalista e escritor João Antonio. É dele o texto a seguir, publicado no número inaugural do *Panorama*, sobre os anos loucos da sempre avançada Londrina.

Corria um tempo em que, como se diz, se amarrava cachorro com linguiça e se ganhava dinheiro a rodo. Amavam-se mulheres finas, admiráveis, beldades que se revezavam, lindas e muitas trazidas e chegadas de todas as partes. Havia chilenas, argentinas, mexicanas, bolivianas, as melhores cariocas, gaúchas, paulistas e uruguaias. Só se bebia champanhe francesa e scotch importado. Os cigarros eram americanos e acesos, alguns ao fogo de notas enroladas de cinco mil réis, no meio da penumbra de mesas ricas dos bordéis de Londrina. O dinheiro rolava solto, ágil, fácil e muito. Inesperado.

O herói era o café, de quem nunca se esperou tanto. A heroína era a terra roxa, firme, forte na cor e na fertilidade.

Mas Londrina aceitava o desafio da loucura do café e assumia a si mesma. Esbanjando à grande, gulosamente festiva e boêmia, a cidade cumpria a sua contradição – chegava aos vinte anos de vida e já era capaz de ganhar mais do que produzia, gastar mais do que necessitava, aproveitar menos do que podia assimilar. E, sem nenhuma raiz, trouxe todas as raízes de fora.

Como num golpe, como num susto, o movimento inflacionário deu partida. O meio circulante, o dinheiro, de um salto acompanhou o pulo dos preços do café. Fazendeiros, cafeicultores, exportadores, corretores, toda a gente ligada ao café estava rica da noite para o dia.

Londrina, terceiro aeroporto em movimento no país. Para alguns veteranos, o ano de 1951, é o momento alto da euforia. Táxis aéreos particulares, além das linhas regulares da Varig, Real, Aerovias e Vasp fazem em média de 40 a 50 voos diários, despejando ou levando gente que entra e sai, principalmente de Foz do Iguaçu, Porto Alegre, São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Goiás e Belo Horizonte. Nesse ano, a famosa Buate Diana fretava um avião de linha comercial trazendo vinte mulheres a Londrina. A dona da buate, Selma, anunciava pelas rádios, pelos altos falantes da cidade e até com fotos em biquíni, a nova safra que estava para chegar: BUATE DIANA – NOVOS SHOWS – GRANDES ATRAÇÕES. O principal bar da cidade, o Líder da Rua Rio de Janeiro, expunha fotos de jovens mulheres lindas e gritava reclames. Cafeicultores, fazendeiros, madeireiros, coronéis, picaretas foram ao aeroporto assistir à chegada das chinas, como a linguagem da época as chamava. E, ali, mesmo, cada um já escolheu a sua mulher, com quem se avistaria à noite. A safra de mulheres era chamada lote e os compradores as escolhiam previamente, como gado. Mas gado de raça, diga-se.

Possível, ainda hoje, extrair vivo da memória dos antigos o clima de paroxismo daqueles anos de glória, alegria e loucura. Uma crise de muito dinheiro explodindo entre 1949 e 1953, flagrando, envolvendo, desnorteando todos. Despreparados, fascinados, ricos da noite para o dia, os poderosos de Londrina e os poderosos vindos de fora fizeram nascer um movimento esdrúxulo e glorioso e, conforme alguns testemunhos, a maior de todas as aventuras boêmias e alegres já vividas por uma cidade brasileira.

Um fazendeiro freta um avião da Varig, de Londrina para Porto Alegre, levando um amigo e uma mulher e ali ficam, à larga, gastando e vivendo. Por dez dias. Diana, Laura, Esperança, Dagmar, Cidica são as casas alegres mais ricas e famosas dentro e principalmente fora de Londrina. Mas o meretrício é muito mais. Falava-se, em termos estatísticos, que havia entre zona, casas e chácaras, cinco mil mulheres em exercício. Nas grandes casas, rodízio permanente, que os consumidores querem novidade. Pagam e pagam alto – se chove, o fazendeiro vai ficando na casa e está disposto a tudo enquanto chover e quiser ficar. Sustenta o fogo aceso de trinta mulheres bebendo. Bêbado, é roubado na conta. Gasta vinte mil cruzeiros, paga trinta ou mais. E paga. As grandes casas não servem cerveja, é bebida barata. Só trabalham com scotch autêntico (Cavalo Branco ou John Haigs), vinho Adriano Ramos Pinto, legítimo português

ou champanhe francesa. Os garçons, vestidos a rigor, trabalham com pratarias, cristais e servem em pires de metal, quando a pedida é individual.

Noutras cidades do Norte do Paraná, o café fazia enriquecer. Todo o Norte cresceu. No estado de São Paulo, as cidades de Presidente Prudente, Marília, Ourinhos, Bauru conheciam o auge. Mas Londrina era o centro boêmio dessa euforia que chegou a nacional – o café – e abriu suas asas para os vícios e as graças da vida alegre. Montou as casas mais ricas de prostituição do país, conluiou picaretas, otários, golpistas, papaleiros, cáftens, marafonas caras e finas, hábeis malandros de jogo carteadado do pif-paf à caixeta, do bacará à roleta, músicos, cantores famosos e nomes internacionais em moda, orquestras estrangeiras, suntuosos automóveis importados, manteve clubes de jogos às dezenas, trouxe e renovou em aviões fretados as mais finas safras de mulheres da noite, enquanto suas ruas continuavam sem pavimentação e a cidade tinha problemas de saúde, saneamento, educação e transportes.

A cidade estava dividida em duas, a de baixo e a de cima, a que fica antes e a que fica depois dos trilhos dos trens, a zona e a família, a devassa e a bem comportada. O café, só se plantava café, cerca a cidade dividida em duas. A duzentos metros de onde é hoje o número 540 da Rua Mato Grosso já havia cafezal intenso. Havendo sol, Londrina impregna seu pó vermelho, roxo, terra de siena; havendo chuva, as ruas da cidade viram lama que só as charretes conseguem atravessar. Quando chove, abaixo dos trilhos, na zona é possível viver o tempo que se queria. Há restaurantes, bares, vida correndo, cabeleireiro, tudo. O grande restaurante está lá. O Tuninho. Já naqueles anos de ouro oferecia a melhor comida de Londrina.

É algo como não há outro no Brasil. Importa os maiores profissionais da malandragem até estrangeiros, cria grandes otários, na época chamados marrecos, trouxas, coronéis quando farristas, divertidos e endinheirados, anima rufiões e faz virem de fora os gigolôs com suas mulheres, ou virem sós e aqui se argolarem. De colt 38, cabo de madrepérola na cintura, os coronéis adentram as casas e dançam o shot animado pela sanfona e bateria. Ou se dança o tango.

Na pedra da Rua Rio de Janeiro, lado esquerdo de quem desce para a estação ferroviária, a picaretagem corre firme, vem queimando, envolve terra, letras falsas, começam a surgir os primeiros cheques sem fundo, terras frias são vendidas, cartórios venais e mancomunados com

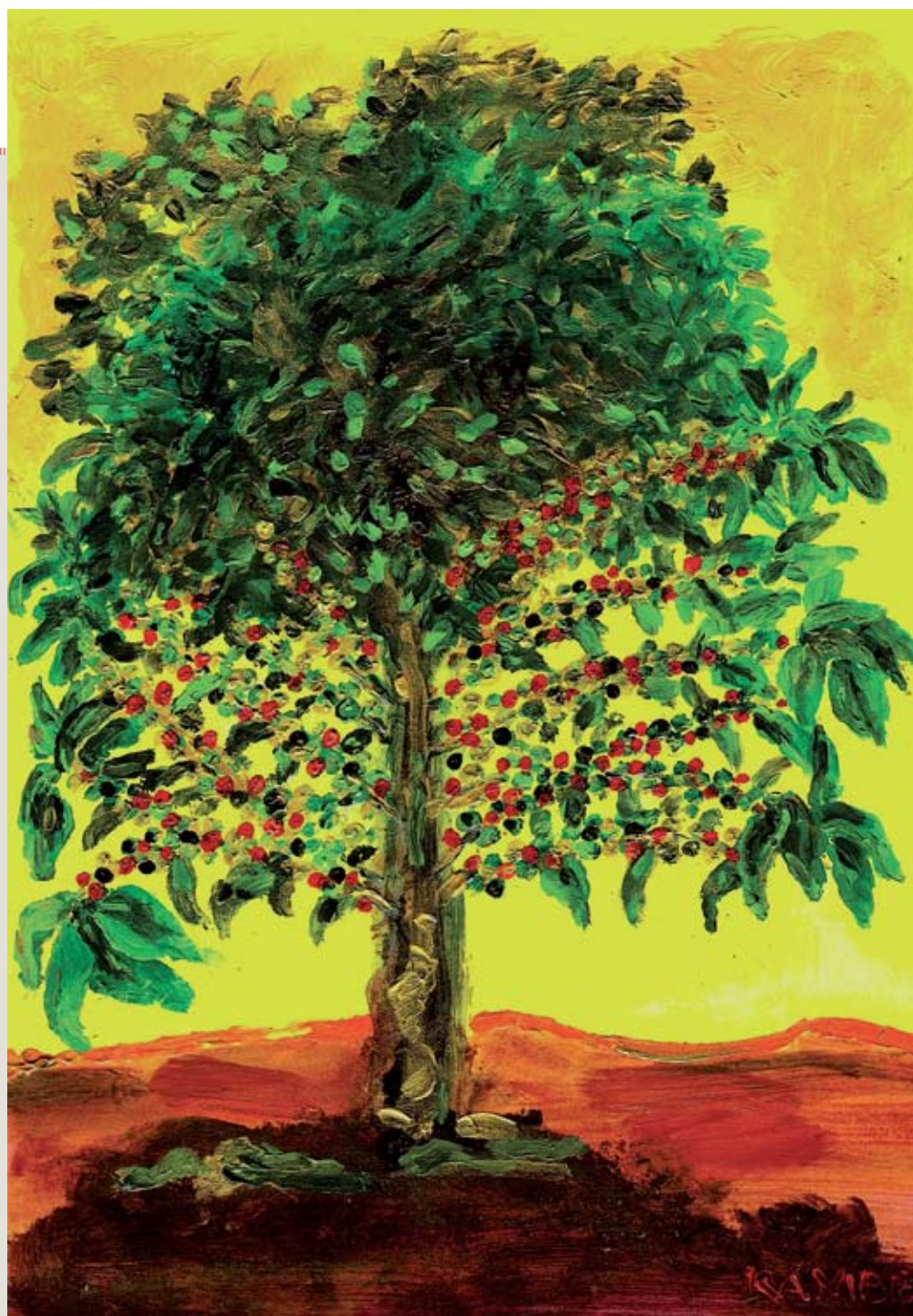


Ilustração | Kambé

os picaretas vão escriturando duas, três vezes a mesma propriedade. Os problemas policiais crescem rapidamente, há desordens, conflitos e tiroteios na zona.

Rápidos, ariscos e impunes, os vigaristas, chamados corretores, funcionam elétricos, desenvolvendo tombos, estouros, segundas, datas (lotes de terra) que jamais existiram. Levantam o dinheiro fácil, ganhando do jacu (o comprador de terras, pacato, crédulo, ignorante, vítima frágil) e vão gastar lá embaixo, à noite, nos bordéis. Nasce a expressão “ir para baixo”, ir para o brega (lupanar).

Nas ruas, uma lama só, quando chove. E pó vermelho, se faz sol. Mas a ostentação e as viagens dominam. O carro estrangeiro, enorme, de preço, chega a Londrina – o Nash e principalmente o grandalhão Cadilque rabo de peixe. Os fazendeiros e enricados preferem o bem preto, banda branca, exuberante, suntuoso, embora o pó avermelhado suje tudo, se intrometa e fique impregnado em tudo: pessoas, animais e coisas.

Até no dinheiro, até entre as unhas que o desfolham e contam, a marca roxa da terra. É, já se sabe, coisa do Norte do Paraná. Tempo de dinheiro bravo. Hoje, o dono de uma churrascaria da Rua Mato Grosso confessa não saber mais o que fazer e nem

a quem recorrer. Está recebendo uma média diária de quatro cheques sem fundo. E de pessoas amigas. De 1948 a 1951, os cheques praticamente não circulavam em Londrina. Era dinheiro vivo. Os sabidos da região inventam expedientes e depenam seus otários. A picaretagem reunida em vários cantos da cidade parece ter recebido uma ordem geral de comando: vamos malhar os irmãos, vamos vender ações do Banco Continental, vamos dar falsos espetáculos de luta livre, judô, karatê e luta romana. Assim, Londrina chega a apresentar até touradas para otário deslumbrado ver. E uma cervejaria, que aparece com objetivo de dar um golpe, acaba dando certo e tem, querendo ou não, de levar o negócio para frente no roldão dos lucros.

A dona da buate Diana, em carro aberto ou fechado, desfila pelas ruas de Londrina mostrando a sua mercadoria, o novo lote de meninas que acabam de chegar, via aérea, pelo chamado “balaio”. Chegadas, as mulheres dançam, pintam e bordam, rolando e ganhando o dinheiro. E o jogo de azar corre intenso, dia e noite pela fresta de um expediente engendrado pelos malandros. Alugam-se no centro de Londrina edifícios que funcionam como subsedes dos clubes. São aluguéis caros, alguns vão a 100 mil réis mensais. Para que se tenha referência do dinheiro que rola em jogo na cidade, em 1951 há 15 clubes. E os melhores são frequentados também por mulheres que acompanham seus homens, marrecos ou rufiões. Malandros atilados e finos de jogo chegam de todo o Brasil, Uruguai, Chile e Argentina. O grande jogo é o pif-paf, mas há o bacará, a caixeta e outras modalidades, que as autoridades com o tempo e com as confusões, brigas, fugas e prisões decorrentes mandam parar. A roleta também vem a Londrina, ficando pouco mais de uma semana. As autoridades mandam parar.

Mulheres bonitas chegando, as grandes paixões passam a comuns. Noivos desmancham compromissos, fogem levando a concubina consigo. Maridos desnorteiam-se, rapazes bonitos viram gigolôs, amores inesperados explodem, gloriosos e malditos. Há tiroteios na disputa de uma mulher, há tentativas de suicídio para trazer um gigolô à cama.

Amar, beber e jogar. Esse, o trinômio que Londrina não conhecia antes da explosão do café. Que faltava à cidade pacata, enlameada ou poeirenta, que não estendia outro divertimento além da caça, pesca, alguma briga de galo, alguma penca (corrida de cavalos disputada em pista reta). Assim, o brega, o bordel ao lado da jogatina era o grande divertimento único da cidade. E mais que isso. Muito mais.

Era um ambiente de amor espúrio e camaradagem entre boêmios alegres e endinheirados, com jogos e arrumações. Naquelas libações do brega, reunia-se o alto mundo do café no Brasil, firmando grandes negócios de compra, venda, troca, exportação. Todo grande negociante de café é, em geral, grande boêmio, maneja dinheiro grande e viaja imensamente.

– Chacoalharam um pé de prostitutas no Rio de Janeiro e até as que estavam verdes caíram aqui.

A frase, de exagerada, não tinha nada. Uma vez, por volta de 1951, um homem poderoso, político e fazendeiro vai ao Rio de Janeiro resolver negócios de exportação e almoçar com autoridades e um ministro. Comem no Le Bec Fin, a mais fina cozinha francesa de Copacabana na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, ali pela altura do Lido. Almoço findo, uma das autoridades da roda propõe amenizar o encontro visitando na Avenida Atlântica uma requintada casa de mulheres, luxuosa e discreta. Lá, terminadas as apresentações formais, a dona da casa bate as palmas clássicas.

– Meninas!

Surge no salão a safra mais fina, o que há de melhor e mais jovem, a nata das profissionais da Zona Sul do Rio de Janeiro. No entanto, estão nervosas, constrangidas, perdendo o lindo rebolado, enquanto o homem poderoso de Londrina, convidado por um ministro e autoridades que estavam certos de que lhe reservavam um presente, uma surpresa, olhava com tranquilidade. Uma delas, dissimuladamente, se aproxima e lhe diz, quase ao ouvido:

– Doutor, por favor. Não diga a ninguém aqui no Rio que o senhor já nos conhece.

O homem rico do café já conhecia todas aquelas mulheres de sua vida boêmia nas casas da noite de Londrina.

A Companhia de Terras do Norte do Paraná mantém vivo interesse em divulgar suas terras, os usos e cultura da região aproveitando a ascensão do momento inflacionário e o salto dos preços do café. Afora tudo isso, as terras são privilegiadas, dando de tudo, terras roxas do Norte do Paraná. Assim, uma imobiliária local, a Ipiranga, chega ao ponto de montar um escritório de representação de vendas de terras em Paris.

Londrina é comentário. Um carro de chapa londrinense transitando por São Paulo ou pelo Rio de Janeiro, por exemplo, levanta observações exclamativas e olhos compridos na dinheirama do dono. Uma massa de população flutuante

de todos os estados do Brasil e até do estrangeiro parte ou chega à cidade. Que é um chamamento, é alegre, convida, apesar do pó vermelho ou da lama vermelha. As novidades fervem. Roupas, carros, mulheres, aparelhos elétricos, modernos confortos – Londrina adota de pronto. É a primeira cidade do interior brasileiro a estar na moda, depois do Rio, que imita apenas Paris, Roma e Londres. Tem bons hotéis, o Franz Hotel, depois o São Jorge, o Grande Hotel, o Tóquio Palace Hotel. Alguns cinemas – o Cine Londrina, o Cine Municipal e o Ouro Verde. Teatro nenhum, biblioteca nenhuma. Comum não haver uma vaga em nenhum dos hotéis da cidade. Então, as tripulações dos aviões em trânsito hospedam-se, naturalmente, nas casas de mulheres, na Diana, na Cidica. E tudo bem.

Gente que tem posição de café (nunca se pode dizer que quem possua menos de 5 mil pés tenha posição) fica mais rica do que qualquer previsão. Nomes como Vitorelli (Londrina), Codato (Cambé), Mazi (Rolândia), Manoel Lage (Arapongas) e Coletto em Rolândia e todo o Norte do Paraná tornam-se, da noite para o dia, discutidos, invejados e citados nas altas rodas de negócio do país. (Coletto, mais tarde, aplica um estouro na praça do Norte do Paraná, que ganha dimensões de escândalo público, indo de 15 a 20 milhões de cruzeiros atuais e, por pouco, chegaria ao tamanho de um escândalo como o da Manesmann, ainda de fresca memória).

– Eu estou duro.

Não se ouvia esta frase em Londrina. Todos ganhavam dinheiro: saqueiros (carregadores de sacaria), peões, garçons, moleques entregadores de recado, serviçais humildes, todos ganhavam dinheiro na terra. Havia um garapeiro, da Rua Curitiba, que além de servir garapa, era agiota. E como não existe agiota perdulário, hoje o cidadão possui três apartamentos de aluguel só no centro da cidade.

O mexicano Pedro Vargas, cantor de boleros. A orquestra de Francisco Canaro, Sílvia Caldas, Dircinha Batista, Isaura Garcia, Grande Otelo, Carlos Ramirez, Cauby Peixoto foi crooner da Buete Colonial. Luz del Fuego e Elvira Pagã. As grandes orquestras Caló e Darienzo. Londrina atrai e agasalha o de melhor, debaixo de convite alto. É a época do tango, do shot, do baião e o bolero está apenas começando a pintar nas madrugadas. Londrina, além de seus grandes bailes e shows (Evandro Costa Lima a visitou como bailarino), importa o melhor e mais caro, paga alto, desde que seja a última moda.

Enquanto isso, na madrugada da Rua Rio de Janeiro, no Bar Líder, ponto de boêmios, afortunados, jogadores e jovens, corre o jogo da vida, nas mesas de bilhares. A dinheiro alto, claro.

Pontifica nas casas de mulheres, o Marquês do Bom Michê, figuração incorrigível, protetor dadivoso de marafonas, otário oferecido e que, enciumado, ataca todas as façanhas dos jovens gigolôs, fortes, bonitos, viris. E há aquele bacharel em direito que mesmo roubado ostensivamente não diz palavrão, não perde a classe e a dignidade. Repudiado pela bonita mulher que o troca por um rufião, o mais que faz é dizer uma frase solene:

– Olhem só que vulgar estelionatária do amor!

Laura, hoje dona de um dos maiores prostíbulos do Brasil, o La Licorne, em São Paulo, é vista assim pela memória dos que a conheceram em sua passagem por Londrina, onde fez dinheiro como dona de uma casa – trazia mulheres de fora, principalmente de São

Paulo e explorava violentamente as infelizes. Dava-lhes o chamado banho de loja, vestindo-as com roupas caras, vistosas, insinuantes, onde o tomara-que-caia era o requinte da moda noturna. Depois, cobrava-lhes os olhos da cara, as espezinhas, taxava-lhes juros impagáveis. Suas vítimas só encontravam uma maneira de se alforriar daquele tipo de escravidão – fugindo, de pinote, espionando-se nas últimas horas da madrugada e deixando roupas (duonas) e sapatos (pisantes). À cafetina odiada por todos, até pelos policiais, é atribuída a chegada dos tóxicos na cidade em 1960 – pervitin, dexamil, maconha, droga. Presa várias vezes em Londrina, seu dinheiro conseguiu corromper policiais e lei.

– Era a mulher mais falsa sobre a terra.

Esta frase se acrescentou a outras de calão menos comportado ou publicável. Metia, dizem, tóxico nas bebidas, viciava suas vítimas, trouxe para a cidade toxicômanos famosos, até mesmo cantores e principalmente menores e meninas fugidas de casa. Não era mulher bonita, nem era mulher tratada, não se trajava com apuro, capricho ou categoria. Trazia os cabelos longos escorridos e lambidos, conforme os que a viram na época. Destacava-se do geral das donas de casas de mulheres. Fria, negociante, calculista, medidora, plantava-se atenta e sovina atrás da caixa de seu bordel, verificando tudo, olhos de águia e atacando sempre o primeiro otário ofertado que cruzasse a sua porta. Rápida, é a primeira a atacar. Despreza os policiais, não faz deferências e cumprimentos especiais às autoridades. É odiada, portanto. Já Diana, sua concorrente, estende todas as honrarias da casa às autoridades que a visitam, manda servir uísque e chama para a roda oficial as mulheres mais finas. Vai à delegacia convidar para uma bebida em seu bordel. E nas festas juninas faz questão de dar festa à luz da fogueira no dia de São João, onde se come pinhão, batata doce assada e se bebe quentão em ambiente familiar. Nem todos, no entanto, ganham da vida o que merecem e, segundo aqueles antigos dos tempos de ouro do café, a tal Diana perdeu-se de amores por um cantor toxicômano, importador de mulheres, atravessador de drogas, Roberto Luna, que para sustentar o vício caro, a caftinava alto e implacável, tomando-lhe até os últimos. Dizem as bocas antigas.

O ano de 1951 presencia a entrada de fazendeiros intelectualizados (bacharéis em direito) nos bordéis. Assim o brega cresce de padrão, abre alas e dá entrada gloriosa aos fazendeiros que chegam montados em cadilaques pretos de banda branca. Tudo é lama ou pó vermelho em Londrina. Tem início o calçamento das ruas, há uma profusão de charretes funcionando como táxis, é a época dos fordes e jipes 48 e 51, de aluguel, principalmente usados pelos picaretas que

levam os jacus para ver as terras que comprarão. E que outros igualmente desavisados já compraram antes.

Selma, loira e dona de bordel, querida, polaca, hoje estabelecida em São Paulo com a Buete Versalles, foi a mulher que colocou na zona a primeira grande casa, a Diana, da Rua Vila Velha, atrás do estádio de futebol. Também abriu o grande bordel Nova Diana, dentro de um cafezal com piscina moderníssima, dois pavimentos, três quartos sofisticados, ostensivamente luxuosos, além do quarto de três paredes e teto de espelhos. Atual dona de uma das grandes casas da noite de São Paulo, começou na Vila Velha. Casou-se com Sebastião Alves Aguiar, hoje agraciado com o título de comendador. Selma tem um filho, Alberto, que gerencia a Buete Nova Diana, em pleno cafezal.

Os Cadilaques de Londrina, caros, ostensivos, bebedores de gasolina viram notícia e fornecem reportagens para os jornais e revistas paulistas e cariocas. Aparecem primeiro pelas mãos dos corretores, dos picaretas, dos papeleiros, dos grandes vigaristas. Depois, os fazendeiros os adotam e neles escapam para as beiradas dos rios Tibagi ou Cambezinho, onde fazem churrascos ou tomam banhos com as mulheres.

Cáftens desembarcam em Londrina portando suas minas, mulheres chilenas, paraguaias, bolivianas, mexicanas, argentinas e até francesas. Os cantores famosos chegam para cantar de dia nas rádios locais e à noite nos bailes ou nas três grandes buetes, onde a Colonial é o ponto alto, na Rua Maranhão. Harpas paraguaias, Miltinho, Pedro Vargas, Roberto Luna. A cidade importa variedades e opções, oferece grandes restaurantes, ainda mais na zona boêmia. Depois das quatro da manhã, fechadas as buetes, há o Tuninho, abaixo dos trilhos dos trens, e há o Bar Líder, na Rua Rio de Janeiro, olho aceso na noite e ponto de boêmios da parte de cima da cidade. São ceias se esticando até o nascimento do sol.

Preconceito feroz. As prostitutas têm hora determinada para transitar pela cidade. Devem viver isoladas, confinadas, na zona. A linha dos trens é um limite, linha divisória, para que não subissem para a área familiar. As prostitutas não têm essas liberdades e corre um tempo em que não se pode dizer que tudo o que é moda não incomoda. Hoje, mulher comum e prostitutas se vestem com semelhanças. Naquele tempo, segundo os antigos – foram eles que fizeram aquele tempo – a mulher-família se vestia com recato, grave prudência, saias lá em baixo, pernas escondidas. Hoje mostram tudo o que têm. E até o que não têm. Observam os antigos.

Restaurante Calone, 1951. Na Avenida Paraná, entre o Cine Ouro Verde e o edifício Autolon, as prostitutas entram, roupas avançadas, decotadas, ousadia das indecências. Pedem, as três, sorvete. O dono do bar, dissimulado, sem que as mulheres percebam joga sal no sorvete antes de servir. E cobra três vezes mais caro para que elas não voltem nunca mais. À noite, talvez o mesmo homem procure no bordel uma daquelas três mulheres para comprar amor. E não aceitará o produto se o servirem frio.

Havia Soilo, cabaretista, cantor, que declamava na noite. Havia tentativas de suicídio e de morte no hotel por causa de um gigolô, por causa de um coronel. Os homens se impunham como machos, brigavam, armados de colt 38. Os mais velhos eram habituês, os mais moços sem dinheiro, mas na força da idade, gigoletavam. E havia os deboches divertidos dos alegres rufiões. Os corretores vinham e iam e ficavam homiziados nas casas de mulheres, semanas a fio, varadas com música, bebida estrangeira e mulher muito bonita. Londrina atraía gente de fora, a ponto de importações e figurações das mais diversas atividades descerem em seu aeroporto e ficarem semanas, quinzenas. Esbanjamento de fortunas no jogo e na prostituição não tem conta. Mais no jogo, claro. Importante, nesse espetáculo todo, para alguns, é que em tudo isso havia tranquilidade e a vida era festiva nos bordéis. Mas há a história incrível do pistonista Booker Pittman, pai de Eliana Pittman, que viveu em Londrina cinco anos, tocando de casa em casa e morrendo de beber.

Em temporada eleitoral, um candidato a senador pela oposição foi flagrado na madrugada no quarto de mulheres nas grandes casas. O homem de Londrina, perdulário desbragado, exige novidade e paga alto. E no intercâmbio boêmio dessas cidades, há diálogos onde a palavra de ouro é Londrina:

– Eu vou em junho ou julho.

Mulheres que tinham noção de safra e de quando o dinheiro ia correr. E a zona quase elegeu um vereador. Ângelo Daniel, candidato do Partido Social Trabalhista, garção da antiga Diana, hoje ainda como garção do Versailles, em São Paulo, praticamente já estava eleito naquele começo da década de 1950, quando alguns cidadãos bem comportados ou temerosos da terra lembraram-se de botar um freio na situação. Afinal, eleger-se vereador um garção de bordel poderia ir de encontro ao bom nome da cidade, já falada pela sua devassidão e excessos. Naturalmente debaixo do peso de dinheiro, Ângelo Daniel retirou sua candidatura.

Era só café. O resto da produção agrícola era ralo, para o gasto – verduras, hortaliças, ovos, leite. O gado de leite vinha à cidade, era puxado pelas ruas lamacentas ou poentas. E os vendedores, gente rude, gritavam:

– Leite, leite!

No portão das casas a patroa atendia. As crianças pediam:

– Mamãe, me compra um caneco?

Então, o leite era tirado na hora, vendido ainda quente do úbere.

As ruas eram povoadas de verdureiros, frutas e legumes baratos e fresquinhos, sem plantios e crescimentos artificiais, sem a técnica japonesa. A cidade não tinha nem 20 por cento dos japoneses de agora. Comia-se melhor, tudo era sadio. Não havia carne congelada, nem supermercados, cozinhava-se com lenha e carvão. O elevador não havia chegado ainda, as casas eram baixas, no máximo dois pavimentos. Um edifício de três andares era raro, tudo era escadaria.

Na zona, os homens dançam o shot com revólveres na cintura e as mulheres no rodópio, derrubam de propósito as garrafas de champanhe francesa para o otário pagar. A champanhe importada custa de 500 réis e um mil réis. Muitos homens andam montados, éguas bonitas, vindas do mato e da fazenda para a cidade e, ao apeiar, amarram os cavalos em estacas de pau. A cavalo também vão à zona de bolsos cheios, com dignidade e arrogância. Com um homem daqueles não se mexia sem receber troco na hora.

O homem se vestia melhor, pelo testemunho dos antigos. Bota marrom de cano curto, calças de linho marrom e blusão marrom. Tudo marrom. Pó vermelho. Lenço no pescoço para evitar o pó.

Capitão Eusébio, fazendeiro e político (PSD), figurão das noites boêmias, dançava shot, era alegre, bom, amigo da farra e das mulheres, boêmio extremado, vivedor. Teodoro Vitorelli era o boêmio sem remissão. A boemia era esparramada numa e outra casa, não havia as rodas, as concentrações. Todos se conheciam, mas cada qual na sua vida. Capitão Luís, chamado Capitão Mamão, prefeito de Apucarana depois deputado, gordo de 150 quilos, boêmio e homem direito. Capitão Fernando Flores, gaúcho macho, dos que não mostram os dentes sem motivo, garantia o serviço policial. Jogava-se bilhar francês, mandavam-se os filhos estudar em Ponta Grossa, Curitiba, Bauru, Ribeirão



Preto, Sorocaba, Campinas, cidades mais estabilizadas. Capitão Pimpão, finalmente. Limpou a cidade dos ladrões e dos picaretas que, quando os pilhava, os fazia beber óleo de rícino, óleo de caminhão, dava-lhes um purgante. Havia sido interventor na Prefeitura e tratou de obras de terraplanagem da cidade. Depois, candidata-se a prefeito e oferece uma churrascada memorável, feita no campo de futebol. Mataram-se muitos bois, o povo desceu em caminhões e comeu todo o churrasco. Mas não votou no Capitão Pimpão para prefeito. E ele que havia feito tanto por Londrina. Povo falso, dizem.

E dizem que noventa por cento dos que iam à zona eram homens maduros. Os jovencinhos pouco iam lá, temendo encontrar seus pais e levarem uma esparrela. Hoje não; vão pai, filho e avô. Juntos e debochados. Perdeu-se o respeito, observam.

Não se ficava de imediato com a mulher escolhida no bordel. Havia uma técnica de romance, namorava-se, ia-se à casa duas ou três vezes, presenteava-se, mimava-se. Só depois o ato. Também as profissionais não fixavam preço, taxativo, inflexível, frio, duro, antipático. Mas isto gerava um pagamento inesperado e, de comum, decuplicado, que poderia jorrar a qualquer momento. O lucro era certo e grande no fim. Depois os homens do café e os corretores viajavam muito. Nos reencontros, prostituta e cliente retomavam afeições e amores que pareciam cada vez mais firmes, como coisa de amante – fúria, dependência, paixão.

Havia coronéis escalados para serem os padrinhos dos filhos das mulheres – pareciam não ter outra função no cenário. E a vida dos gigolôs tinha passagens que faziam um capítulo. Os viajantes, nos jantares depois das quatro da manhã, passavam tempo sem fim desfiando o anedotário novo.



Ilustração | Kambé

O Operário (Sociedade Operária) era o Carnaval popular, com ordem e alegria, nas ruas Mato Grosso e Vila Velha. O principal traço era a sua democratização, nele entrava de tudo, rico, pobre e médio. Alugavam-se também grandes armazéns de café que estivessem vazios, salões que tinham 50 metros por 30 e o povo misturado se divertia no Carnaval. Agora, conforme os antigos, Londrina é o que é, não se encontra um divertimento sadio na cidade. Os clubes são fechados. Morreu o Operário, a diversão popular, barata e de todos. Agora, os armazéns de café ficam vazios no Carnaval, naquele tempo eram alugados. Taxas, impostos, burocracia, imposto sobre imposto, matou-se o Carnaval do Operário. A prefeitura e os homens do governo deveriam ver isso, analisar, facilitar as coisas. Assim, o povo não se diverte.

Se chovia, lá em baixo se passava uma semana entre as mulheres e a bebida e a comida. Numa dessas estiradas, um gigolô debochado, acompanhado de mais de uma dezena de mulheres bêbadas e quase nuas, apoderou-se de um caminhão numa Sexta-feira da Paixão e desandaram todos a rezar, acompanhando uma procissão que passava. Foram excomungados pelo padre furioso.

Apareceu na cidade um circo e um gigolô engenhoso arrastou, afoito, asas sobre a proprietária, mulher mais velha que ele. Perdulário, dado à bebida estrangeira, gastou o dinheiro da amante e só lhes restou um leão como último patrimônio. Haviam bebido tudo. Mas o rufião queria prosseguir e acalmou a amante, apavorada, a um passe da miséria:

– Calma. O dinheiro acabou. Agora vamos beber o leão.

Necessitando de dinheiro, às nove e meia da noite, um gigolô matutava:

– A esta hora da noite, diabo, onde haverá um otário disponível?

Lembrou-se de que era a hora dos padeiros. Procurou um e vendeu-lhe uma data (lote de terra) inexistente, abrindo-lhe uma carta extravagante de loteamento, em que o jacu estaria comprando um terreno vizinho às Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo e à Andreson Clayton. O marreco vibra antevendo o lucro certo. O gigolô apanha o dinheiro do sinal e vai para o brega.

Histórias de gigoletagem não acabam, multiplicam-se, proliferam-se. Houve estranhos acordos e conluios neste triunvirato velhaco coronel-mulher-gigolô. Mulherengos empedernidos montaram casas e viveram nelas com três mulheres ao mesmo tempo. Um dia, aquelas três foram ao

Cine Ouro Verde e, juntas, desentenderam-se, aprontaram um escarcéu e foram presas. Na delegacia, todas se diziam mulher do mesmo homem, um poderoso da cidade. Então, o delegado telefonou ao ricoço, pedindo orientação, explicando, querendo saber o que fazer. Do lado de lá do fio, a resposta veio rente:

– Bote todas na cadeia que eu quero ver se me livro um pouco delas.

Gigolôs, picaretas e papeleiros funcionavam se entrelaçando. Um dia, um desses arrumou amante bonita que passou, dali em diante, a ser cortejada, com insistência, por um endinheirado da cidade. O ricoço insistia, o gigolô advertia amistosamente. A mulher reclamava dos pedidos insistentes do outro. Então disse o malandro:

– Você diga que vou viajar. Receba o marreco. Quando estiver nu e entusiasmado, embole toda a roupa dele e jogue pela janela.

Foi dito e foi feito. Então, o gigolô pegou as roupas do prevaricador e foi entregá-las à sua esposa, não se esquecendo de a alertá-la para o local onde se encontrava o marido.

Um monumento de mulher, uma graça rara pinta, pela primeira vez, na cidade. Um gigolô atento desfecha a conquista para aquela noite mesmo, num encontro nas últimas horas da madrugada. E sai para a zona, a se divertir, prelibando a conquista. Hora marcada, volta ao bordel. E estarrece. Na mesa, sentado e bebendo com aquela mulher, está um poderoso coronel do café que, com uma nota de cinco mil réis enrolada e em chamas, acende o cigarro estrangeiro.

Essa, a Londrina louca e gloriosa, devassa e amante, alegre e boêmia, velhaca, frívola e transitória, que os anos de cinquenta viram nascer e brilhar de repente, passando como uma chispa. Em 1953 viria a primeira queima do café, a geada, a queda violenta de vendas e de preços.

A loucura acabou, as luzes foram desmaiando, as casas sendo deixadas pelos grandes nomes importados, a festa quase parou e a cidade foi voltando ao seu lugar.

Quem viveu os anos de ouro, viveu.

Quem não viveu, não olhe para atrás.

Londrina é outra. ■

.....
 • João Antônio (1937-1996) foi escritor e jornalista.
 • Autor, entre outros livros, de *Malagueta, peru e*
 • *bacanaço* (1963) e *Casa de loucos* (1976).

O inferno. que veio do frio

por NILSON MONTEIRO



GEADAS FIZERAM A CIDADE QUE JÁ FOI CHAMADA
DE CAPITAL MUNDIAL DO CAFÉ AMANHECER POR VÁRIOS
DIAS COBERTA DE MEDO E TAMBÉM DE ESPERANÇA

Escorado em seu cigarrinho de palha, os olhos ainda molhados, ele murmurou palavras embaçadas pelo fumo e pela geleira da manhã: “O céu tava azulzinho. De repente, no final do dia, ficou vermelho. Aí virou o inferno”. O agricultor, como milhares, não queria acreditar no que vivera na madrugada anterior, quando os termômetros chegaram aos 3,5° negativos e o vento cortante queimara o café do mapa do Norte do Paraná de forma impiedosa. Londrina acrescentara naquela quinta-feira, 18 de julho de 1975, mais uma cicatriz gelada, a quinta, em sua história de quatro décadas e de liderança regional fomentada pela cafeicultura.

Esta história começou em 1910. O major Antônio Barbosa Ferraz Júnior e seu filho Leovegildo esticaram os olhos para o colchão de terra roxa (formado por derrames basálticos) para além de Jacarezinho. Venderam uma grande fazenda na região de Ribeirão Preto, em São Paulo, e compraram uma extensa gleba, com 2.582 alqueires, na fronteira de São Paulo com o Paraná, entre Ourinhos e Cambará, à qual deram o nome de Fazenda Água do Bugre. derrubaram a mata e plantaram um milhão de pés de café que, anos depois, se transformaram em um mar verde indicando a necessidade de esparramar-se sertão adentro, assim como da ferrovia, que havia chegado a Ourinhos, esticar seus trilhos em direção a este novo pedaço de riqueza para transportá-lo ao porto de Santos.

Cafeeiro de 12 anos, totalmente prejudicado pelas geadas de 1953. Autor desconhecido | coleção I.B.C. Instituto Brasileiro do Café | Acervo Museu Histórico da UEL

Em 1924, o inglês Simon Joseph Fraser, conhecido como Lord Lovat, diretor da Sudan Cotton Plantations Syndicate que viria a organizar a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), visitou a Água do Bugre e antecipou o desejo de disseminar outra cultura — o algodão — na margem esquerda do Paranapanema. Seus olhos de técnico em agricultura e reflorestamento brilharam com a potencialidade da terra para o plantio de algodão, que os ingleses importavam em larga escala para sua florescente indústria têxtil. A CTNP comprou 515 mil alqueires na margem paranaense do rio.

Em 1930, um grupo de 11 japoneses, liderados por Hikoma Udihara, foi o primeiro a comprar lotes rurais em Londrina, perfazendo 700 alqueires, dispostos a plantar arroz. Os ingleses vieram cultivar algodão e os japoneses, arroz. Todos repararam, embora não tivessem abandonado seus planos iniciais, que era mais rentável plantar café.

Em 1975, a história pouco importava ao dono do cigarrinho de palha e às suas mãos calosas, que eram as mesmas de outras 900 mil pessoas entre trabalhadores rurais e suas famílias que dependiam diretamente daquela planta e seus grãos. As quatro cicatrizes geladas anteriores queimaram, em maior ou menor intensidade, a produção cafeeira regional que fez do Paraná, entre 1950 e 1970, o primeiro produtor do grão no país, com os cafeeiros chegando a cobrir mais de um milhão de hectares, responsáveis por mais da metade da produção nacional.

A ele, que pisava comigo o chão parecendo cristal e a relva que sentiu na madrugada os rigores de dez graus negativos, pouco parecia importar o fato de o café ter sido o responsável pela explosão econômica de Londrina. O café movimentava freneticamente as ruas londrinenses e de toda a região, naquela manhã cobertas de asfalto, medo e esperança. As mesmas ruas antes enlameadas e empoeiradas da mesma terra roxa que se abriu para receber a grande riqueza, religiosa e anualmente ameaçada pelos termômetros. A cidade tinha, então, 40 anos e ainda tremia de medo quando uma tira escarlate tingia o horizonte como aconteceu no fim da tarde do dia 17 de julho, depois de uma chuvinha. Os termômetros e o céu límpido tingido de vermelho trouxeram trágicas recordações aos moradores da cidade, dos sítios e das fazendas vizinhas.

Em 1953, atravessando o que se chamou de os “anos de ouro do café”, a cidade se viu invadida por uma enchente de bordéis de luxo e clubes de jogo, atestado da loucura financeira que Londrina e aqueles que a procuraram para

viver atravessavam. Na época, dois tradicionais senhores da terra, Lucílio de Held e Adelino Boralli, lotearam uma parte da cidade destinada a ser o grande bairro de luxo de um município luxuoso: o Jardim Shangri-lá. A propaganda foi intensiva junto às ricas famílias da região para que adquirissem os “magníficos lotes” do Shangri-lá, abandonados logo após a grande geada do ano, que queimou os pés de café e a economia regional.

Londrina saboreava, com tudo a que tinha direito, os áureos tempos: seu aeroporto era o terceiro do país em movimento, com aviões da extinta Companhia Real pousando cheios de mulheres “importadas” do Rio e São Paulo. Os aviões receberam o mesmo apelido das charretes que trabalhavam na zona: “Balaio de puta”. Elas chegavam geralmente na sexta-feira e iam embora na semana seguinte, trabalhando em casas onde se acendiam charutos em cédulas de dinheiro graúdo. A “zona” londrinense chegou a ter mais de cem casas.

A cidade teve que engolir, em 1953, o gosto amargo de sua primeira cicatriz gelada, sem o produto que levou o país às alturas no mercado internacional. Mal estava curada esta ferida e novamente, dois anos depois, o Norte do Paraná amanheceu gelado, com os cafezais queimados por outra geada. Contam que quando o céu avermelhou em 1955, os fazendeiros saíam para a Avenida Paraná, símbolo do formigueiro humano que foi se juntando em Londrina, e diziam laconicamente: “Frio? Que frio nada! Tem nada de geada não!”.

E teria. Os negócios simplesmente desapareceram da antiga “pedra” em frente à Brasileira (Lojas Huddersfield), onde eles se reuniam e concluíam suas transações abençoadas pelo café. Há lendas que se confundem com histórias, como a do fazendeiro que morreu abraçado aos galhos gelados e torrados de um cafeeiro. Mas há muitas histórias reais de suicídios e de abandono à vida.

Em 1963, os céus trouxeram os mesmos e conhecidos prenúncios. Os fazendeiros vestiam os pulôveres ao avesso para espantar o frio e a branca. De nada adiantaram as simpatias e a geada escureceu os cafezais e as esperanças. Novamente em 1969 (após o Estado ter sofrido uma grande queimada, no período intermediário entre duas geadas), mais uma dolorida cicatriz gelada ficou assinalada nos gráficos econômicos paranaenses e em sua gente.

Nas quatro cicatrizes que antecederam ao meu encontro com o lavrador e seus olhos embaçados, consta que era



comum esbarrar-se em tristes cidadãos, principalmente em 1955, em mangas de camisa, andando pela Avenida Paraná e derramando inconsoláveis lágrimas. A cidade foi se recuperando, adulta que é, das suas quatro infelicidades anteriores, rezando para que o céu gelado e anil nunca mais tivesse uma tira escarlate.

Como a que apareceu naquela quinta-feira, 17 de julho de 1975, no finalzinho do dia, quando os termômetros lambiam os quatro graus positivos. As temperaturas mínimas em Londrina em anos de frio rigoroso ameaçavam: dois graus negativos em 1955, zero grau em 63, um negativo em 65, zero grau em 69 e o mesmo em 72. No fatídico 17 de julho, o céu tingiu-se de uma cor temida na região. Geada? O cidadão na avenida Paraná pensa, o cigarro dança, depois de um gole de café quente, em sua boca curtida. Ele esfrega os olhos, esfrega as mãos, pede aos céus: “Geada? Que nada! Só um friozinho!”.

No outro dia, os jornais fizeram as contas: foram 850 milhões de pés queimados. Um homem cuida em média de três mil pés. Se foram erradicados 400 milhões de cafeeiros no Estado, 150 mil trabalhadores, a maioria “boia-fria” (na época de ouro do café predominavam as colônias nas fazendas. O boia-fria surgiu em consequência do êxodo rural por causa das geadas anteriores. A de 1975 foi o golpe fatal), ficaram imediatamente sem emprego. A erradicação foi muito maior e o campo despejou três milhões de paranaenses nas cidades e em busca de outras fronteiras agrícolas.

O então governador do Paraná, Jayme Canet Júnior, um grande cafeicultor no Norte Pioneiro, sobrevoou e depois visitou, in loco, as lavouras torradas. Viu a desilusão nas sedes das propriedades rurais e o desespero de quem, com as próprias mãos, começava no final daquela manhã a arrancar os cafeeiros queimados para depois ser demitido das fazendas. Anos mais tarde, Canet, durante uma entrevista, emocionado, chorou, sem conseguir terminar a frase sobre “a dor que eu senti junto aos produtores e aos trabalhadores nas fazendas”. O Paraná não colheu um só grão de café em 1976.

Quarenta anos depois, uma nova cafeicultura desenvolve sua timidez no mesmo torrão roxo, com um nome pouco comum ao leigo: café adensado. Nem pensar no mar verde na região nascido pelas mãos de Barbosa Ferraz. São pequenas manchas, que misturam adensado com o plantio convencional, acrescido de modernas defesas tecnológicas, pouco mais de 89 mil hectares em território paranaense, que convivem com outras culturas, quase sempre nas beiradas de um mundão de soja. Londrina e toda a região se adaptaram a um novo tempo econômico, social e cultural.

E a lembrança das ondas dos cafeeiros de horizontes infinitos, com seus braços carregados de delicadas flores brancas espalhando perfume ao longo dos quilômetros, me abraça, em meio a um carreador enlutado, na figura do agricultor de olhos molhados e seu cheiro de fumo de corda: “O céu tava azulzinho. De repente, no final do dia, ficou vermelho. Aí virou o inferno”. ■

.....
Nilson Monteiro é jornalista e escritor, autor, entre outros, dos
livros *Pequena casa de jornal* e *Pedaços de muita vida* — a história
dos 122 anos da Associação Comercial do Paraná.
.....



Cafezal atingido pela geada de 1975.
Autor R.Kretch | Acervo Museu Histórico da UEL

“Eu via a geada queimando os cafezais”

por RICARDO KOTSCHO

Já estava saindo da velha redação do Estadão, no centro de São Paulo, a caminho dos bares. Eram umas dez da noite. O chefe e compadre Raul Bastos me chamou e deu a ordem secamente como sempre, sem maiores firulas nem explicações: “Ricardinho, pega o carro e um fotógrafo e vai pra Maringá. Estão prevendo uma geada terrível para esta madrugada...”.

A previsão estava certa. Quando o dia clareou e levantou a nuvem branca que cobria a terra roxa, o sol iluminou, até onde a vista alcançava, um cemitério negro de imensos cafezais mortos de frio.

Nunca vou me esquecer desta cena, embora já se tenham passado 37 anos, muito tempo para a memória fraca de um repórter de antigamente.

Ainda bem que a história toda foi guardada na lembrança pelo Nilson Monteiro e está contada no seu belíssimo texto sobre o antes e o depois do 18 de julho de 1975.

A sensação de tristeza, inconformismo e impotência diante desta tragédia é a mesma de quando chegava ao sertão nordestino para fazer mais uma das dezenas de reportagens que escrevi sobre a seca.

A diferença é que a seca vai matando a lavoura e a esperança aos poucos, é uma tristeza sem começo nem fim. A geada é um tiro só, disparado do céu por um canhão que gela tudo de repente, em silêncio, no escuro da noite.

Apenas as vítimas das secas e das geadas é que são sempre as mesmas: os milhões de lavradores brasileiros que ainda sobrevivem da terra e têm seu destino nas mãos dos bons ou maus humores da natureza. Para enfrentá-los, só com muita reza. Às vezes, dá certo, mas nem sempre...

Vida que segue.

.....
• Ricardo Kotscho, jornalista desde 1964, recebeu quatro vezes o Prêmio Esso de Jornalismo,
• passou pelas redações de *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, entre outros jornais
• e revistas. Esteve à frente da Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência da
• República do governo Lula de 2003 a 2004.
•



De meados dos anos 1960 até o final dos anos 1970, houve uma grande evasão da população do interior do Paraná, ocasionada pela mecanização da lavoura, pela erradicação do café e pela expansão da pecuária. Uma imensa extensão de florestas naturais foi substituída por lavoura de soja e por árvores exóticas. Tudo isso gerou grande desemprego e êxodo. Quase três milhões de pessoas saíram da área rural do Paraná nessa época. A maioria deixou para trás sua tradição de agricultores, de homens e mulheres do campo, fazendo crescer as favelas e ampliando os patamares da miséria nas cidades maiores, que não contavam com estrutura para receber os novos habitantes.



A movimentação da população foi tão intensa, que o governo do Paraná, que era nomeado pela ditadura da extrema direita, numa tentativa de conter a migração, desativou o trem de passageiros que vinha do Norte do Paraná. Outra parte desse contingente se abrigou nas periferias das cidades menores e de porte médio, próximas das áreas de plantio e das grandes lavouras, passando a viver como trabalhadores diaristas e sazonais ou trabalhando na limpeza de plantações de cafezais que restaram após a grande geada de 1975. Por levarem sua comida pronta, feita na noite anterior e por comê-la fria, por não haver como aquecê-la, tornaram-se conhecidos como boias-frias.

As fotografias publicadas aqui foram feitas por João Urban entre os anos de 1977 e 1981, resultando, posteriormente, no livro *Boias-frias, Tageluhner in Suden Brasilien*, publicado em 1984 por uma editora alemã. Em 1988, a Fundação Cultural de Curitiba reeditaria o livro com o título de *Boias-frias, vista parcial*.

•
joão
urban



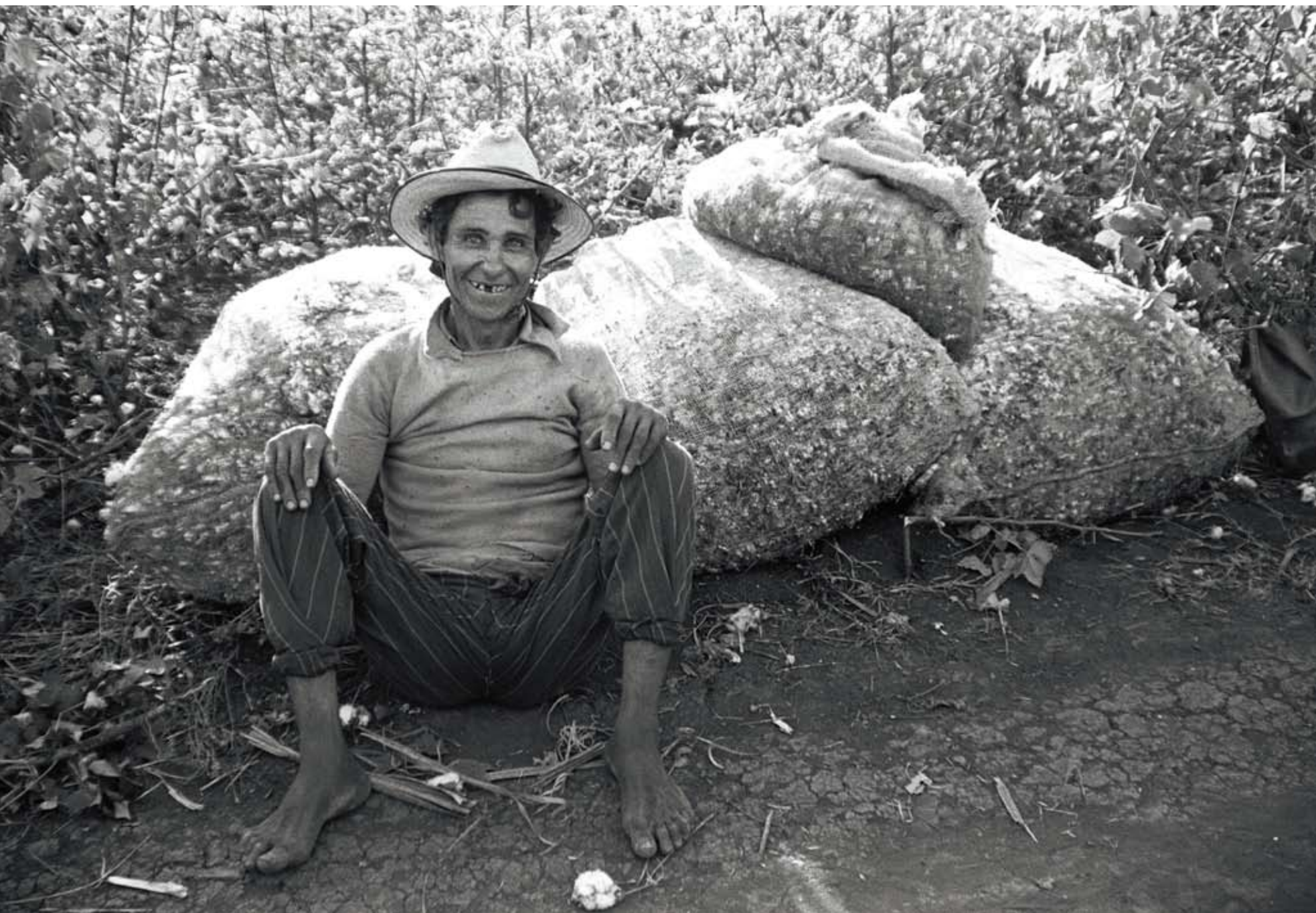


















ANTE-PROJETO
DA CIDADE DE
MARINGÁ
NO
ESTADO DO PARANÁ
ESCALA-1:5000

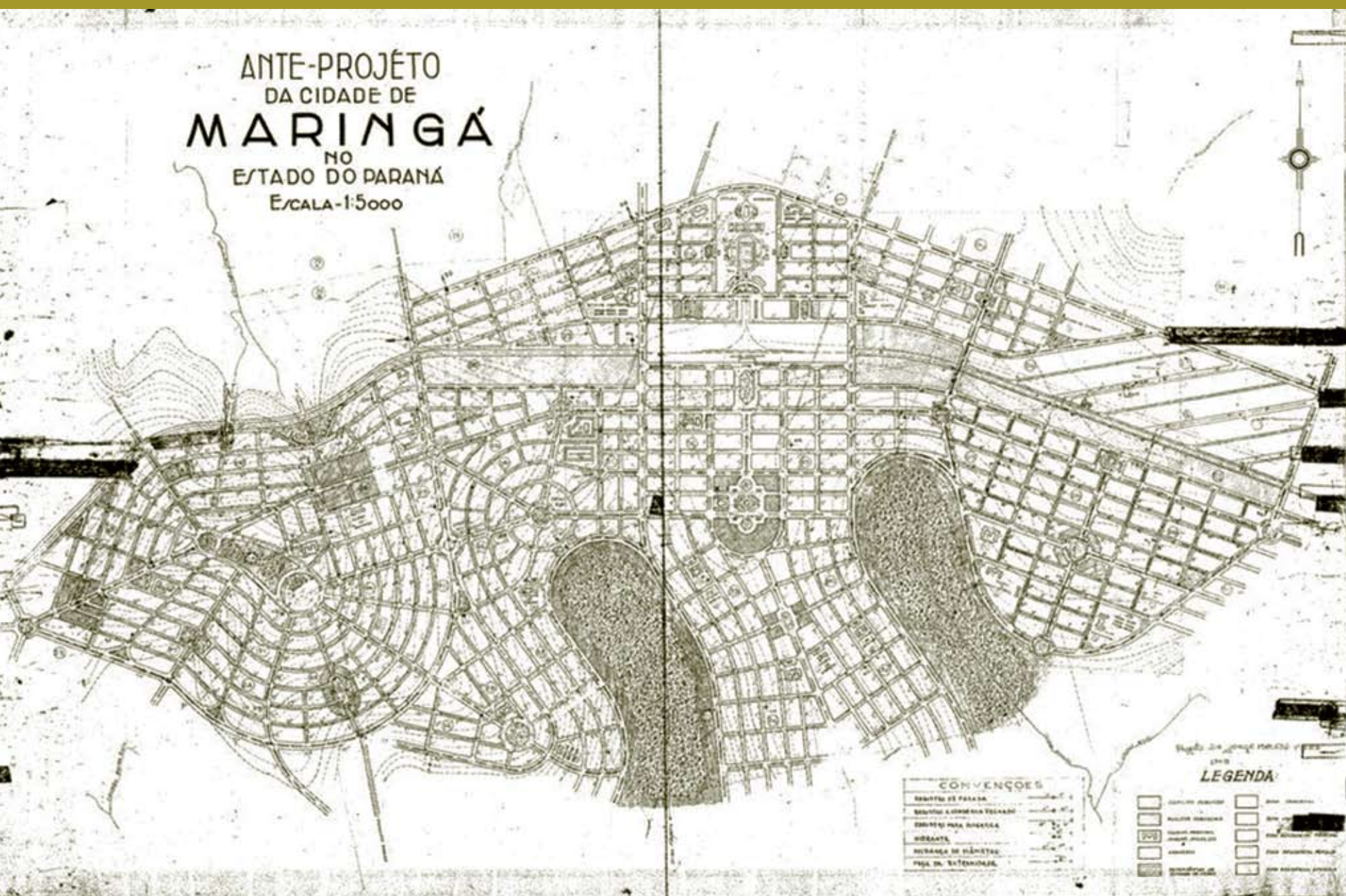


Imagem: plano original de Maringá

Maringá:

do espaço imaginado
ao espaço construído

por FABÍOLA CORDOVIL

A MAIOR CIDADE PLANEJADA DO ESTADO
JÁ EXPUNHA OS CONFLITOS ENTRE O REAL E O IDEAL
EM SUA PRIMEIRA DÉCADA DE CONSOLIDAÇÃO

Todas as cidades trazem as marcas da sua história evidenciadas nos edifícios construídos e na conformação urbana. Reconhecer uma cidade é desvendá-la na medida em que mergulhamos em suas mais particulares feições. As do Norte do Paraná possuem a peculiaridade de terem sido criadas de um golpe só, muitas delas empreendidas pelas companhias de colonização.

Maringá, atualmente com 65 anos, representou, na época em que surgiu, um modo inovador de conceber o espaço urbano. Em 1947, a área composta pela Mata Atlântica deu lugar a um projeto moderno de autoria do engenheiro paulistano Jorge de Macedo Vieira – que projetou vários bairros jardins e outras cidades novas.

Até hoje, o plano inicial de Maringá é tido como um dos exemplares da efervescência das ideias estrangeiras que assolaram o meio acadêmico e técnico dos grandes centros urbanos nas primeiras décadas do século 20. A partir da solicitação da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, que considerava Maringá um dos polos de uma rede regional, o engenheiro projetou a cidade com influências europeias e norte-americanas do urbanismo.



Maringá, década de 1970.
Acervo | Museu da Bacia do Paraná

As vias largas com canteiros centrais, os dois grandes parques e as praças são as heranças mais evidentes do projeto inicial. Neles podemos encontrar o que de mais peculiar a cidade nos oferece: a abundante vegetação que emoldura os caminhos proporcionando passeios agradáveis, levando o olhar a diferentes pontos de vista, possibilitando-nos a contínua contemplação do cotidiano e da paisagem urbana. O colorido das espécies também é resultado de um plano de arborização, encomendado pela Companhia ao engenheiro agrônomo Luiz Teixeira Mendes nos idos de 1952. Logo após o seu afastamento, em 1954, o posto principal na execução do plano foi assumido por Anníbal Bianchini da Rocha, seu assistente.

No entanto, pouco além das generosas vias largas e das exuberantes áreas verdes propostas no plano de Vieira foi realmente efetivado. Sobre as áreas verdes, vale comentar a intenção de Vieira ao propor o Parque do Ingá e o Bosque II, que, segundo ele, foi “de mostrar às gerações que viessem depois, quando a cidade estivesse construída, o que era Maringá antes da cidade. Era uma mata virgem...”.

Mas, da cidade ideal e planejada à cidade construída e materializada, há significativas modificações geradas a partir das demandas apresentadas com o desenvolvimento urbano e do adensamento populacional, alterando-se também em vista dos interesses da empresa que o encomendou. Por exemplo, se tomarmos o que se efetivara dez anos após a criação da cidade (ou seja, em 1957), verificamos que mais de 70% das áreas destinadas ao lazer e aos equipamentos públicos da Zona 03, também chamada de Vila Operária, foram loteadas pela Companhia. A zona foi destinada aos operários das indústrias que trabalhariam na zona industrial próxima, também demarcada por Vieira em seu plano.

Outro exemplo importante é o Centro Cívico. No desenho inicial, Vieira seguiu as recomendações formais e a disposição arquitetônica de diversos urbanistas que preconizavam a cidade moderna, com a concentração de um conjunto de edifícios públicos côncavos e convexos formando a composição que marcava a centralidade da praça principal.

Além disso, a estação ferroviária, com sua praça fronteira, localizava-se no eixo focal, numa linha reta aos edifícios públicos da praça principal, facilitando a legibilidade urbana para quem chegasse à cidade desembarcando nesta estação. O que se construiu do Centro Cívico proposto foram obras isoladas. Também houve o parcelamento de parte de uma das quadras. Ao contrário do que pretendia Vieira, o elemento de destaque foi a Catedral, com sua grande praça com espelhos d'água, projetada no início da década de 1980, e não os edifícios públicos. Outra descaracterização relevante realizada pela Companhia foi a construção do seu famoso Grande Hotel Maringá, em 1955, em um lugar onde Vieira pretendeu que fosse inserida a Catedral.

Se procurarmos a explicação para tantas substituições na origem da municipalidade, talvez possamos compreender as dificuldades iniciais impostas pela precariedade material dos primeiros anos de emancipação do município, em 1951. O primeiro prefeito eleito foi Inocente Villanova Júnior, que venceu o candidato apoiado pela poderosa Companhia.

Quando assumiu a prefeitura, em 1953, Villanova tinha a vultosa tarefa de estruturar minimamente a administração pública, além de iniciar a construção da cidade propriamente dita, ou seja, sua infraestrutura básica, e definir efetivamente os espaços de uso público.

De início, essa tarefa traduzia-se numa complicada demarcação entre o público e o privado. Para o prefeito, seria necessário retirar a Companhia dos mandos e desmandos quanto ao que se relacionava ao público, além de regular e tributar o que era de sua propriedade. Porém, as superposições do que era da Companhia, os seus deveres para com a municipalidade, e o que deveria ser público, não raro, deram origem a querelas e conflitos que culminaram no processo litigioso de cassação do mandato do prefeito pela Câmara Municipal, somente revertido na Justiça.

As administrações municipais que se seguiram tiveram como termo dotar a infraestrutura necessária para a cidade funcionar eficientemente. Os prefeitos tiveram como bandeira prover itens fundamentais como a pavimentação das vias, o abastecimento de água, a rede elétrica, o esgotamento sanitário, além de prédios institucionais para o funcionamento dos serviços básicos à sociedade.

O plano da cidade por si só não bastou. Uma cidade não é feita somente por suas belas vias largas e arborizadas e pelos espaços reservados aos equipamentos, além das moradias que se implantaram em datas amplas. O meio urbano necessário para o desenvolvimento saudável e eficiente dos cidadãos é feito pelas redes subterrâneas, pelas escolas e hospitais, pelos equipamentos e áreas de lazer dotadas de mobiliário urbano, entre outras coisas.

Neste aspecto, o maior esforço foi da municipalidade, que, afora a boa intenção do plano de Vieira, contou com o empenho dos técnicos vinculados ao poder público e da população que afluiu para a região à procura de trabalho, visto como possibilidade de ascensão social. A sociedade que se formou gerou a riqueza necessária para que a cidade de Maringá se tornasse cada vez mais dinâmica economicamente. ■

por SÍLVIO ORICOLLI

Na memória e no ~ CORACÃO



EMPURRADOS POR TORCEDORES APAIXONADOS,
OS TIMES DO NORTE DO PARANÁ DEIXARAM
SUA MARCA NA HISTÓRIA DO FUTEBOL DO ESTADO

Inauguração do Estádio do Café, 1976
Autor | Oswaldo Leite
Acervo Museu Histórico da UEL



Era uma festa só. Aos domingos, depois da missa ou antes da macarronada da vó: reencontro de amigos, com direito a falar mal da vida alheia, as gozações em cima dos “pernas de pau”, a admiração pelos que tinham intimidade com a bola, os “craques” da vizinhança. Quase sempre, corria entre a torcida o democrático litro de cachaça, que um mais prevenido comprava em algum alambique ou nas vendinhas. Quando o assunto era futebol, não tinha dúvida: o time dos amigos era o melhor da cidade; o da cidade, sempre o melhor da região. Más campanhas eram debitadas ao “azar” ou à atuação do juiz, “comprado” pelos adversários. Assuntos que mexiam com torcida e jogadores. A maioria na onda de moda, cabelos lambuzados com brilhantina Glostora ou Gessy, ou fixados com Gumex.

O futebol juntava ainda mais os próximos e estabelecia prudente distância com as torcidas de outras localidades. O que explicava a rivalidade entre as cidades por causa do time profissional, mesmo as mais próximas, como Cornélio Procopio, Bandeirantes, Cambará, Jacarezinho, Rolândia, Apucarana, Londrina. E depois até mesmo Maringá – na década de 1950 e início dos anos 60, o pessoal do Norte do Paraná se referia a ela como “sertão”. No entanto, as torcidas se uniam quando era jogo de campeonato de time do Norte contra outro do Sul, especialmente de Curitiba.

E coube ao Esporte Clube Comercial, de Cornélio Procopio, desbancar a hegemonia do Sul – invariavelmente os vencedores do Campeonato Paranaense de Futebol, por quase cinco décadas, eram times da capital. Justiça seja feita, em 1955, o Clube Atlético Monte Alegre, de Telêmaco Borba, quebrou esse domínio, ao decidir com o Ferroviário de Curitiba o título. Foram duas vitórias e um empate.

Mas, em 1961, o Leão do Norte levava para sua região o título daquele ano. Motivo de orgulho para os moradores da pequena e próspera cidade, cercada de sítios e fazendas, com a maior parte de suas ruas de terra roxa marcadas pelos rodados dos caminhões de toras que alimentavam as serrarias. Cornélio tinha 23 anos de emancipação política e sua economia era movida pelas safras agrícolas, que rivalizavam com outras cidades. Chegou a ser denominada “Capital do Café”.

O feito do Comercial foi comemorado nas principais ruas e concentração na Praça Brasil, no coração da cidade. Os mais abastados, os “barões”, se exibiram nos Aero Willys,

Simcas e Jeeps – com a garantia de não ficar pelo meio do caminho nas estradas enlameadas, em meio a centenas de torcedores. Para chegar à façanha, o Comercial, que foi campeão da série Norte, disputou o título paranaense com a Esportiva, de Jacarezinho, campeã da série Norte Pioneiro, e Operário, de Ponta Grossa, campeão do Sul.

O interior do Paraná conquistou seu lugar na história do futebol paranaense e abriu o caminho para conquistas de times de outras cidades. Aliás, os títulos dos próximos três campeonatos ficaram entre Londrina e Maringá, que ganhou dois campeonatos consecutivos. A fauna de mascotes se ampliaria: Tubarão em Londrina e Galo, em Maringá.

Londrina é um caso à parte. Exercia – e ainda exerce – uma atração sobre os moradores das cidades do Norte. Mãe para atrair principalmente jovens para a cidade grande mais próxima, com força econômica, oportunidades de estudo, trabalho etc. E seu time, o Londrina Esporte Clube, que nasceu Caçula Gigante, em junho de 1956, e foi promovido a Tubarão, em 1976, não só ganhou o campeonato de 1962 como deu a volta olímpica no estádio do Coritiba, ao derrotar o Coxa por 4 x 2, repetindo o placar construído no Estádio Vitorino Gonçalves Dias, dias antes. Os heróis da conquista foram Zuza; Juvenal, Pinheiro, Berto e Lelo; Cortez e Paulinho; Chinezinho, Gauchinho, Paulo Vecchio e Adamastor. O técnico era Floreal Garro. A cidade vestiu-se de azul e branco.

Sob a batuta de Urubatão Calvo Nunes, o Tubarão interrompeu o jejum de 19 anos sem títulos no Campeonato Paranaense ao derrotar, por 2 x 1, o Grêmio Maringá no dia 29 de novembro de 1981, com o testemunho de 43 mil torcedores, no Estádio do Café. A vitória era tida como certa, pois uma semana antes havia vencido o Galo, no mais tradicional tira-teima futebolístico do Norte do Paraná, chamado de Clássico do Café, por 3 x 2, em Maringá. Por isso, a festa da torcida havia começado um dia antes

da decisão, em todos os cantos da Londrina de 400 mil habitantes. O terceiro título do Tubarão em campeonatos paranaenses, em 1992, se deu em uma duríssima disputa de três jogos contra o União Bandeirante, de Bandeirantes. O Tubarão venceu a última partida por 1 x 0, depois de dois empates (0 x 0 e 2 x 2).

Na história do Londrina despontam ainda dois momentos inesquecíveis: a brilhante volta por cima no Campeonato Brasileiro de 1977. Alternou o fracasso da primeira fase, com a recuperação na repescagem, e terminou o torneio em 4º lugar, dirigido por Armando Renganeschi. O

LEC tinha uma base de bons jogadores, como Paulo Rogério, Dirceu, Carlos Alberto Garcia, Nenê, Carlos, Xaxá e outros revelados por times da região, como Ademar, Zé Roberto e Brandão, além de dois juvenis bons de bola, Everton e Nivaldo. Não tomou conhecimento de grandes equipes como Santos, Corinthians, Flamengo. Garantiu presença no quadrangular final ao derrotar o Vasco da Gama, em São Januário, por 2 x 0, gols de Garcia e Brandão. Parou no Atlético Mineiro, que tinha o genial Reinaldo – na ida, perdeu de 4 x 2 e em Londrina, empatou em 2 x 2. Dava gosto ver o time jogar.

O outro momento foi em 1980, quando conquistou o título da primeira Taça de Prata, que substituiu a Segunda Divisão do Brasileirão. Na final, no Estádio do Café, contra o CSA, sapecou 4 x 0 nos alagoanos e justificou a festa da torcida. Havia empatado o primeiro jogo em 0 x 0.

Fundado em 1961, o Grêmio de Esportes Maringá faturou dois títulos estaduais seguidos, em 1963, ao empatar em 2 x 2 com o Clube Atlético Ferroviário, em Curitiba, e em 1964, ao decidir com o Seletto, de Paranaguá. No entanto, para o torcedor maringaense, o melhor time do Galo foi o que conquistou o terceiro Campeonato Paranaense, em 1977, ao empatar com o Coritiba, no Couto Pereira, em 1 x 1, depois de ter derrotado o time da capital por 1 x 0, no Estádio Willie Davids. O tri foi conquistado

por Wagner, Assis, Celso, Nilo, Didi e Albérico, Freitas, Ferreirinha, Itamar, Nivaldo e Bernardo. Técnico: Capão. Era a chamada “equipe de elite”, inigualável na opinião de torcedores e cronistas.

O Grêmio foi declarado campeão do Torneio dos Campeões em 1969, o que lhe garantiu vaga na Taça Libertadores da América de 1970. Como o Brasil decidiu não participar da competição, os maringaenses foram aliçados da disputa do torneio. Há uma bola murcha nesta história: em 1969, a então Confederação Brasileira de Desportos (CBD) instituiu o Torneio dos Campeões, disputado entre o Botafogo, campeão da Taça Brasil, o Santos, que ganhou o Torneio Rio-São Paulo, o Sport Recife, vencedor do Torneio Norte-Nordeste, e o Galo, campeão do Torneio Centro-Sul, em competições disputadas em 1968.

O Grêmio se habilitou à final ao derrotar o Sport Recife por 3 x 0, em Recife. A decisão seria contra o Santos, no dia 11 de maio, em Maringá. No entanto, o time paulista decidiu não comparecer porque tinha jogo no mesmo dia pelo Campeonato Paulista, contra a Ferroviária, em Araraquara. Além disso, tinha jogo de desempate pela Recopa, também no dia 11, contra o Peñarol, em Buenos Aires, disputa que ainda tinha a participação do Racing. Com isso, o Grêmio recebeu o troféu da CBD. Mas não mostrou suas esporas na Libertadores.

Mais recentemente, em 2007, um time do Noroeste do Estado se destacou: o Atlético Clube Paranaíba, ao empatar em 0 x 0 com o Paraná Clube, na Vila Capanema, em Curitiba, ficou com o título paranaense. O Vermelhinho do fim da linha (alusão à cor do uniforme e ao fim da estrada que, décadas atrás, ligava Curitiba à região), também conhecido por Diabinho, aprontou suas diabruras: foi o primeiro clube do interior do Estado a derrotar o “trio-de-ferro” curitibano (Atlético, Coritiba e Paraná) cinco vezes em uma só temporada e ainda não perdeu nenhum jogo naquele campeonato, façanha inédita para os clubes interioranos.

Para isto, muito contribuiu ao Diabinho mandar seus jogos no Estádio Waldemiro Wagner, cuja arquitetura é uma réplica do Coliseum, de Los Angeles. O estádio, em cujas arquibancadas os torcedores ficam praticamente debruçados sobre os jogadores, foi inaugurado pela seleção brasileira, em 1992. O Brasil derrotou a Costa Rica por 4 x 2. ■

patrão

por WALMOR MACARINI

DE ORIGEM SIMPLES, JOÃO MILANEZ FORMOU
UM PEQUENO IMPÉRIO DE COMUNICAÇÃO E SE TORNOU
UMA FIGURA EMBLEMÁTICA DO NORTE PARANANENSE

João Milanez talvez tenha desejado cantar sua aldeia natal, mas uma voz o chamava de longe. Ele a ouvia, porém não identificava o ponto de origem. Em um sítio de Rio Morto, então município de Araranguá, Sul de Santa Catarina, ele trabalhou um pouco na roça. Depois foi marceneiro, carpinteiro (construindo casas de madeira), mineiro nas minas de carvão em Criciúma, fabricante de sapatos, vendedor de seguros e, finalmente, jornalista e dono da *Folha de Londrina*. Sua fábrica de calçados faliu e este foi o sinal para ele se mandar dali e deslocar-se para a capital paulista. Mas a fama de riqueza fácil no Norte do Paraná o fez mudar-se para essa inóspita região onde só havia mata virgem, onças, clareiras com café e muita gente estranha, de diferentes sotaques e idiomas.

Quando chegou a Londrina, em 1947, um grupo comandado por Abdoral Araújo já havia feito a edição número um da *Folha de Londrina*. Era uma folha dobrada, com quatro páginas. Milanez comprou o direito do título, pagando com



foto | arquivo | Folha de Londrina

três contos de réis que trazia no bolso, mais uma caneta Sheaffer, concorrente da famosa Parker. Passou uma borracha no histórico primeiro exemplar – que sumiu de vez – e começou o que seria a vitoriosa trajetória de seu jornal. Ele declarava-se pouco letrado, assim como aqueles que haviam chegado a Londrina antes dele – poucos sabiam ler e tantos outros eram estrangeiros, que nem falavam e nem entendiam nossa língua. Portanto, muito menos ler alguma coisa em português. A *Folha* foi o resultado de uma semente que deu certo, por graça da boa semente, da fé do semeador e da terra que a acolheu.

Londrina foi acolhedora para aqueles que amaram este lugar logo à chegada, e assim houve imediata empatia e a contrapartida. Os poucos que chegaram sem esse selo de identificação perderam-se pelas brumas e desapareceram sem deixar notícia. Outros, um pouco amedrontados pela hostilidade do meio e com as dificuldades das primeiras horas, pensaram em tomar o caminho de volta, mas, sem dinheiro para a passagem, viram-se presos à teia do destino e tiveram de ficar, vindo depois a constatar que isso foi bom.

Joanim, como Milanez era conhecido no meio familiar, tinha origem simples e foi sempre um homem moderado, mas ousado, sempre focando o futuro. Herdou a têmpera do pai, um italiano iletrado mas sábio. Em Londrina, sempre endividado para manter o jornal, ele nunca soube o que era uma vida luxuosa. Mas sua empresa ganhou força, inclusive com os novos veículos que foi fundando – primeiro a epopeia da *Folha*, depois a moderna *TV Tarobá*, de Cascavel, na continuidade a *TV Londrina*, e mais tarde a *Rádio Folha* e a compra de mais duas estações de rádio na cidade que o aceitou com carinho. Milanez fundou também outra televisão londrinense, a *TV Cidade*, mas que, por razões políticas, foi sutilmente transferida de graça, antes da inauguração, para o Grupo Paulo Pimentel.

Milanez foi o forte agente para Assis Chateaubriand instalar em Londrina a *TV Coroados*, hoje afiliada da *Rede Globo*. Visitando a cidade, o então magnata das comunicações encantou-se com o que viu e simpatizou com João Milanez, que lhe fazia a corte, e disse-lhe:



“Vou botar uma televisão aqui”. Milanez – que chegou a ser nominado “o Chateaubriand do Norte do Paraná” – não deixou que a promessa fosse esquecida. Em 21 de setembro de 1963, era inaugurada a primeira TV do interior do Paraná e a segunda do interior do Brasil (a primeira foi em Bauru, SP). Milanez poderia ter requisitado o direito de adquirir essa emissora ou presidi-la, mas abdicou e ela então passou por diversas mãos até pertencer ao Grupo RPC.

Todos os companheiros de Milanez se integraram às campanhas de seu jornal pelas grandes causas de Londrina e região. Ele, que carregava a *Folha* embaixo do braço e a entregava onde fosse, e os jornalistas que contratava não faziam do jornal apenas um veículo de comunicação, mas sobretudo de campanha. Milanez e seus jornalistas adubavam as ideias dos pioneiros, não deixando que pioressem. Às vezes, o jornal era vanguardista dos projetos desenvolvimentistas, tantas vezes caudatário. O resultado disso foi fecundo. A *Folha* impulsionava a cidade e a cidade impulsionava o jornal. E pode-se afirmar que, pela sua independência, criou um estilo político que se revelaria em fortes lideranças que a cidade teve, no âmbito municipal, estadual e federal, e que ainda hoje faz de Londrina “uma cidade ativa e rebelde”, como proclamava o ex-prefeito Hugo Cabral.

Os casos mais destacados das campanhas que a *Folha* abraçou foram a pavimentação de estradas regionais, a implantação da Universidade Estadual de Londrina e do Instituto Agrônomo do Paraná. Milanez – e ele mesmo não escrevia (“não sei escrever nada, mas pago bem pra esta cambada de comunistas fazer o meu jornal”, dizia, rindo.) – tinha consciência do poder da letra impressa e se valia desse poder. Nos primeiros tempos, os jipes do jornal cortavam as estradas barrentas e retornavam com fotos e relatos de caminhões encalhados. Isso era frequente e os governantes em Curitiba acabavam não resistindo a essa pressão – que se somava à dos pés-vermelhos lambuzando os tapetes palacianos – e o asfalto ia chegando, mesmo que lentamente. Jayme Canet foi um grande “asfaltador” e Ney Braga fez construir a Rodovia do Café. Foi então que o Paraná integrou-se, embora ainda haja ruídos dissonantes.

Passados os anos, com o jornal já expandido e circulando em todas as maiores cidades paranaenses, os curitibanos o qualificavam de “o melhor jornal do interior”. Em Londrina se dizia que era “o melhor jornal do Paraná”, por causa de sua independência. Durante toda sua existência, primeiro como jornal semanal e depois diário, chegando a vender 45 mil exemplares por dia, de segunda a segunda, a *Folha* resistiu às intempéries que sempre assolaram os jornais e revistas no Brasil, por causa do elevado custo de papel e tinta, da maquinaria gráfica, especialmente as impressoras e as fenomenais linotipos, que eram um engenhoso sistema de composição a chumbo. Na *Folha* dos primeiros anos, os jornalistas ganhavam pouco.

Milanez, ou Patrão, como carinhosamente o chamavam na redação, sempre dizia que não operava sozinho e sabia fazer elogios quando necessário. Tinha a sabedoria de sempre abrir espaço para colaboradores e contratava os melhores profissionais disponíveis. Para os que desejavam publicar suas opiniões, mas eram escassos de boas ideias, ele descartava: “Você ainda está na condição de ler a *Folha* e não de escrever nela”.

Ele teve a sorte, logo nos primeiros anos, de chegarem ao jornal dois homens que lidavam com as letras no interior paulista: Nilson Rímoli e João Rímoli. Identificando-se com os ideais de Milanez, de prestigiar empreendedores, eles traçaram uma diretriz mais sólida para a *Folha de Londrina*. Uma bandeira que chegou a virar chavão era que o jornal tinha de ser “equidistante”. Muitos não sabiam o que isto queria dizer, mas foram aprendendo, dentro e fora do jornal.

Milanez, que chamava a todos de “desgracido”, badalava os poderosos, pessoalmente e por meio de seu jornal. E justificava: só eles poderiam atender aos apelos públicos, era preciso bater nas portas certas. Certa vez, chegou sem avisar à sala do ministro Delfim Neto, capitaneando uma caravana reivindicatória. Disseram-lhe que não havia possibilidade de atendimento. Ele insistia e apelou: “Digam ao ministro que está aqui o João Milanez e que seremos rápidos”. A resposta foi rápida: “Se é o Milanez, faça-o entrar junto com seus amigos”. Em 100% dos casos, Milanez sempre acompanhava as lideranças paranaenses nas idas aos gabinetes governamentais. Outra vez, ainda com Delfim, a audiência estava marcada, mas o ministro tivera que mudar a agenda, pois embarcaria para Washington. Seria impossível atender. Milanez cravou: “Diga ao ministro que só queremos lhe entregar um memorial. Faremos a entrega dentro do elevador, em sua descida”. E assim se deu. Delfim viera um dia a conhecer Milanez e ficou seu amigo, pois o achava “veloz e esperto”, como chegou a dizer em Londrina, num discurso.

Enquanto solteiro, Milanez, conhecido até pelas árvores e os postes em Londrina, era um paquerador irreverente, que

incomodava as mulheres, porque lhes dirigia palavras nem sempre delicadas. Era “diretão”, assim como fazia com os circunstantes e os políticos do seu grau. Já os “graúdos” – termo que ele usava com frequência – ele respeitava. Milanez foi, sobretudo, um bajulador dos militares na época do último regime ditatorial, mas dizia que isso era preciso, pois o regime poderia fechar o jornal. Mesmo assim, sempre deixava espaço para que seus jornalistas escrevessem aquilo que era possível, sem autocensura. Foi chamado, como editor-chefe, dezenas de vezes às falas na Polícia Federal, mesmo depois do crivo das notícias feito pelos censores, que dia e noite se postaram na redação durante quase duas décadas.

Aos 40 anos de idade, João Milanez se casou com Marlene Maia, carioca, que viria a ser gerente administrativa do jornal. Eles não tiveram filhos e acabaram se separando. Ele se casou novamente, desta vez com Damaris Santos, e teve um filho — Rodrigo, hoje publicitário em Londrina e acionista minoritário da *Folha*. Foi na permanência desses casamentos que ele sossegou seu comportamento de paquerador. Não se pode deixar de contar o *affaire* com Dercy Gonçalves, espalhado por ela para “Deus e o mundo”. Inúmeras vezes, pela televisão, ela dizia que fora violentada por Milanez quando estivera em Londrina. A verdade é que ele não quis ir a um motel e preferiu ficar com ela no carro. Dercy disse depois ter ficado muito revoltada com essa “desconsideração” e por isso botou a boca no trombone. O episódio passou a incorporar o conteúdo dos seus programas na TV. Milanez nunca negou o fato e, muito semelhante a ela nos gracejos picantes, gostava de contá-lo aos outros.

A *Folha* deu certo porque, desde cedo, aprendeu a falar a linguagem de uma civilização diferenciada que se instalou no Norte do Paraná. Era a dos pioneiros, que vieram pobres e não se interessavam em saber a respeito da identidade daqueles que estavam chegando, pois o ideal comum era prosperar na nova terra, por via do trabalho honesto e sem vínculo a eventuais tradições de família.

Milanez morreu aos 86 anos, em agosto de 2009. ■

fazenda. luminosa

por NELSON CAPUCHO

COM DESBRAVADORES VINDOS DE DIVERSAS REGIÕES DO BRASIL
E DE OUTROS PAÍSES, LONDRINA É UM CALDEIRÃO CULTURAL DESDE A SUA ORIGEM





Espetáculo Gruta Conta Tiradentes, com o Grupo Gruta, dirigido por Nitís Jacon e apresentado no FILO de 1971. Ao centro, Itamar Assumpção | Acervo FILO

O Hino de Londrina destaca “as matas e as derrubadas, as roças de espigas dobradas e as filas cerradas de pés de café”. Contempla a “cidade de braços abertos” para pessoas de todas as origens e enaltece o progresso da urbe “que sobe e que cresce”. A letra de Francisco Pereira Almeida Jr. – embalada pela melodia do maestro Andrea Nuzzi – procura retratar a transformação da clareira aberta na mata em 1929 em um efervescente centro urbano no curto período de três décadas. Resultado de um projeto de colonização, o município foi oficialmente instalado em 1934.

Embora marcada por vertiginoso desenvolvimento, pela ansiedade de futuro e por certa mania de vanguarda, Londrina nunca se distanciou totalmente da estética do café de coador e do pão caseiro com manteiga. Se não soasse como paradoxo, poderia se dizer que é uma espécie de caipira cosmopolita. “Parece uma grande fazenda luminosa”, disse a cantora Gal Costa, nos anos 1980, observando da janela do avião a cidade ao cair da noite.

A área urbana alastrou-se. Multiplicaram-se os espigões. Mas ainda se respira a vida rural do passado. Jatos cruzam o céu sobre carroças e cavalos pastando na periferia. A Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina é uma das maiores da América Latina. O “ouro verde” enriqueceu a região. A memória dos anos 1950 e 1960 está recheada de luxuosos bordéis, onde magnatas do café e comerciantes abastados se divertiam. Artistas renomados eram requisitados para se apresentar no novo Eldorado.

Um deles foi o norte-americano Booker Pittman, considerado um dos maiores saxofonistas de jazz de todos os tempos. O músico aventureiro aportou na cidade, gostou do clima, do uísque e foi ficando. Londrina se parecia com o Velho Oeste dos Estados Unidos, aquele mostrado nos cinemas. “Só que, em vez do estouro do ouro ou do petróleo, era a corrida do café”, diz ele no livro *Por você, por mim, por nós* (reunião de seus relatos publicados postumamente pela mulher Ophelia e dedicado à filha, a cantora Eliana Pittman).

A semelhança acentua-se quando o saxofonista vai visitar um empresário que queria contratá-lo. O encontro ocorre em um clube de jogos de baralho e dados. “Quando subimos para o segundo andar, fomos revistados rapidamente dos pés à cabeça. Olhei para a esquerda daquele quatinho e vi pistolas de todas as marcas penduradas na parede! Era o check room. Eu sorri. Nem no Texas tinha um check room!”

Era um tempo fabuloso, em que se acendiam charutos com notas de dinheiro e bebia-se champanhe francês nos sapatos finos de damas da noite. “A terra vermelha era muito penetrante, ela era o dinheiro (...) Todos pareciam iguais, da mesma cor”, filosofou o saxofonista.

teatro

Percepção semelhante teve o ator e teatrólogo paulistano Roberto Koln, que chegou à cidade no início da década de 1950. “Qual a sua impressão de Londrina em 1951?”, perguntaram. “Far west”, respondeu.

Koln foi entrevistado pelo poeta e dramaturgo Maurício Arruda Mendonça para o livro *Pioneiros do teatro: GPT – Grupo Permanente de Teatro (1957-1964)*. O grupo encenou Ariano Suassuna, Gianfrancesco Guarnieri, Eugene O’Neil e Luigi Pirandello. A genealogia talvez explique companhias teatrais que depois fizeram história na cidade. Como Proteu, de Nitis Jacon, Delta, de José Antonio Teodoro, Armazém, de Paulo de Moraes (grupo que se mudou para o Rio de Janeiro) e o Cemitério de Automóveis, de um dos nomes mais respeitados da atual dramaturgia brasileira, o londrinense Mário Bortolotto (originário do grupo teatral Chiclete com Banana, com Lázaro Câmara e Edson Monteiro Rocha). Este interesse pela arte teatral desde as primeiras décadas da história gerou o respeitado FILO (Festival Internacional de Londrina), que comemora 44 anos.

O GPT influenciou também o teatro estudantil, de onde saíram nomes como o do radialista José Makiolke, o Zezão, que atuou em radionovelas e em teatro na Televisão Coroados, inaugurada em 1963. Suas recordações foram reunidas no livro *Papai Noel, Elvis & Eu* (2005). Um bom resumo da época também pode ser encontrado na monografia *Imagem e cotidiano: História da TV Coroados*

– *Londrina (PR)*, do historiador Ederval Camargo Rocha. “Junto com a televisão, a cidade ganhava também um novo impulso em diversas áreas culturais. Cria-se o Festival Universitário de Teatro, em que as apresentações eram feitas na Rádio Londrina, Igreja Presbiteriana, cinemas e em colégios. Em 1968, os cinemas eram em número de seis: Cines Brasília, Joia, Londrina, Ouro Verde, Augustus e Vila Rica. Juntando-se aos bailes do Grêmio Literário, animados por Gervásio e sua Orquestra, e aos programas de auditório da Radio Londrina, formavam o círculo de diversões que compunham a vida do londrinense”, escreveu o pesquisador.

Além do Grêmio, mencionado por Rocha, clubes como o Country, Canadá, Arel (fundada pela colônia alemã), Arol (criada pelos afrodescendentes) e Acel (ponto de reunião da colônia japonesa) eram palcos de promoções culturais. E, claro, havia o elegantíssimo Cine Ouro Verde (depois, cine teatro), inaugurado em 1952 e destruído por um incêndio em fevereiro deste ano.

literatura

Assim como no teatro, nas letras também existe tradição regional e nomes que alcançaram representatividade nacional. O mais destacado é, sem dúvida, o do escritor Domingos Pellegrini, ganhador de dois prêmios Jabuti. Pellegrini nasceu em Londrina, em 1949, e certamente usou em sua respeitada produção literária a matéria-prima que recolheu quando menino no salão de barbeiro do pai e na pensão administrada pela mãe.

Pode-se dizer que a “literatura londrinense” começa com um jornalista, H. Puiggari Coutinho, responsável pelo pioneiro *Paraná Norte*, que circulou de 1934 a 1950. Além dos registros nas páginas do jornal, Coutinho editou em São Paulo, no ano do Jubileu de Prata do município (1959), o livro *Londrina – 25 anos de sua história*, com importantes relatos pessoais sobre o “Norte novo”. Outro jornalista, Edson Maschio, inseriu sua marca na literatura londrinense com uma obra de ficção baseada em figuras reais, divertindo leitores e causando polêmica. *Escândalos da Província* (1959) teve tiragem de 2 mil exemplares rapidamente esgotada. Por iniciativa do historiador Tony Hara e do jornalista Marcos Losnak, o livro foi relançado em 2011.

Na poesia, um profícuo produtor foi o mineiro Mário Romagnolli, que chegou a Londrina em 1938. Construtor e marmorista, foi vereador por duas legislaturas e candidato a prefeito em 1955. O poeta pioneiro morreu em 1991, deixando uma obra de mais de 5 mil poesias. Seu neto, o jornalista e escritor José Antonio Pedriali o homenageou com o livro *O Poeta da Rebeldia* (2011).

Outro representativo poeta das primeiras décadas foi Francisco Pereira Almeida Jr. (o autor da letra do Hino de Londrina), que manteve a seção “Bola do dia” na *Folha de Londrina* de 1952 a 1972, transformando fatos cotidianos em versos. Merece destaque ainda o poeta, escritor, jornalista e compositor baiano Marinósio Filho, que chegou à cidade em 1946. Marinósio, coautor da popular marchinha carnavalesca “Cachaça não é água”, morreu em 1990, aos 78 anos. A eles se somaram outros pioneiros da poesia, como o professor Cassio Leite Machado, o advogado João Soares Caldas e o astrólogo Vicente Viana (Professor Netuno).

Nos anos 1970, surgem Domingos Pellegrini, Nilson Monteiro, Mirian Paglia Costa e Carlos Verçosa, entre outros. Na década seguinte, a “Panelinha de Poetas” reúne vários autores em um projeto de discussão e produção literária, com reuniões semanais na Biblioteca Municipal. Além de Monteiro, fazia parte do grupo o jovem Ademir Assunção, hoje atuante jornalista, poeta e compositor em São Paulo. A tradição da cidade de revelar bons poetas continuou nas décadas seguintes com Maurício Arruda Mendonça, Rodrigo Garcia Lopes, Karen Debértolis, Marcos Losnak, Augusto Silva e Célia Musilli, entre outros. Há também na cidade uma forte vertente oriental, ligada à colônia japonesa, que cultivava haicais e tankas, com poetas como Massasuke Mashima, Clara Sugimoto e Shishiti Minowa.

Na ficção, floresceram talentos como Marcio Américo (autor de *Meninos de Kichute*, que virou filme) e Marco Fabiani (*Trilhas de fogo*). Na crônica, Luiz Juliani (autor de *Memórias de um caçador*), Jota Oliveira, Walmor Macarini, Apolo Theodoro, João Arruda, Edson Vicente (Jerê), e Paulo Briguet são referências. Desde 2004, a cidade conta com o Londrix – Festival Literário de Londrina. Capitaneado pela editora e produtora cultural Christine Vianna, o evento reúne importantes autores nacionais e regionais, promove debates, palestras, shows e oficinas.

música

Caldeirão cultural desde sua origem, com desbravadores vindos de diversas regiões do Brasil, além de japoneses, alemães, espanhóis, portugueses, poloneses, árabes, sírios, libaneses e de outras nacionalidades, Londrina sempre foi aberta a variados estilos musicais. No início, com a “era do rádio” e o espírito caipira fortalecido especialmente por paulistas e mineiros, surgiram duplas sertanejas como Lício & Lina, do quadro da Rádio Londrina (emissora que está completando 70 anos), Juliano & Jardel, Teodoro & Sampaio e outras, além da cantora e apresentadora sertaneja Eliane Camargo, que nasceu em Londrina em 1965.

Mas a cidade esteve sempre “antenada” com a efervescência musical internacional e, em 1961, o rock começou a rolar no rádio com um programa (*Festival de rock*) apresentado por Jurandir Panza. Era o tempo de conjuntos como Os Inajás, Os Rebeldes, Os Gêmeos e Cinco Falcões (primeiro grupo de rock da cidade a gravar um disco). Apresentavam-se nos clubes e no ginásio de esportes Colossinho, do Colégio Londrinense. Com a chegada da televisão e a Jovem Guarda no auge, fez grande sucesso o programa *Ala Jovem* (1966-1971), apresentado por Oswaldo Diniz, Edson Diniz e Marta Santos na TV Coroados. O período é registrado no livro ilustrado *Ala Jovem – Retratos de um movimento*, do jornalista Ricardo Abe.

Paralelamente, o Brasil – sob ditadura militar – entrava no fértil período dos festivais de música popular, que revelariam Chico Buarque, Gilberto Gil e Cateano Veloso, entre outros. Em Londrina, o palco dos festivais era o Cine Joia. “Ficava completamente lotado e as torcidas entusiasmadas se dividiam na preferência pelas músicas”, relembra o jornalista Flávio Campos, um ativo compositor e intérprete do período. A cidade contava com grandes músicos profissionais. Muitos deles tocavam em casas noturnas, como as famosas Diana e Laura, nos bailes da alta sociedade e nos festivais.

Em 1973, acontece um show histórico, denominado *Na boca do bode* (1973), organizado por um grupo de amigos: Robinson Borba, Itamar Assumpção e Arrigo Barnabé. O londrinense Robinson lançaria em 1985 seu disco autoral, *Rabo de peixe*, e emplacaria um sucesso nacional na voz de Ney Matogrosso (“Mente, mente”). Itamar Assumpção, nascido em Tietê (SP), cresceu em

Arapongas (PR) e amadureceu musicalmente em Londrina, mudando-se depois deste show para São Paulo, onde se destacaria e conquistaria prêmios, além de ter músicas gravadas por Cássia Eller e Zelia Duncan.

O londrinense Arrigo Barnabé, por sua vez, brilhou a ponto de ter o nome mencionado em canções de Caetano Veloso e ser convidado várias vezes a se apresentar na Europa. Arrigo venceu o Festival Universitário da TV Cultura (1979) com a música “Diversões eletrônicas” e se tornou ícone de um movimento chamado Vanguarda Paulista. A essas feras se uniu a poeta e cantora Neuza Pinheiro, nascida em Arapongas e vencedora do prêmio de melhor intérprete do Festival de Música Popular da TV Tupi (1979), com a canção “Sabor de veneno”, de Arrigo.

Em um festival promovido pela Rede Globo, o MPB-Shell (1981), Arrigo Barnabé inscreveu – e classificou entre as finalistas – a valsa “Londrina”, defendida por Tetê Espíndola, a moça dos pássaros na garganta, e pelo próprio compositor. Gravou dois discos antológicos: *Clara Crocodilo* (1980) e *Tubarões voadores* (1984), eleito pela revista francesa *Jazz Hot* como um dos melhores do planeta. No clima vanguardista, também surgiu a Patife Band, que tinha na formação original Paulo Barnabé (voz), André Fonseca (guitarra e voz), Sidney Giovenazzi (baixo e voz) e James Müller (bateria). O primeiro vinil de punk rock misturado à música atonal (1985) é procurado até hoje por aficionados nos sebos. Virou raridade.

Surgido no final dos anos 1980, o grupo Bernardo Pellegrini & O Bando do Cão Sem Dono conseguiu unir poesia regional a uma levada musical característica e já gravou quatro CDs. O cantor e compositor Bernardo Pellegrini viveu um período em São Paulo, mas atualmente reside em Londrina, onde nasceu. O bando tornou-se um trio com Pellegrini (violão e voz), Marco Scolari (multi-instrumentista) e Edu Batistella (bateria).

Já a atriz, cantora e pianista Cida Moreira, também natural de Londrina, foi para São Paulo e ficou. Respeitadíssima no meio artístico, suas apresentações às vezes remetem ao clima dos cabarés. A cidade continuou revelando grandes vozes femininas, como Dona Vilma (Iyá Mukumbi), Joyce Cândido (indicada a uma gravadora por Chico Buarque), Lia Cordoni, Gisele Almeida, Kelen Franco (cantora gospel), Jemima Fernandes, Cristina Tonin e Rakelly Calliari.

Surgiram nas décadas de 1980 e 1990 grupos musicais como Beco, Pequena Londres, Surface, Madera, Cherry Bomb, Primos da Cida, Búfalos D’Água, Vermes do Limbo, Mama Quilla e Terra Celta, além de cantores e compositores como Marquinho Diet e Ivo Pessoa, o bluesman Kiko Jozzolino (que promove anualmente o Festival Blues de Londrina) e o sambista Joaquim Braga.

Na música clássica, o violinista Roney Marczak e o pianista Marco Antonio de Almeida conquistaram respeito internacional. A Orquestra Sinfônica da Universidade Estadual de Londrina (Osuel) é um patrimônio regional. A música instrumental tem excelentes compositores, como Marco Tureta, Paulo Wesley (que tocou com Arrigo Barnabé), Mário Loureiro, Antônio Lauro Del Claro e o maestro Vitor Gorni, entre outros.

A cidade mantém no calendário cultural o Festival de Música de Londrina (FML), com caráter artístico e pedagógico, que chegou este ano à 32ª edição. O rock está igualmente bem representado com eventos como o Festival Demo Sul e o HC Scene e tem como o seu maior porta-voz o radialista Paulão “Rock n Roll” Traiano.

dança

Há também a cidade bailarina. O Festival de Dança de Londrina chega neste ano à 10ª edição e vem conquistando espaço na agenda cultural do Sul do país, com atividades didáticas e espetáculos de alto nível. Na última edição, em outubro do ano passado, cerca de 3,5 mil espectadores prestigiaram as montagens nacionais e regionais. Além disso, no lançamento do festival de 2011, um *flash mob* arrastou para o calçadão da avenida Paraná mais de 300 participantes que, repentinamente, começaram a dançar surpreendendo os transeuntes.

Criada em 1993, a Companhia Ballet de Londrina tem conseguido, mesmo fora dos grandes eixos nacionais de produção de espetáculos, conquistar o público e agradar a crítica. Sua circulação de montagens coloca o grupo londrinense entre as companhias nacionais que mais se apresentam no Brasil e no exterior atualmente. Sob a direção de Leonardo Ramos, o Ballet de Londrina é mantido pela Fundação Cultura Artística de Londrina (Funcart), que também administra a Escola Municipal de Dança e o Ballezinho de Londrina.

Norte VELHO, Norte NOVO, NOROESTE: um eixo de cultura

No livro *Londrina – 25 anos de sua história* (1959), o jornalista H. Puiggari Coutinho narra a antevisão de um dos colonizadores da região. “Um dia surgiu, vindo da Escócia, do Império Britânico, esse extraordinário Lord Lovat que, pela mão de Gastão de Mesquita Filho, fez uma visita a Cambará. Como um perdigueiro real, Lord Lovat farejou, aspirando o perfume da mata virgem, o futuro de uma linha férrea que de Ourinhos levasse seus trilhos às barrancas do Rio Paraná, na fronteira do Paraguai”, escreveu.

O transporte ferroviário, que chegou a Londrina em 1935, logo se estenderia até Maringá, levando progresso ao Noroeste do Estado. Dali, uma linha rodoviária levou projetos de colonização até a região de Paranaíba.

Das migrações em busca de oportunidades, da troca de informações entre viajantes e da força de meios de comunicação como as primeiras rádios, o jornal *Folha de Londrina* e as emissoras de TV *Coroados* (1963), de *Londrina*, e *Tibagi* (1969), de Apucarana, acabou surgindo um eixo que uniu – e ainda une, de certa forma, embora hoje as identidades citadinas tenham se fortalecido – Norte Pioneiro, Norte Novo e Noroeste do Paraná. O espírito realizador dos desbravadores e a diversidade étnica proporcionaram a uma parte significativa do território estadual a sua riqueza cultural.

Jacarezinho orgulha-se dos afrescos do artista modernista Eugênio Sigaud, datados de 1956, que se encontram nas paredes e teto da Igreja Matriz local. Assaí e Uraí preservam as tradições dos imigrantes japoneses em festejos regulares. Em Cornélio Procopio, o Festival Poético anual chegou à 28ª edição. O escritor Jair Ferreira dos Santos, que mora no Rio de Janeiro desde 1971, nasceu na cidade.

Bela Vista do Paraíso também tem um escritor e crítico literário entre seus filhos ilustres: Miguel Sanches Neto (criado em Peabiru). Ibiporã é a casa de Henrique Aragão, 81 anos, grande escultor com obras espalhadas pelo Brasil e exterior. Além disso, a cidade tem revelado talentos da dança, como Danúbia Caroline Barbosa Pereira, 19 anos, que acaba de assinar contrato com uma companhia da Áustria.

Cambé tem rock na veia: foi sede do lendário Colher de Chá, um festival no estilo de Woodstock que reuniu em uma propriedade rural milhares de jovens no início dos anos 1970 (ao som de Mutantes, Joelho de Porco, Tony Hosanah e outras feras daqueles anos lisérgicos). Rolândia é só alegria com sua Oktoberfest anual. Apucarana criou neste ano o Festival de Inverno Talentos Musicais. Seu Festival de Corais está na 9ª edição e a Festa da Cerejeira – Sakura Matsuri é realizada há 18 anos.

Maringá mantém em seu calendário cultural o tradicional Festival de Música Cidade Canção (Femucic), o Festival de Cinema (Fest Cine Maringá) e o Festival Nipo-Brasileiro. Paranaíba, terra do grupo musical Gralha Azul, realiza há mais de 45 anos o Femup - Festival de Música, Poesia e Contos de Paranaíba.

As cidades do Norte e do Noroeste orgulham-se também de grandes artistas que levam seus nomes nas biografias. A atriz Grazi Massafera nasceu em Jacarezinho. As atrizes Maria Fernanda Cândido, Patrícia Selonk (Prêmio Shell de melhor atriz em 2009) e Simone Mazzer (que é também cantora) são londrinenses. Um dos mais famosos atores do Brasil, Tony Ramos, nasceu em Arapongas. Maringá foi berço da atriz Fernanda Machado e da grande estrela internacional Sonia Braga.

- Nelson Capucho é jornalista, cronista e poeta.
- Publicou cinco livros de poesia e um de crônicas.
- Participou de várias antologias e publicações literárias.



Ele avança na roda

EM UM ENCONTRO ENTRE
CONTERRÂNEOS LONDRINENSES,
O POETA **RODRIGO GARCIA LOPES**
ENTREVISTA O INCLASSIFICÁVEL
ARRIGO BARNABÉ – QUE DESDE
A DÉCADA DE 1980 CHACOALHA
A MPB COM SONORIDADES
ATONAIS E SERIAIS



foto | divulgação | Edson Kumasaka

Na virada dos anos 1970 para os 1980, quando Arrigo Barnabé e seu perigosíssimo bando invadiram a cena musical brasileira, vindos de Londrina, houve um pequeno terremoto como desde a Tropicália não se via. Ele e Itamar Assumpção (além de outros nomes como Neuza Pinheiro e Paulo Barnabé) foram para São Paulo mostrar seu talento e buscar espaço. Logo vieram os Festivais da Tupi, e a efervescência musical que começou no Norte do Paraná veio à tona, causando polêmica. Em seguida, ironicamente, criou-se o rótulo de “vanguarda paulistana” para Arrigo, Itamar e outros grupos, como Premeditando o Breque e Rumo.

Lembro-me nitidamente do impacto que me causou um show que a numerosa banda Sabor de Veneno fez do disco *Clara Crocodilo* (1980), no Cine Teatro Ouro Verde, em Londrina. Eu devia ter uns 16 anos. Havia mais pessoas no palco do que na plateia. Uma tempestade sonora. Arrigo comandando tudo aquilo no piano. Composições complexas, explodindo o formato da canção, com aquele canto falado rascante que é sua marca-registrada e antecipava o rap. Letras urbanas mal comportadas, mas que também mantinham diálogo com o melhor da música brasileira.

Saí chapado do show e comecei buscar mais informações sobre aquilo que eu tinha presenciado. Meus ouvidos nunca mais foram os mesmos. Depois, Arrigo lançou alguns

discos que são referências, como *Façanhas*, *Gigante negão* e *Tubarões voadores* (uma fusão de histórias em quadrinhos com música e um dos melhores álbuns do mundo, segundo a revista francesa *Jazz Hot*).

Com referências da música erudita e de vanguarda, de Schönberg e Bartok, do rock e da fusão de Miles Davis, dos quadrinhos e programas radiofônicos, incorporados ao melhor da MPB e da tradição da canção brasileira, Arrigo Barnabé pode ser considerado, ao lado de Itamar Assumpção (1949-2003), um dos grandes nomes da música brasileira recente.

Versátil e inventivo, é capaz de escrever um hit pop como “Uga Uga”, uma valsa brasileira belíssima como “Londrina” (melhor arranjo no festival MPB Shell de 1981), músicas complexas que fundem MPB com música atonal e serial e trilhas sonoras para filmes como *Oriundi*, *Ed Mort* e *Cidade oculta*. Arrigo também foi ator (em filmes como *Cidade oculta* e *Nem tudo é verdade*) e resgatou, como intérprete, o trabalho de Lupicínio Rodrigues (no mais recente trabalho, *Caixa de ódio*). Há alguns anos, também comanda o instigante programa “Supertônica”, na rádio Cultura Brasil. Na entrevista a seguir, Arrigo rememora a infância e adolescência em Londrina, fala da música de hoje e de seus novos projetos.

Nuvens vermelhas no céu

Na terra silêncio

Uma ave voava

O rádio anunciava

A “Ave Maria”

E dava uma saudade

Uma tristeza estranha

Uma vontade de chorar

(trecho de “Londrina”, de Arrigo Barnabé)

Em uma entrevista para o livro Na boca do bode, de Fabio Giorgio, você declara: “Sempre quis fazer uma coisa ligada ao Paraná. Sempre fui muito paranaense, muito londrinense, muito orgulhoso disso. Tanto que escrevi as composições ‘Londrina’, ‘Ibiporã’ e ‘Tamarana’. Eu queria me situar também como uma pessoa oriunda de uma cultura”. Você podia falar mais sobre isso? Como essa miscigenação cultural do Norte do Paraná, e especialmente de Londrina, cidade fundada por gente de todos os cantos do Brasil e do mundo, afetou sua sensibilidade?

Isso é uma coisa complicada de dizer. Mas eu sempre fui muito afetivo com o meu Estado. O espaço urbano de Londrina, quando eu era criança, era muito legal, uma cidade ampla, bonita, as casas de madeira tão características, misturando influências italianas e japonesas, a mistura de nacionalidades. Na minha rua, a Rua Paranaguá, na altura da Rua Sergipe, havia, em frente da minha casa, japoneses, os Nakatsukasa. Ao lado, uma enorme família espanhola, os Peralta. Um pouco depois, russos, os Bulgacov, e mais à frente, libaneses. E a relação com os negros sempre foi muito diferente do que em Curitiba, por exemplo. Realmente, fomos uma sociedade bem diferente da curitibana. Quer dizer, claro que o racismo existia, mas em grau muitíssimo menor do que na maior parte dos lugares do país, eu acredito. Isso foi uma coisa importante, uma mentalidade mais “inovadora” nas relações sociais, que também se refletia em outras áreas. Acredito que isso pode ter sido um fator importante para que surgisse em Londrina esse espécie de “febre cultural”, esse interesse quase ávido pela produção cultural.

Quais as cenas mais marcantes que você tem de sua infância e juventude em Londrina? Você acompanha o movimento cultural na cidade?

Isso é difícil. Mas lembro das tardes de domingo na casa de meus avós maternos, na Rua Professor João Cândido com a Pio XII, onde hoje fica o edifício Santa Mônica. Lembro de assistir ao carnaval na Avenida Paraná. Há, ou havia, ali um edifício com uma fachada vazada. Ficávamos ali sentados. Lembro de ir ver o presépio na catedral antiga, dos desfiles com a fanfarra do Colégio Marista pela cidade. E lembro da primeira vez que fui ao cinema, no Cine Ouro Verde. Quando apareceu o leão da Metro e rugiu, saí correndo de medo. Acompanho bem de longe o que acontece em Londrina, já sou quase um forasteiro aí.

Você, Itamar e outros músicos daqui foram para São Paulo nos anos 70. Hoje em dia, em tempos de internet e novas tecnologias de produção e divulgação da obra artística, você acha importante o artista ir para o Rio e São Paulo para “acontecer”? A que você atribui isso?

Acho que hoje é mais fácil nesse sentido. Você pode estar presente de forma virtual, e também pode se inteirar de tudo o que acontece no mundo de forma bem simples. Realmente, é incrível isso.



Já me perguntaram algumas vezes o que colocam na água em Londrina para gerar pessoas tão talentosas, em todas as artes. Estudando a curta história da cidade, constata-se que Londrina foi um grande laboratório de criação e formação não só para músicos, mas também para dramaturgos, jornalistas, escritores. Como a cidade influenciou você e outros de sua geração, como Itamar Assumpção, Paulo Barnabé, Neuza Pinheiro, Robinson Borba?

Mas em outros lugares também existe gente talentosa. Talvez a sociedade londrinense, em sua gênese, tenha colocado a cultura como um elemento importante para o desenvolvimento da cidade. O que vemos é um reflexo dessa valorização inicial.

O curitibano Paulo Leminski sempre mencionava você e seu trabalho musical nas entrevistas. Numa entrevista ao musicólogo e jornalista Aramis Millarch, ele, sem falsa modéstia, afirmava que um estado como o Paraná, que deu ao Brasil Catatau (romance de Leminski publicado em 1975) e Clara Crocodilo, só podia ser um estado de vanguarda. Qual foi a sua relação com o Leminski? E o que acha do termo “vanguarda paulistana”?

O Leminski era mais ligado ao Itamar. Nos encontramos algumas vezes. Era sempre muito legal conversar com ele, uma pessoa especialíssima, e também com a Alice Ruiz. Essa ideia de “vanguarda” foi criada pelo Nelson Motta numa coluna que ele escrevia para o jornal *O Globo*. A gente não usava esse termo. Não era uma coisa pensada, tipo “vamos fazer música de vanguarda”. A gente queria fazer uma coisa contemporânea, que refletisse o que estávamos vivendo.

Lembro-me de você, nos anos 90, criticar bastante a qualidade da canção brasileira produzida na época. Em 2004, o Chico Buarque fez uma afirmação polêmica, de que a canção brasileira havia morrido. Como você vê o status e a qualidade da canção produzida hoje, em tempos de domínio absoluto dos sertanejos universitários? Piorou? Como está o cenário musical hoje?

Vou te falar como eu vejo. As obras, os produtos culturais, surgem de uma demanda da sociedade. O que acontece é que, já faz algum tempo, a sociedade não vem mais solicitando ou mesmo dando tanta importância para a canção. É isso que eu constato. Então, como as solicitações da sociedade vão se transformando, enquanto ela mesma vai se transformando, a gente percebe que o texto e o ritmo começam a adquirir uma importância maior. Lembro que falei em uma entrevista, em meados dos anos 90, que Clara Crocodilo prenunciava uma crise da canção. Acho que de fato isso é real. Quer dizer, acho que o Chico Buarque está falando que essa hegemonia da canção não existe mais, e ele está falando da forma canção. Não que o canto vá desaparecer. O canto, evidentemente, continua de um jeito ou de outro. Mas a canção, enquanto forma, já não é hegemônica, não tem a mesma importância que teve no passado recente. Então, às vezes, quando faço uma canção, uma valsa ou coisa assim, eu me sinto um pouco anacrônico, sabe? Como aqueles compositores que produziram o romantismo tardio, o Bruckner, o Mahler. Hoje, o que acontece é um

salto qualitativo muito grande, significativo mesmo, na área dos intérpretes. Quer dizer, dos instrumentistas e cantores. Estamos com músicos de grande qualidade tanto na área erudita quanto popular, uma coisa que salta aos olhos, para não dizer aos ouvidos.

Entre as canções que você compôs, quais são as suas preferidas?

Eu gosto do “Astronauta Perdido”, “Londrina”, “Infortúnio”. Recentemente, fiz uma para um filme sobre a Anita Garibaldi, chama-se “Anita”. Gosto muito dela.

Um dos traços da MPB é sua permeabilidade. Como escreveu José Miguel Wisnik, a canção no Brasil virou um campo de possibilidades. No entanto, são poucos os criadores que se dispõem a teorizar e pensar a canção no Brasil. E você?

Eu penso, é claro. Sempre pensei muito sobre os programas estéticos, sobre os fatores de coerência. Mas não é uma coisa ainda bem sistematizada. É um processo em minha cabeça. Talvez algum dia eu consiga escrever sobre isso.

Uma vez, lendo um livro sobre a história da música brasileira recente, lançado por uma grande editora carioca, fiquei indignado com a quase total omissão do seu nome do Itamar no capítulo dedicado aos anos 80. O que mais me chocou, pela ignorância e falta de informação, foi ver o crítico afirmar que a inserção dos vocais narrativos na sua música era uma influência da Blitz, quando a gente sabe que foram eles que diluíram você. Você acha que a sua música e a da sua geração foi devidamente historicizada e compreendida?

Isso sempre acontece, fazer o quê? É assim mesmo. Por outro lado, também existe um grande reconhecimento do que a nossa geração fez, basta ver a quantidade de trabalhos acadêmicos produzidos sobre a gente.

Quais são seus projetos mais recentes?

Estou preparando um CD com parcerias com o Luiz Tatit (compositor, professor da USP e ex-integrante do grupo Rumor). Nós, que nunca havíamos feito nada juntos, de novembro do ano passado para cá produzimos seis canções. Quer dizer, quatro canções e duas experiências. Pretendemos lançar um CD em breve, junto com coisas inéditas que estavam no baú. Vai sair pela gravadora Atração, espero, até o fim do ano.

.....
 • Rodrigo Garcia Lopes é poeta, compositor, tradutor
 • e jornalista. Atualmente prepara para lançar seu
 • segundo CD, *Canções do Estúdio Realidade*.

Sossela

SÉRGIO RUBENS SOSSÉLLA NASCEU EM CURITIBA, EM 1942, E PASSOU PARTE SIGNIFICATIVA DE SUA VIDA EM PARANAVAÍ, ONDE MORREU, EM 2003. AUTOR DE VASTA OBRA POÉTICA, PUBLICOU DE MANEIRA INDEPENDENTE LIVROS COM TIRAGENS DE POUCOS EXEMPLARES. OS POEMAS AQUI PUBLICADOS FORAM PRODUZIDOS DURANTE A DÉCADA DE 1990.



desenhos para paul claudel

acabou de aparecer o negativo do sonho
que pensei fosse a matriz deste poema, o seu estêncil gelatinado
e no tamanho ofício se escreveu no banheiro, atrás do espelho
inúmeras caixas de fósforos infantis construídos por pablo picasso
para muito alumiar a verdade
inúmeras caixas de palitos imitando lápis de cor
para muito alumiar a verdade
com figurinhas amarelas e vermelhas, quase alaranjadas
para muito alumiar a verdade
e os chiclés os chicles os chicletes empalmaram tudo
para muito brincar a verdade
com figurinhas alaranjadas e amarelas, quase vermelhas
para muito brincar a verdade
inúmeras caixas de lápis de cor imitando palitos
para muito brincar a verdade
inúmeras caixas de fósforos infantis construídos por
e o onírico agora me aponta o nome de paul éluard
e o onírico agora me revela o nome de william ard
: mas nem abri o portão do campo concentracionário pelo escasso tempo
as crianças crescem rapidamente
e vozes das vítimas do nazismo pediam
que eu perseguisse clodar e clachet
por causa dos plágios nos desenhos figurados
uma florzinha incompleta nos riscos da menininha um dia incompleta
afinal, a correção evidenciou: a cópia não era cópia
e sim um equívoco de sonoridade puxa-
-puxando o clichê

a literatura que me vive

de tanto eu olhar os objetos
e tentar compreender suas superfícies, sinais, permanências
sombras, impulsos, motivações
nem sabia
olhassem para mim

sou, portanto, aquele olhado
os filmes que me viram
daqueles todos que a assisti

sob as linhas percorridas, avenidas, percebi

os desenhos das minhas crianças:
se neles eu estou (muitas vezes sem aparecer)
olhando castelos de solidões olhadas
fontes, clarezas, indecisões acertadas
esquinas, engolindo em seco, muradas

você diria: mas isso é literatura

sob a catedral que me enxerga,
a resposta.

Governo do Estado do Paraná

Beto Richa | Governador

Paulino Viapiana | Secretário de Estado da Cultura

Valéria Marques Teixeira | Diretora-Geral da SEEC

Revista Helena

Consultoria Editorial

Ernani Buchmann

Conselho Editorial desta edição

Domingos Pellegrini

Miguel Fernando

Nilson Monteiro

Coordenador Editorial

Rogério Pereira

Edição Executiva

Omar Godoy

Thaísa M. Teixeira Sade | Coordenadora de Comunicação | SEEC

Edição

Luiz Rebinski Jr.

Marcio Renato dos Santos

Projeto Gráfico | Edição de Arte

Rita Soliéri Brandt | Coordenadora de Design Gráfico | SEEC

Adriana Salmazo Zavadniak | design gráfico

Maico Amorim | design versão digital

Revisão

Marjure Akemi Kosugi

Apoio Administrativo | SEEC

Aloisio Douglas Miecznikowski | Assessor Jurídico

Lucelia Maria de Oliveira Halizak | Chefe do Grupo Financeiro Setorial

Matias Marino da Silva | Chefe do Grupo de Planejamento Setorial

Regina Iório | Assessoria da Diretoria-Geral

Vilma Gural Nascimento | Assessoria da BPP

Colaboradores publicados nesta edição

André Ducci

Angelo Priori

Claudio Kambé

Domingos Pellegrini

Fabíola Cordovil

Haruo Ohara

João Antonio

João Urban

José Antonio Pedriali

José Marconi

Jota

Laurentino Gomes

Letícia Marquez

Marcelo Cipis

Marcelo Oikawa

Miguel Sanches Neto

Nelson Capucho

Nilson Monteiro

Paulo Briguet

Rafael Campos Rocha

Renato Leão Rego

Rodrigo Garcia Lopes

Rogério Recco

Sérgio Rubens Sossélla

Sílvio Oricolli

Walmor Macarini

Capa | Haruo Ohara

Agradecimentos

Edson Kumasaka

FILO – Festival Internacional de Londrina

Folha de Londrina

Instituto Moreira Salles

Museu da Bacia do Paraná (UEM)

Museu Histórico da Universidade Estadual de Londrina



Impressão

Departamento de Imprensa Oficial do Estado – DIOE

Papel Chambril 120g | miolo e 230g | capa

Esta é uma publicação da

Secretaria de Estado da Cultura do Paraná | SEEC

Ano 1 | número 1 | outubro 2012

Tiragem | 5 mil exemplares

Distribuição gratuita e dirigida

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores.

Proibida a reprodução parcial ou total dos textos, fotos e ilustrações por qualquer meio, sem autorização prévia.

Todos os direitos reservados.

Sugestões e críticas devem ser encaminhadas para

seec@pr.gov.br

Helena na web

www.cultura.pr.gov.br

www.facebook.com/revistahelena

issuu.com/revistahelena

Também disponível para android e iOS | baixe o aplicativo



COMPARTILHE SUA REVISTA HELENA



Um pouco
de muito
da nossa
cultura